

O PÃO BARATO SAIU CARO

- Página 13 -

**PERIGO À VISTA:
OUTRO APERTO
NO CRÉDITO**

- Página 3 -

**A LÃ ESTÁ EM ALTA:
CHEGOU A HORA DE
LEVAR FÉ NA OVELHA**

- Página 8 -

**CRIAR PEIXE
NÃO TEM
MISTÉRIO**

- Página 10 -

**A PARTICIPAÇÃO
COMEÇA
PELO VOTO**

Pela segunda vez serão realizadas eleições de representantes da Cotrijuí. A votação está marcada para o período que vai de 6 a 14 de dezembro. Veja, a partir da página 4, o regulamento das eleições, o roteiro das urnas e a opinião de associados sobre a estrutura do poder na Cooperativa.

COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, esquina
Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
GERAL - PABX 332-1549

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva
Presidente:
Ruben Ilgenfritz da Silva
Vice-Presidente:
Arnaldo Oscar Drews
Superintendente:
Clóvis Adriano Farina
Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues
Borges, Nelcy Rospide Nunes, Luis
Régis do Amaral, Werner Ervin Wag-
ner, Eduardo Augusto de Menezes,
Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto,
Bruno Eisele.

Conselheiros (Efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann,
Egon Eickoff, Telmo Rovero Ross,
Joaquim Stefanello.

Conselheiros (Suplentes):

Alfredo Driemeyer, Reinhold Luiz
Kommers, Ido Marx Weiller, João
Telfó, Arnaldo Hermann, José Carlos
Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Eloy Milton Frantz, Ál-
varo Darci Contri.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Dari Bandeira, Antoninho Boiarski
Lopes, Avelino Righi.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 t
Ajuriçaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto	77.000 t
Tenente Portela	60.800 t
Vila Jôia	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.)	50.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	48.000 t
Maracajú	84.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brillante	84.000 t
Dourados	60.000 t



Órgão de circulação dirigida ao qua-
dro social, autoridades, universidades
e técnicos do setor, no país e exterior.
Nossa tiragem, 17.500 exemplares.

Associado
da ABERJE



Associado da

BAJOOCOOP
Associação dos Amigos e Servidores da Cooperativa

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de
propriedade industrial M/C11 n.
022.775 de 13.11.1973 e figurativa
M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

REDACÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. de Brum Lucchese
Moisés Mendes
Correspondente no MS:
Lorena Ely Fischer

Composto no Jornal da Manhã, Ijuí, e
impresso no Jornal do Comércio,
Porto Alegre.

Ao leitor

O mês de dezembro traz assinalado no calendário da Cotrijornal um acontecimento muito importante: do dia 6 ao dia 14 acontecem as eleições de representantes. Depois de toda uma movimentação que durou coisa de dois anos, a questão da estrutura do poder dentro da Cooperativa já é um assunto quase definido. Muitos foram os associados que acompanharam mais de perto a evolução das discussões a respeito do tema, até se chegar a uma idéia comum que possibilita a participação mais efetiva de 19 mil famílias na tomada de decisões de sua Cooperativa.

Depois da primeira eleição, em maio do ano passado, quando mais da metade dos associados compareceram às urnas para escolher companheiros para representá-los, a experiência mostrou na prática que funciona. Este ano se espera a participação de um número maior ainda de associados durante o período de votação. Afinal, como muita gente destaca na matéria que inicia na página 4, é importante escolher, entre os companheiros, alguém que represente mais de perto os interesses do quadro social na administração da Cooperativa. Não votar é não querer se envolver no dia-a-dia e na vida de uma coisa que é da gente. A participação começa pelo voto.

Até que ponto a população brasileira é realmente beneficiada pelo subsídio que existe no trigo? Esta é uma das questões que levantamos na matéria que inicia na página 13. Ali, se pode ver que o subsídio tem saído caro demais para o Brasil. Nem por isto, a população está melhor alimentada, porque comer trigo é só encher a barriga. Agora, aos poucos, o preço do pão está chegando a um nível mais próximo da realidade. Só

Do leitor

TRANSMITINDO ENTUSIASMO

Eu estudo todo dia, ficando assim bastante exigido o meu tempo. Porém, quando recebo um exemplar do Cotrijornal, é o primeiro que leio, porque no mesmo eu encontro matérias de alto valor. Elas me transmitem entusiasmo e vontade imensa de continuar sempre ligado a uma profissão que acho muitíssimo digna e da qual subsiste a maior parte da economia nacional, que é a Agricultura.

Através dos exemplares que já tenho recebido, vou conhecendo como funciona o sistema de cooperativismo de vossa região, e quiçá que seja implantado um igual aqui nessa região.

Por exemplo, no exemplar nº 77, fiquei realmente fascinado em como conseguiram abordar de forma clara e objetiva sobre a educação na comunidade, família escola.

Eu gostaria muito de continuar recebendo este jornal, que sempre vem instruindo-me mais, sob todos os aspectos.

André Pegoraro Heinemann
Canguçu - RS

UTILIDADE

Venho solicitar a remessa regular desse jornal à Delegacia de Agricultura de Colorado, pois o mesmo será de grande utilidade ao quadro de funcionários desta Delegacia.

João Luiz Ramos Teixeira
Colorado - RO

COLEÇÃO

Vimos pela presente registrar e agradecer o recebimento mensal de um exemplar do excelente Cotrijornal e anunciar nosso novo endereço - Rua 96, 290, Se-

no período de agosto a outubro, o trigo vendido aos moinhos para industrialização teve seu preço reajustado três vezes. É o início da queda do subsídio ao trigo, uma das medidas econômicas mais criticadas nos últimos tempos. Para induzir o povo a comer pão, bolacha e macarrão, governos atrás de governos foram tornando artificial o preço do trigo. Nem por isto, porém, os produtores lucraram alguma coisa com isto. E nem as populações de baixa renda, pois, mesmo barato, o pão ainda é caro para muita gente. Como é que fica então, a situação deste pessoal se o pão for chegando a preços mais reais - em termos de custos - mas inacessível a quem ganha pouco? Uma idéia que vem sendo defendida por muita gente é transferir os gastos com o subsídio ao trigo para outros produtos - o milho, o feijão, por exemplo - que alimentam mais e melhor uma população carente de comida.

Um perigo à vista: podem mudar as normas no crédito rural. A previsão é que estas alterações sejam anunciadas ainda antes do final do ano, junto com mais um pacote de medidas econômicas. Pelo pouco que se sabe até agora, existe a séria intenção de reduzir o subsídio ao crédito rural, tornando assim mais caro o dinheiro dos financiamentos agrícolas. No final das contas quem vai pagar é o consumidor, pois estes custos acabarão sendo repassados pelo agricultor na comercialização de seus produtos. Quer dizer, todo mundo paga. Nem por isto, porém, existe a certeza de que esta seja uma boa medida. Não é de hoje que se sabe que não é o setor primário, a produção agrícola, o responsável pela disparada nos índices de inflação.

tor Sul, Caixa Postal 981 - onde nos colocamos à disposição e para onde solicitamos continue sendo enviado o jornal.

Outrossim, como estamos organizando a nossa biblioteca de material sobre cooperativismo, gostaríamos de saber da possibilidade de conseguirmos uma edição completa e que forma devemos utilizar para obter esta coleção.

Jales Rodrigues Neves - Presidente
Organização das Cooperativas do
Estado de Goiás
Goiânia - GO

NR: providenciaremos na remessa dos números que ainda temos em coleção. Muitas edições foram perdidas durante um incêndio ocorrido há quatro anos na sede da cooperativa.

UMA PROVEITOSA VISITA

Durante uma proveitosa visita à Cotrijornal, recebemos um exemplar do Cotrijornal, cuja matéria muito apreciamos. Gostaríamos, se fosse possível, recebermos periodicamente o Cotrijornal, sem ônus para a Escola, assim como demais publicações que venham ao encontro do meio rural.

Colégio Veranópolis
Veranópolis - RS

UM TRABALHO QUE FASCINA

Meu interesse é fundamentalmente profissional. Sou jornalista e tenho aprendido muito com vocês sobre edição de jornal de cooperativa. Esse tipo de trabalho me fascina, por isso fico de olho na produção de vocês. Além disso, meu marido, que é agrônomo, também se interessa pelo jornal.

Conheço o Cotrijornal desde 1977. Mas acho que ele só tornou-se realmente significativo recentemente, com uma definição da política editorial. O jornal começa a funcionar para ajudar na mobilização e organização dos agricultores associados em torno de seus interesses. Se aproxima do agricultor, falando a sua linguagem. Traz para o debate as outras questões sociais, políticas e econômicas que também lhe dizem respeito e que o ajudam a situar-se no mundo que o rodeia.

Agora isso, o próprio trabalho do jornal funciona como propaganda do cooperativismo e da instituição (Cotrijornal), criando uma imagem de respeito e interesse na opinião pública. Isso pode se medir pela quantidade de pessoas, ligadas de uma forma ou de outra à agricultura e cooperativismo, interessadas em receber o jornal. São tantos que vocês já têm dificuldades para atendê-los. Quanto a isso, tomo a liberdade de fazer uma sugestão: que se estude a cobrança de uma espécie de taxa de assinatura (que ajudasse a cobrir os gastos com a edição do jornal), a ser paga por todas as pessoas que queiram receber o Cotrijornal e que não sejam associadas da Cooperativa.

Arlete de Oliveira Kempf
Cachoeirinha - RS

NR: a possibilidade de cobrarmos pela assinatura já foi estudada. A distribuição do Cotrijornal a interessados fora do quadro social, além de ser uma forma de não guardar só para a gente as experiências que estamos desenvolvendo, é encarada ainda como uma retribuição a todos aqueles que nos ajudam, de uma forma ou de outra (mesmo só lendo o Cotrijornal), a tocar nosso trabalho para a frente.

OUTRO APERTO NO CRÉDITO



Os agricultores poderão ter mais uma surpresa não muito boa, já no início de dezembro. Notícias que vêm sendo divulgadas com bastante insistência, desde o começo de novembro, especulam em cima dessas novidades, que vão mexer, principalmente, com o crédito ao setor. Se essas notícias forem confirmadas, os juros ficarão mais altos, e a conta para a agricultura não estará tão aberta como esteve até agora.

Essa reviravolta nas prioridades do governo à agricultura ainda anda meia envolta em boatos, sem qualquer confirmação oficial. Mas para Paulo Roberto da Silva, gerente de Planejamento da Cotrijuí, é bom que o agricultor fique atento, porque as tais mudanças poderão sair. Segundo ele, conforme o que vem se anunciando pela imprensa, as alterações seriam decididas durante uma reunião do Conselho Monetário Nacional, em dezembro. Elas viriam dentro de mais um "pacotão" de medidas monetárias, ou seja, relacionadas com as aplicações de dinheiro.

Em resumo, o que o governo pretenderia é a extinção dos subsídios ao crédito rural. Assim, haveria um aumento nos juros cobrados hoje, de 24 por cento dos financiamentos de custeio e 29 por cento dos de investimentos, ao mini e pequeno agricultor, e de 33 e 38, respectivamente, para os médios e grandes produtores. Isso quer dizer que o dinheiro destinado à agricultura ficará mais caro. Só não se sabe ainda a quanto este aumento chegará.

CÍRCULO VICIOSO

Faz um bom tempo que o pessoal que se diz entendido nesses assuntos, anda provocando debates em torno dos subsídios que a agricultura recebe na forma de juros mais baixos. O Paulo Roberto lembra que esses defensores de "idéias monetárias" acusam a agricultura de ser responsável, em boa parte, pelo aumento da inflação. Isto porque o setor recebe dinheiro a juros fora da chamada "taxa real" cobrada das outras áreas, como a indústria e o comércio.

Esses mesmos entendidos explicam o raciocínio com a conclusão de que o produtor não vem reinvestindo o que ganha com a agricultura. O produtor estaria pegando dinheiro barato e entrando num círculo vicioso, sempre tomando financiamentos, porque estes são compensadores. Com o argumento, eles dão a entender que, mesmo não precisando do dinheiro, o agricultor faz um bom negócio tomando o financiamento a juros reduzidos e "girando" com esse recurso.

Mas, do outro lado, estão os que não concor-

dam com essas explicações. Paulo Roberto acha que é preciso lembrar da realidade em que se encontra a agricultura. Na verdade — diz ele — o subsídio que é dado ao setor tem reflexos muito maiores, apresentando muito mais benefícios entre os consumidores de baixa renda. Este, aliás, é o ponto que muita gente cita para provar que não vem sendo a agricultura, mas a própria população, a beneficiada com o crédito subsidiado. Entre os que sempre citaram esse aspecto está o ex-diretor da Comissão de Financiamento da Produção, Paulo Vianna. O ex-ministro Alysson Paulinelli também andou lembrando desse lado da questão, dias atrás.

Para eles, se o juro é baixo, o custo da produção também será menor e, em consequência, os alimentos chegarão a preços não tão altos ao consumidor. Paulo Roberto reforça esse argumento, e lembra de um detalhe que deve ser bem avaliado. Se os juros aumentarem, tudo vai aumentar, e o agricultor terá apenas que repassar esse aumento para a sua produção. Não fica difícil de se prever que, com a retirada do subsídio, quem perderá será o consumidor de baixa renda, que terá alimentos mais caros.

ALGUÉM GANHA. QUEM?

Mas e quem ganha com isso? O gerente de Planejamento da Cotrijuí faz essa indagação, sem ter ainda encontrado uma resposta. Mas que alguém sairá ganhando, isso não é dúvida. Só que, por enquanto, tudo é especulação, pois não se sabe de que forma e quando as alterações acontecerão.

Até agora, o que há de certo é que o crédito vai ser modificado. Falando nisso, o ministro Amaury Stabile anunciou, há poucos dias, que a agricultura terá até uma "poupança rural", para canalizar recursos ao setor. Essa caderneta receberia e distribuiria recursos aos agricultores, para que o Banco do Brasil não continue controlando quase sozinho essa área. Não se sabe, no entanto, como essa poupança vai funcionar e a que órgão estará ligada.

Na reunião de dezembro, o Conselho Monetário Nacional vai dar detalhes das medidas em cogitação. E, possivelmente, dizer como acontecerão as restrições à conta que libera dinheiro à agricultura. A "conta aberta" — que destina recursos à vontade, onde for preciso — deverá deixar de existir.

Parece que, com isso, o governo pretende tirar da agricultura o dinheiro que está sendo reclamado pelo pessoal da pecuária. Os criadores de gado conseguiriam, então, parte dos recursos que hoje, segundo as autoridades, são aplicados em massa nas atividades agrícolas.

Convênio Unimed

A DECISÃO É RENOVAR

Renovamos ou não renovamos o Convênio da Cooperativa com a Unimed? Esta pergunta já faz muito tempo que periodicamente volta a ser levantada, não só pela diretoria da Cotrijuí como também nas reuniões dos representantes. Sempre que se aproxima a data de refazer o contrato, começam a surgir muitas dúvidas sobre a validade de se manter uma prestação de serviços nos moldes deste convênio da Unimed.

As opiniões são contraditórias entre os associados, como se concluiu depois de muito debater sobre o assunto: quem tem Unimed é a favor da renovação; quem não tem é contra. E hoje, 4.274 associados estão ligados ao convênio, que acabou atingindo 13.164 pessoas, levando em conta os dependentes também inscritos. Isto representa quase 30 por cento dos associados que trabalham com a Cooperativa só na Região Pioneira.

Quando se levou a questão para um debate na Equipe Central de Saúde, o resultado foi um empate. Metade dos participantes (que são os Sindicatos de toda região, mais um representante da Fidene e outro da Cotrijuí), votou a favor da renovação. A outra metade votou contra. Como fazer então para resolver o impasse? Se convocou uma reunião dos representantes eleitos da Região Pioneira. Neste encontro, que aconteceu dia 21, apareceram quatro proposições.

GANHOU A RENOVAÇÃO

A primeira era de que os próprios Sindicatos assumissem o Convênio; a segunda, de que se renovasse o Convênio, mas que a Cooperativa montasse um plano de saúde próprio dos agricultores. Uma terceira posição era de não renovar o convênio, mas sim fazer um plano de saúde. Por fim, existia ainda a posição de apenas renovar o convênio, deixando de lado qualquer programa de saúde.

Foi preciso sair para o voto secreto para chegar a uma conclusão. No final das contas, acabou prevalecendo a segunda posição. Assim, enquanto trata-

de renovar o Convênio com a Unimed, a Cooperativa também começará a montar este programa. Naturalmente, nada foi definido sobre como funcionará um plano de saúde dos associados da Cotrijuí. A decisão foi de que este assunto deverá ser muito bem discutido com todos os associados, para saber exatamente o que eles pretendem com este programa e como ele deverá funcionar.

O PERIGO DE SE ACOMODAR

Na reunião prevaleceu a idéia de que existe a necessidade de complementar o tipo de assistência que recebe o agricultor. Aí, por sinal, estava a questão mais discutida durante o encontro dos representantes. Muitos levantaram a possibilidade de que os agricultores deixem de lado uma luta mais consequente quanto aos direitos do agricultor na área da Previdência. Afinal, se comentava, o agricultor tem que descontar religiosamente os 2,5 por cento sobre tudo o que vende e ainda por cima gastar uma quantia a mais para garantir uma assistência médica e hospitalar satisfatória. Além de pagar duas vezes, ainda se pode correr o risco do pessoal se acomodar e deixar de lutar por seus direitos.

Outro ponto levantado é que a Unimed só beneficia os produtores de maior renda, isto com raras exceções. A grande maioria dos associados da Cooperativa não tem como pagar a mensalidade do convênio, ficando assim caracterizada uma distorção, pois apenas alguns têm acesso a um melhor atendimento. Neste ponto, por sinal, é que entraria a validade de um programa próprio de saúde onde todos os associados seriam incluídos e poderiam desfrutar dos benefícios.

O que não pode continuar a acontecer ficou bem claro com uma declaração do agricultor Anatalino dos Santos, que participou do encontro como representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí: "não está certo ficar sempre tirando dinheiro do bolso para engordar gente que já é gorda".



A maioria dos representantes foi favorável à renovação

EM DEZEMBRO TEM ELEIÇÕES

Em tudo que é reunião de núcleo que acontecia pelo interior, vinha sendo difícil deixar de lado um problema: a participação do associado na Cooperativa. Ela foi crescendo, atingindo novas áreas, até que chegou no ponto de reunir 19 mil associados que vivem em áreas as mais diferentes, tanto em relação a condições de solo, como de estrutura fundiária e mesmo condições econômicas, sociais e culturais de seus produtores. Isto sem contar as distâncias de um lugar para o outro.

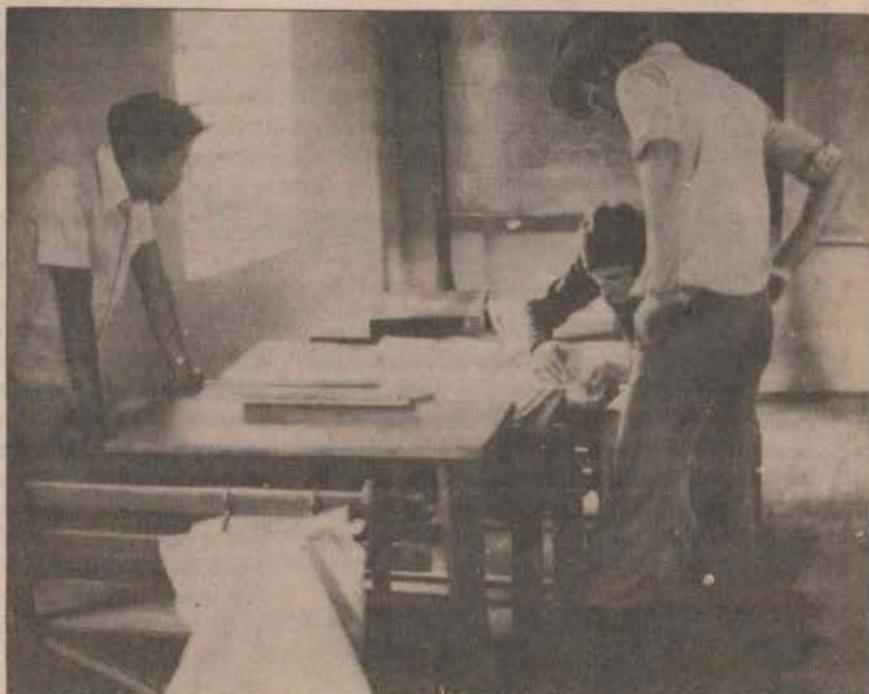
"Decidir na base do senta-levanta durante as assembléias é coisa sem cabimento", comentava o pessoal. Pois foi em parte em razão das queixas sobre as Assembléias, onde quem participava pouco ou nada decidia, que nasceu a discussão sobre a Estrutura do Poder na Cotrijuí. Agora, depois de mais de dois anos de discussões e de um ano de experiência, o assunto está posto em prática. Desde maio do ano passado existe a figura do representante dos associados na tomada de decisões da Cooperativa.

Neste mês de dezembro, entre os dias 6 e 14, será a vez dos asso-

ciados voltarem às urnas, escolhendo outra vez seus representantes. São representantes que não têm sua função resumida apenas a participar das Assembléias. É muito, muito mais do que isso. Acima de tudo ele desempenha o papel de ouvir os associados nas bases, informá-los e estar informado do que acontece na Cooperativa. Sabendo da situação e dos interesses do quadro social, eles poderão analisar melhor o que acontece e planejar as atividades na Cooperativa. E mesmo nas Assembléias eles não substituirão de todo os demais associados. Na hora de escolher os Conselheiros, presidente, vice-presidente e superintendente, todos os associados terão direito a voto. E, com isso, se acaba a época do senta-levanta.

Nas eleições de representantes deste ano existem algumas novidades (veja o regulamento na página 6). As mais importantes são que a esposa também pode ser votada e que o número de representantes, por Unidade aumentou. No lugar de eleger um representante para cada 300 associados, agora se manterá a proporção de 1 por 150.

UNIDADE	Nº DE ASSOCIADOS	Nº DE REPRESENTANTES
Ijuí	4.510	30
Santo Augusto	1.747	12
Tenente Portela	4.075	27
Vila Jóia	799	5
Coronel Bicaco	1.019	7
Chiapetta	575	4
Ajuricaba	1.369	9
Augusto Pestana	1.347	9
Dom Pedrito	1.768	12
Maracaju	827	6
Sidrolândia	156	1
Rio Brillhante	311	2
Dourados	571	4



Em dezembro, a hora de voltar às urnas

O que se quer dos representantes

"Acredito que é bom este sistema de representantes das Unidades, porque aí pode melhorar diversos aspectos, tal como a semente que faltou agora. Ainda tem o recebimento, onde creio que não há uma classificação certa. Tudo é despejado num monte só, e aí como é que se fica sabendo de quem é a semente? Nestes casos o representante pode levar a reclamação. Acho que eles deveriam fazer reuniões nas comunidades, de vez em quando, para saber o que é necessário. Seria muito difícil reunir os associados aqui, então o representante pode ir nos lugares onde têm mais associados. Eu vou comparecer e votar no dia 14. E vamos cobrar a atuação desse representante. Por isso vou votar num candidato que eu conheço, para alcançar ele com a mão quando precisar". (Dalci Minuzzi - Picadinha - Dourados).

"É válido esse sistema de representantes. Se é vá-



Christiano Ottoni - Maracaju

lido! Nós temos aqui, entre os associados, sentido que este sistema está produzindo frutos. Temos tido várias reuniões onde os associados comparecem livremente, sem que haja uma obrigatoriedade disto, e temos discutido assuntos junto com os representantes, que podem assim assimilar melhor a opinião geral entre os lavoureiros. Se espera, primeiro, que os representantes desempenhem o trabalho de acordo



Loreni Callai - Tupanciretã

com o objetivo, isto é, que realmente compareçam, marquem presença junto com os associados. Assim ele poderá estar a par das reivindicações comuns. A pessoa do representante deve ter liderança e bastante conhecimento entre os associados. O segundo aspecto diz respeito ao conhecimento que este representante deve ter sobre cooperativismo, legislação da cooperativa. É importante que ele esteja a par



Enácio Gehrke - A. Pestana

dos problemas de mercado, negociação dos produtos. A solicitação maior aos representantes é quanto ao controle de preços. Não se tem um sentimento de segurança em relação a isso. Não é um fato isolado da Cooperativa, é geral. O associado em geral acredita que esta talvez seja uma das tarefas mais importantes do representante". (Christiano Ottoni - Maracaju).

"Com os representantes tudo melhorou bastante, que fica mais fácil a comunicação. Do contrário, é difícil se conseguir saber melhor das coisas, que é tudo muito grande. De exemplo que melhorou eu conto deste convênio, de poder entregar o produto nos armazéns de outras cooperativas. Isto foi um pedido dos representantes. E também, se é para cada pouco dia a gente estar participando de tudo que é reunião para saber das coisas, não dá tempo. O representante deve ser uma pessoa que sabe das coisas e que defenda os planos e propostas dos outros associados. Por isto é importante ir votar, cada um dar a sua opinião em relação à pessoa que confia e que serve para ele". (Enácio Gehrke, Linha Progresso - Augusto Pestana).

"Eu só acho que não precisava de mais representantes. O número que tem



Wilmuth Spengler — Chiapetta



Walter Amthauer — Ajuricaba



Nelson Kerpel — C. Bicaco



Willi Bruno Breunig
— Tenente Portela —



Paulo Gilberto Bordin
— Dom Pedrito —



Carlos Alberto Paraginski
— Santo Augusto —



Waldemar Libardi
— Tupanciretã —



Alderino D. Sponchiado
— Rio Brilhante —



Ilse Terezinha Bandeira
— Ajuricaba —

já chegava. Este sistema para mim é bom, só que os representantes puderam fazer pouco até agora. O difícil é encontrar uma pessoa que visa o bem comum de todo povo. Não sobra muito tempo, com toda vida da colônia, de ver muita coisa". (Waldemar Libardi — Coronel Lima — Tupanciretã).

"Para ser um bom representante é preciso que pessoa seja bem esclarecida das coisas. E é certo as mulheres também serem representantes, receber os votos, porque elas também têm que dar as opiniões na vida. Tem ainda as vezes que a opinião da mulher é melhor que a do homem. Se é uma pessoa interessada, tanto faz se é homem ou mulher para representar os associados do núcleo". (Loreni Callai — Coronel Lima — Tupanciretã).

"Ano passado nem

sei porque não fui votar. Este ano quero ver se participo. É bom ter estes representantes, porque daí é melhor para o lugar. Na cooperativa está bom assim, mas mesmo é bom ter alguém que se interesse mais pelas coisas da Cooperativa". (Carlos Alberto Paraginski — São Pedro — Santo Augusto).

"Não tenho base se já deu para sentir alguma coisa desde que tem estes representantes, mas acho muito bom ter este sistema na Cooperativa. É necessário até que cada Unidade tenha seu representante para reivindicar o que o associado acha errado. Acho bom também fazer eleições de tempos em tempos, que daí não ficam sempre as mesmas pessoas. Quem for representante deve ser uma pessoa que não tenha lado político de partido. Deve servir a todos os associados. Por isto é importante ir votar, é até um dever dos associados para escolher bem a pessoa. Acho que algumas mulheres também têm condições de ser votadas. Algumas até dão melhor opinião do que os homens". (Wilmuth Spengler — Rincão da Lage — Chiapetta).

"O representante tem que ser uma figura de bastante atuação, não só com quem representa, mas também frente à Cooperativa. Teria que ser uma pessoa

de confiança e de muita coragem, prá lutar por aquilo que está sendo eleito. Está certo a mulher também ser votada e quem sabe até ser escolhida de representante. Em certos pontos a mulher entende os problemas melhor que os homens. A mulher também faz parte dos negócios do marido e está quase sempre vivendo os problemas mais de perto. Como no caso do leite, onde quem sabe as coisas são as mulheres e não os maridos". (Ilse Terezinha Bandeira — Linha 26 — Ajuricaba).

"Acho muito importante a eleição de representante de Rio Brilhante, que conviva conosco, conheça nossos problemas. Acho importante, também, que ele se reúna com os associados para receber as sugestões. Isso vai melhorar nosso relacionamento com a Cooperativa. O agricultor já está comparecendo mais e se interessando mais. Em Rio Brilhante nós temos problemas, como a terra arrendada, que está cada vez mais cara e menor a área, com mais pretendentes". (Alderino Domingos Sponchiado — Rio Brilhante).

"Eu acho ótimo estas eleições, porque daí se escolhe uma pessoa que é um elemento de contato entre a Cooperativa e os associados. Pelo menos assim a gente tem mais o que

desabafar com aquela pessoa, para levar sugestões e críticas à Cooperativa. O interessante é escolher bem o representante e por isto todos deviam votar. Nem se discute que esta pessoa deve ser de confiança dos associados, e que ainda entenda a situação da Cooperativa". (Nelson Kerpel — Sitio Kerpel — Coronel Bicaco).

"O certo é se escolher candidatos para se votar e não isto de que todo associado é candidato. Não é qualquer um que pode ser eleito representante, pois ele deve ter um conhecimento econômico e político e não só conhecer apenas as coisas dentro da Cooperativa. Tendo candidatos já definidos antes das eleições não acontece este esparramo de votos. Não adianta escolher alguém só porque é uma pessoa bem quista na região. Eu até propus numa reunião esta idéia de que era bom se definir antes os candidatos, mas fui mal interpretado, que o pessoal pensou que eu queria ser candidato. Mas não tenho interesse nenhum. Só me preocupo é que se deve escolher uma pessoa certa, que realmente represente os interesses dos associados. Por isso é que digo que devem ser pessoas corajosas, para que numa reunião não digam apenas sim, mas também aprendam a dizer não, desde que saibam explicar este não. A boa representatividade do associado é uma força muito grande, mas o interesse dentro da cooperativa é fazer cooperativismo e não política. Hoje o associado anda muito por fora do que acontece na sua cooperativa. Em parte, acho que também é o seu representante que não leva a informação até lá. Eu concordo plenamente que a mulher seja representante, desde que seja uma pessoa esclarecida e de certa

liderança. Já vi muita mulher levar o marido de baixo do braço. Ela pode até inspirar mais respeito e confiança do que os próprios associados. O problema é que dão pouca oportunidade prá mulher, e isso vem desde os tempos antigos". (Walter Amthauer — Linha 20 — Ajuricaba).

"Sem os representantes é mais difícil o colono saber das coisas da Cooperativa. Eu pouco participo das reuniões, mas acredito que é bom quando se participa poder falar o que pode melhorar. Uma das coisas importantes é que este representante conheça bem as coisas da colônia e a situação dos associados. A crítica é boa, mas deve visar o bem, e não ser uma crítica destrutiva". (Willi Bruno Breunig — Gamelinha — Tenente Portela).

"Agora é que o pessoal começa a entrar mais no sistema da Cotrijuí, a confiar mais na Cooperativa. Na minha zona, até bem pouco tempo, eu era o único associado. Consegui trazer muita gente prá dentro da Cotrijuí, mas esse pessoal ainda não se acostumou a participar mais da Cooperativa. Acho que nós devemos participar mais das decisões, e afinal, se não participar da Cooperativa, o produtor estará ficando de fora da coisa mais importante para que a gente consiga enfrentar essa crise geral, essa inflação. Só o cooperativismo é que pode nos salvar. Falta ainda uma maior intimidade da Cooperativa com o produtor. Ela tem que ficar sabendo dos problemas do pessoal mais de perto, e tentar resolver as dificuldades do produtor. A gente espera chegar aqui e ser ouvido mesmo. Talvez os representantes consigam fazer com que isso aconteça". (Paulo Gilberto Bordin — subdistrito de Música — Dom Pedrito).

O regulamento das eleições

Pouca coisa mudou em relação ao sistema eleitoral adotado no ano passado. As diferenças maiores são que a mulher pode ser votada, que o número de representantes é de 1 para cada 150 associados, e que será necessário usar a carteira social para votar. Ela funcionará como uma espécie de "título de eleitor".

1º) As eleições de representantes serão realizadas no período de 6 a 14 de dezembro de 1980.

2º) Cada Unidade elegerá no mínimo um representante e um suplente para cada 150 associados vinculados àquela Unidade, e mais um para cada fração igual ou superior a 50 por cento deste número. As Unidades de Recebimento com menos de 150 associados terão direito a um representante com suplente.

QUEM VOTA

3º) Poderão votar e ser votados os associados que operaram com a Cooperativa no último exercício, — ou seja, de 1º de março a 30 de novembro de 1980 — menos aqueles que foram admitidos neste período.

Obs: No Mato Grosso, onde o período de safras não coincide com o do Rio Grande, será considerado o período de 1º de fevereiro a 30 de novembro.

4º) Cada matrícula terá direito a um voto, que poderá ser delegado à esposa ou parceiro.

5º) A esposa poderá ser votada.

6º) Somente serão considerados válidos os votos dados aos associados que entregaram produto de 1º de março a 30 de novembro de 1980.

ONDE VOTAR

7º) Os associados ou esposas deverão votar na Unidade em que tiverem conta, salvo aqueles casos especiais a critério da mesa receptora de votos.

8º) Associados em trânsito, fora de sua Unidade, poderão votar desde que apresentem a nova carteira social e preencham os demais requisitos deste regulamento.

9º) Associados da Unidade somente poderão votar fora da sede, nas mesas receptoras de votos no interior, com a apresentação da carteira social.

10º) O controle da votação poderá ser realizado de duas formas, de acordo com a decisão de cada Unidade:

a) Por uma única urna e uma única lista de associados em condições de votar.

b) Ou então, por várias urnas, listas de associados e nova carteira social.

As urnas serão lacradas no final de cada dia de votação e ficarão sob a guarda do gerente da Unidade e dos mesários.

COMO VOTAR

11º) Para votar, o associado (ou sua esposa) deverá identificar-se. Sempre que existir alguma dúvida sobre a identidade do eleitor será solicitado um documento de identificação. Para eliminar quaisquer

dúvidas sobre os associados votáveis, será facilitado o acesso do eleitor à folha de votação. A seguir, o eleitor assinará esta folha de votação e receberá uma cédula rubricada por um dos mesários. Nesta cédula deverá ser escrito o nome do associado — ou da esposa de associado — em quem quiser votar.

12º) Se o associado não tiver seu nome incluído na folha de votação, somente poderá votar se comprovar à mesa que entregou produto no último exercício.

13º) O controle será com a apresentação da carteira social, que será imediatamente carimbada e rubricada por um dos mesários.

14º) Se o associado for uma parceria, apenas um dos parceiros poderá votar.

15º) No caso do associado de uma parceria também possuir uma matrícula individual, mesmo já tendo sido escolhido para votar em nome da parceria, poderá votar também pela matrícula individual.

16º) Caso o voto seja destinado a um associado que tenha nome igual ao de outro associado, será necessário identificar melhor quem recebe o voto, escrevendo também o apelido, data de nascimento, matrícula, ou qualquer outra característica que o identifique melhor.

17º) Caso o associado votante não saiba escrever, poderá solicitar a um associado de sua confiança que escreva o nome de seu candidato. Posteriormente deverá colocar suas impressões digitais na folha de votação.

OS INELEGÍVEIS

18º) Não poderão votar e ser votados, além do disposto nas normas gerais, os associados funcionários da Cooperativa.

19º) Poderão votar, mas não serem votados, os atuais membros dos Conselhos de Administração e Fiscal (inclusive presidente, vice-presidente e superintendente), as parcerias e os procuradores de associados.

A APURAÇÃO

20º) O número de representantes e suplentes por unidades será definido pelo número total de associados inscritos na Unidade, sem levar em conta se operam ou não com a Cooperativa. Os suplentes serão em igual número de representantes. Eleitos os representantes, os associados a seguir mais votados, pela ordem decrescente, serão os suplentes.

21º) No dia 15 de dezembro de 1980, com início às 8 horas, será feita a

composição da mesa escrutinadora e a apuração dos votos em cada uma das unidades.

22º) Serão contados todos os votos recebidos pelo associado, independente da Unidade e, se eleito, representará a Unidade onde obteve maior número de votos.

23º) Em caso de empate fica eleito o associado de matrícula mais antiga.

24º) Todo voto que identifica de qualquer forma o associado votado será considerado válido.

25º) No caso de um casal, marido e mulher, tendo apenas uma matrícula e recebendo votação suficiente para ocupar o cargo de representante, apenas o mais votado deles assumirá a função.

26º) A soma dos votos e a divulgação dos resultados será feita por uma Comissão de associados e funcionários, definida previamente pelo Conselho de Administração.

27º) Os casos omissos serão decididos pelos componentes das mesas receptoras e de escrutinação.

O roteiro das urnas

Em Augusto Pestana a urna não percorrerá o interior. No Mato Grosso do Sul, além das unidades, existirão urnas em Aral Moreira e Ponta Porã. A decisão de deixar as urnas sempre nas Unidades foi tomada nos seminários de cada uma destas localidades. Nos outros lugares as urnas vão cumprir um extenso roteiro, com a finalidade de tornar mais fácil o acesso dos associados aos locais de votação.

CORONEL BICACO

Núcleo	Dia	Local	Horários
Rincão da Figueira	6	Escola	9,00 às 11,00
Sítio Santos (Redentora)	6	Escola	14,00 às 16,00
São Pio X (Redentora)	7	Escola	14,00 às 17,00
Braga	7	Sede do Sindicato TR	8,30 às 11,30
Sítio Kerpel	8	Escola	20,30 às 22,00
Esquina Evangélica	9	Escola	20,30 às 22,00
Esquina São João	10	Escola	20,30 às 22,00
Sítio Briato	11	Escola	20,30 às 22,00
Galpões	12	Escola	20,30 às 22,00
Vila São Pedro (Turvinho)	13	Escola	14,00 às 17,00
Redentora	13	Sede do Sindicato TR	9,00 às 11,00
Sítio Mairoso	14	Escola	9,00 às 10,30

A urna permanecerá no escritório da Unidade em Coronel Bicaco, nos dias 8, 9, 10, 11 e 12 de dezembro, no horário de expediente. No dia 14 o horário será das 14 às 17 horas.

AJURICABA

Núcleo	Dia	Local	Horários
Pinhal	6	Mercado da Cotrijuí	8,00 às 18,00
Linha 30	6	Salão da Capela	13,30 às 17,00
Barro Preto	7	Escola Rural	8,00 às 18,00
Linha 23 - Ressaca	7	Capela São José	8,00 às 12,00
Linha 29	7	Capela São Jorge	13,30 às 17,00
Formigueiro	8	Salão	8,00 às 17,00
Linha 21	9	Escola E. de Menezes	8,00 às 17,00
Linha 15	10	Escola Rural	8,00 às 17,00
Linha 28	11	Mercado da Cotrijuí	8,00 às 12,00
Linha 26	11	Escola Sião	13,30 às 17,00
Linha 24 - Lauschmann	12	Escola	8,00 às 12,00
Linha 13 - Bortolini	12	Escola La Salle	13,30 às 17,00

A urna permanecerá no escritório da Unidade de Ajuricaba nos dias 6 (das 7h30 min às 12 horas), e 8, 9, 10, 11, 12 e 13 de dezembro, das 7h30min às 18 horas.

SANTO AUGUSTO

Núcleo	Dia	Local	Horários
Baneiras	6	Escola	8,00 às 9,30
Passo da Lage	6	Salão Comunitário	9,45 às 11,00
Linha Mineiro	6	Salão Comunitário	13,00 às 14,00
Linha São Luiz	6	Salão Comunitário	14,30 às 15,30
STR São Martinho	6	Salão Paroquial - Com. Cat.	16,00 às 17,00
Santa Lúcia	6	Salão Comunitário	17,30 às 19,00
São Luiz	7	Salão Comunitário	8,00 às 9,00
Coroados	7	Escola	9,15 às 10,30
São Valério	7	Salão Comunitário	11,00 às 12,00
São Jacó	7	Salão Comunitário	13,30 às 14,30
Santo Antônio	7	Salão Comunitário	15,00 às 15,45
São Valentim	7	Salão Comunitário	16,00 às 17,00
Assis Brasil (Ajuricaba)	7	Escola	17,30 às 19,00
Esq. N. S. de Fátima	13	Escola	14,00 às 15,00

Na Unidade, a urna permanecerá nos dias 8, 9, 10, 11 e 12, no horário das 7h30 min às 12h e das 13h30min às 18 horas. No sábado, dia 13, o horário será das 8 às 12 horas e, no domingo, dia 14, das 8 às 18 horas.



O sistema de votação é bastante semelhante ao do ano passado.

Estrutura do Poder

IJUÍ

Núcleo	Dia	Local	Horário
São Valentim	6	Salão Paroquial	14,00 às 16,00
São Miguel	6	Escola	16,15 às 18,00
Rincão da Lage	7	Escola	8,00 às 10,00
Saltinho	7	Escola	10,15 às 12,00
Linha Base Sul	8	Escola	8,00 às 9,15
Parador	8	Salão Paroquial	10,00 às 12,00
Alto da União	8	Clube Social	14,00 às 18,00
Povoado Santana	8	Salão Paroquial	8,30 às 11,00
Vila Chorão	8	Salão Paroquial	14,30 às 17,30
Linha 6 Oeste	8	Escola de Área	8,00 às 11,30
Linha 7 Oeste	8	Escola Ponche Verde	14,00 às 16,00
Linha 4 Oeste	8	Escola F. dos Santos	16,15 às 18,30
Linha 4 Leste	8	Aula Ijuicense	8,00 às 9,40
Linha 7 Leste	8	Salão Paroquial	10,00 às 12,00
Linha 10 Leste	8	Salão Paroquial	14,30 às 18,00
Dr. Bozano	9	Centro Comunitário	8,30 às 11,30
Fazenda Stunn	9	Escola	14,00 às 15,30
Rincão de Jesus	9	Escola	16,00 às 18,00
Linha 8 Oeste	9	Salão Paroquial	8,00 às 11,30
Linha 8 Oeste	9	Escola Gen. E. Dorneles	14,00 às 15,30
Linha 11 Oeste	9	Escola Guia Lopes	16,00 às 18,00
Linha 6 Norte	9	Salão Paroquial	8,30 às 11,30
República Piratini	9	Escola	14,30 às 17,30
Rincão da Ponte	9	Escola	8,00 às 9,30
Rincão Santa Catarina	9	Escola	10,00 às 12,00
Araci Servas	9	Salão Paroquial	14,30 às 18,00
Rincão do Tigre	10	Salão Paroquial	8,00 às 10,00
Rincão dos Becker	10	Escola	10,15 às 12,00
Rincão dos Góis	10	Centro Comunitário	14,30 às 18,00
Vila Mauá	10	Clube Social	8,30 às 11,30
Rincão dos Correa	10	Salão Paroquial	14,00 às 15,30
Linha 9 Norte	10	Escola Duque de Caxias	16,00 às 17,00
Linha 11 Norte	10	Salão Paroquial	17,15 às 18,30
Rincão dos Conageski	10	Escola Lobo da Costa	8,00 às 10,00
Rincão dos Casalini	10	Escola D. Pedro I	10,30 às 12,00
Ressaca de Cel. Barros	10	Escola Gen. Osório	14,30 às 17,00
Santa Lúcia	10	Centro Comunitário	8,30 às 11,30
Salto	10	Salão Paroquial	14,30 às 16,30
Vista Alegre	10	Salão Paroquial	17,00 às 18,30
Rincão dos Meggiolaro	11	Escola Ana Garros	9,00 às 12,00
Boa Esperança	11	Salão Paroquial	14,00 às 16,30
Linha Pulador	11	Escola Vicente de Taunay	9,00 às 11,00
Coronel Barros	11	Escola Miguel Burnier	14,00 às 18,00
Escola 21 de Abril	11	Clube Social	8,30 às 12,00
Arroio das Antas	11	Escola	8,00 às 10,00
Rincão dos Fabrin	11	Salão Paroquial	10,15 às 12,00
Rincão da Alvorada	11	Escola	14,30 às 16,30
Linha 8 Leste	11	Salão Kapke	17,00 às 18,00
Vila Floresta	12	Centro Comunitário	8,00 às 11,30
Linha 8 Leste	12	Clube Farrroupilha	14,00 às 15,30
Barreiro	12	Escola	7,30 às 11,00
Ponte do Conceição	12	Escola João XXIII	14,00 às 16,00
Esquina Dutra	12	Escola Duque de Caxias	16,15 às 18,00
Linha 4 Oeste	12	Escola Antônio Raposo	8,00 às 12,00
Capão Bonito	12	Escola Guilherme Soares	14,00 às 17,30
Linha 6 Leste	12	Clube 12 de Outubro	16,00 às 18,00
Linha 5 Leste	13	Escola Fernão Dias	8,00 às 9,00
Linha 4 Leste	13	Escola Pedro A. Cabral	10,30 às 12,00
Linha 4 Leste	13	Escola Otavo Bilac	15,00 às 17,00
Vila Itai	13	Grupo Escolar	8,30 às 11,30
Colônia Santo Antônio	13	Clube Flamengo	14,30 às 17,00
Colônia Santo Antônio	13	Escola Cachoeira	17,15 às 18,30

De 8 a 12 de dezembro uma urna estará no escritório da Unidade de Ijuí, durante o horário de expediente.

CHIAPETTA

Núcleo	Dia	Local	Horários
Linha São José	6	CTG	14,00 às 15,45
Rincão dos Stradas	6	Escola	16,00 às 18,00
São Luiz (S. Augusto) *	7	Escola F. Ferrari	8,00 às 9,30
Faxinal	7	Escola A. Licht	10,00 às 12,00
São Judas Tadeu	7	Capela S. Judas Tadeu	14,00 às 15,30
L. Maurício Cardoso	7	Escola	16,00 às 18,00
Inhacorá (Caturpe)	13	Escola	14,00 às 14,45
Rincão dos Bandeira	13	Escola	15,00 às 15,45
Linha Modesta	13	Escola	16,00 às 16,45
Linha Iracema	13	Escola	17,00 às 18,00
S.T. Rurais	14	Sede do Sindicato	8,00 às 12,00
As Brancas	14	Escola Rural	14,00 às 14,45
As Brancas	14	Escola Municipal	15,00 às 15,45
Rincão da Lage	14	Escola	16,00 às 16,45
Vila Nova	14	Escola Rural	17,00 às 18,00

* No núcleo de São Luiz (Santo Augusto), ficarão duas urnas no domingo, uma pela Unidade de Santo Augusto e outra de Chiapetta.

Nos dias 8, 9, 10, 11 e 12 a urna estará o dia todo no supermercado da Cooperativa em Chiapetta. Ela também ficará ali até o meio dia dos sábados, dias 6 e 13.

DOM PEDRITO

Núcleo	Dia	Localidade	Horário
Campo Seco	8	Bolicho do Bolsinha	9,00 às 12,00
Campo Seco	8	Escola N. S. Aparecida	14,00 às 17,00
Sangra Preta	9	Salão de Antônio Garcia	9,00 às 12,00
Fontoura	9	Escola de Fontoura	14,00 às 17,00
Bolicho da Pedra	10	Bolicho do Renê	9,00 às 12,00
Upacaray	10	Escola Sucessão dos Moraes	14,00 às 17,00
Ponche Verde	11	Bolicho de Schibiaki	9,00 às 12,00
Ponche Verde	11	Ambulatório	14,00 às 17,00
Três Vendas	12	Bolicho do Ildo	9,00 às 12,00
Vacaíquá	12	Escola do Prof. Manuel	14,00 às 17,00

Além desta urna volante haverá uma outra fixa na Unidade. Nos sábados 6 e 13, funcionará até o meio-dia. Nos dias 8, 9, 10, 11 e 12 das 8 às 12 horas e das 14 às 18 horas.

VILA JÓIA

Núcleo	Dia	Local	Horário
Es. Santo Antônio	6	Escola	13,30 às 18,00
S. Pedro do Pontão	7	Salão Paroquial	8,00 às 12,00
Cará	7	Clube	13,30 às 18,00
Potreirinhos	13	Escola	13,30 às 18,00
São Roque	14	Escola	8,00 às 12,00
São José	14	C.T.G.	13,30 às 18,00

Nos sábados, dias 6 e 13, a urna estará toda manhã no supermercado da Unidade. Nos dias 8, 9, 10, 11 e 12, permanecerá todo o dia no escritório.

TENENTE PORTELA

Núcleo	Dia	Local	Horário
Desimigrados	6		8,00 às 8,50
Centro Novo	6		9,00 às 9,50
Barra Grande	6		10,00 às 10,50
Alta Bela Vista	6		11,00 às 11,50
Dois Marcos	6		13,30 às 14,30
Três Marcos	6		14,40 às 15,40
Esquina Colorada	6		16,00 às 17,00
Derrubadas	6		20,00 às 22,00
Linha São Luiz	7		8,00 às 9,00
Lageado Leão	7		9,10 às 10,20
São Pedro	7		10,30 às 11,30
Alto Azul	7		13,00 às 14,00
Barra da Fortuna	7		14,10 às 15,20
Km 12	7		15,30 às 16,30
Linha Glória	7		16,40 às 17,40
Daltro Filho	7		20,00 às 22,00
Lagoa Bonita	8		7,00 às 7,50
Linha da Paz	8		8,00 às 8,50
Barreiro	8		9,00 às 9,50
Linha Bonita	8		10,00 às 10,50
Linha Progresso	8		11,00 às 11,50
Saltinho da Guarita	8		13,40 às 14,30
Linha Tigre	8		14,40 às 15,30
Bom Plano	8		15,40 às 16,30
Vista Gaúcha	8		16,40 às 18,00
Esquina Cardoso	9		8,00 às 8,50
São Marcos	9		9,00 às 9,50
Alto Cordeiro de Farias	9		10,00 às 10,50
Alto Alegre	9		11,00 às 11,50
Cedro Marcado	9		13,30 às 15,00
Esquina Pinhalzinho	9		15,10 às 16,30
N. Senhora Saúde	10		8,00 às 9,00
Braço Forte	10		9,10 às 10,10
Perpétuo Socorro	10		10,20 às 11,20
Santa Fé	10		13,30 às 15,30
Belo Horizonte	10		15,40 às 16,40
Lageado Librino	10		16,50 às 17,50
Tronqueiras	11		8,00 às 8,50
Esquina Ouro	11		9,00 às 9,50
Linha São Paulo	11		10,00 às 10,50
Linha Bonita de Miraguaí	11		11,00 às 11,50
Coxilha Ouro	11		13,30 às 14,50
Água Fria	11		15,00 às 15,50
Lageado Mangueirão	11		16,20 às 17,40
Bela Vista de Miraguaí	12		8,00 às 8,50
Sítio Gabriel	12		9,00 às 9,50
Colônia Nova	12		10,00 às 10,50
Irapuá	12		11,00 às 12,00
Cotovelo do Parizinho	13		7,10 às 8,00
Jaboriti	13		8,20 às 9,10
Jaboticaba	13		9,20 às 10,30
Esq. Jaboticaba	13		10,40 às 11,30
Barra do Guarita	13		13,40 às 14,40
Capoeira Grande	13		15,00 às 16,30
Tiradentes	13		16,40 às 17,40
São Sebastião	13		20,00 às 22,00

Além desta urna volante haverá uma urna fixa na Unidade. Aos sábados dias 6 e 13, funcionará somente no período da manhã. Nos dias 8, 9, 10, 11 e 12 estará aberta no horário de expediente.

Também em Miraguaí, no mercado da Cooperativa estará instalada uma urna, funcionando nos mesmos horários.

A LÃ VALORIZADA. E A OVELHA?



O custo da criação está cada vez mais alto. . .



. . . mas é irreversível a valorização da lã no mercado

O mercado é bastante enjoado. Os criadores ainda não se acostumaram com a idéia de que a ovelha pode dar excelentes rendimentos. Os custos da criação de ovinos estão cada vez mais altos. E, para completar, falta crédito para investimentos. Este é um resumo da situação da lã hoje no Rio Grande do Sul. Mas esse quadro poderá ser alterado, e sempre para melhor. Nunca como agora os rebanhos ovinos gaúchos ficaram diante de um futuro bastante favorável.

Para quem vem acompanhando, nos últimos anos, as dificuldades que surgem na hora da comercialização das safras de lã do Estado, esse otimismo pega de surpresa. É que a guerra entre o Irã e o Iraque atçou um problema que o Brasil e outros países importadores de petróleo vinham enfrentando há bastante tempo: os altos preços desse produto e, em consequência, as dificuldades para industrialização de mercadorias feitas à base do petróleo.

Foi aí que a tal crise de energia, que provoca tanta preocupação e alarde, começou a beneficiar, indiretamente, os criadores de ovelhas. Os fios sintéticos, fabricados com fibras extraídas do petróleo, foram ficando cada vez mais caros. E, invertendo o que estava acontecendo nos últimos anos, a indústria é obrigada agora a deixar esses fios de lado, para dar

maior atenção à fibra natural, ou seja, à lã.

MOTIVOS DO DESPREZO

O agrônomo Paulo Arines Pedroso, da Secretaria da Agricultura e cedido a Cotrijuf para coordenar o programa de ovinos em Dom Pedrito, acha que essa mudança é uma coisa irreversível. Vai acontecer de qualquer forma, beneficiando a lã gaúcha não só no mercado interno, mas também na hora de exportar. Isto porque as consequências da crise do petróleo pegam todos os países importadores.

É uma boa notícia para os criadores, que vinham olhando a ovelha com um certo desprezo. Pedroso lembra que essa indiferença do criador tradicional da zona da campanha, diante da pouca rentabilidade da lã, tem vários motivos, e estes abrangem inclusive a própria situação do rebanho ovino. Primeiro porque o mercado interno para a lã é muito complicado. Mesmo que precisem de matéria-prima, as indústrias manejam a comercialização, compram quando querem, atrasam a colocação da safra.

Só que a questão da comercialização não fica assim, isolada, no meio dos obstáculos que a criação de ovinos vem enfrentando. Fazendo uma análise mais a fundo, Pedroso reconhece que a própria ovelha, e não só a lã, não tem merecido a

Falta um tanto de estímulo

— O negócio bom agora é o boi.

Esta frase, do criador Brasil Zamberlan, da localidade de Campo Seco, basta para que se possa avaliar a baixa cotação da ovelha em Dom Pedrito e outros municípios da zona de pecuária do Estado. Ele tem 300 cabeças de ovinos, e por enquanto não pretende investir mais na criação, por achar que a atividade não vem sendo muito rentável.

Zamberlan continua apostando no boi, e ainda não chegou a ouvir muita coisa a respeito do bom futuro que a crise do petróleo pode assegurar à lã. Nessa safra, de acordo com preços de referência fixados pela Fecotrijo, a lã ficará entre Cr\$ 160,00 e Cr\$ 170,00 o quilo, dependendo da qualidade do produto. Mas para Zamberlan, esses valores — superiores em média em 56 por cento aos do ano passado — ainda não são muito estimulantes.

MEIO DORMINDO

O seu Álvaro Madruga Lanes, criador de 500 cabeças de ovelhas no distrito de Santa Rosa, dá um exemplo de que o ovino não vem exigindo tanta preocupação. Ele andava atrás de informações sobre a tal de tosquia

australiana, na Cotrijuf, certo de que o resto dos criadores do distrito "anda meio dormindo".

Para o seu Álvaro, seria bom se todos demonstrassem interesse, diante de uma novidade como esta esquila com a ovelha desatada. Mas isso não acontece. "Vim para a cidade, para que o meu filho se formasse advogado, e deixei um pouco a fazenda, fiquei um pouco maneado", diz ele, para explicar que não chegou a pensar ainda em investimentos com ovinos.

Apesar da certa indiferença com a ovelha, os pequenos rebanhos também fazem parte das poucas propriedades de minifundiários de Dom Pedrito. Delci da Rosa Vieira, do Banhado dos

Anastácio, é um desses pequenos criadores de ovinos. Ele tem 6 braças (uns oito hectares), onde planta de tudo e cria de tudo. Nessa diversificação, com pequenas quantidades de cada coisa, ele mantém um lotezinho de 12 ovelhas.

Mesmo sendo pequeno, seu Delci sabe de detalhes do mercado da lã. Segundo ele, a comercialização da safra gaúcha só dá boa quando há comprador estrangeiro, pois aqui as indústrias não pagam bem. "O mercado não é firme — diz ele —, e esse ano pode dar um bom preço, e no ano que vem pode não dar". Daqui uns dois anos, seu Delci pretende investir mais em ovi-

nos, pra ver o que acontece, e já planeja comprar 50 cabeças.

PREÇO, UMA DÚVIDA

Não há, em Dom Pedrito, muita expectativa em torno do preço que a lã poderá conseguir este ano. Segundo Jorge Luís Lopes Farias, que controla o recebimento, os preços vão depender dos valores que a Cotriexport conseguir, na hora da comercialização. Em dezembro começam a ser acertadas as vendas, e só então vão chegar as primeiras informações sobre as tendências do mercado.

Da safra do ano passado, a Cotrijuf vendeu 713 mil quilos no Rio Grande do Sul, 517 mil para São Paulo e 63 mil quilos

foram exportados para a Holanda. Por enquanto, os criadores estão recebendo adiantamentos, pagos pela cooperativa não só aos associados de Dom Pedrito, mas a produtores de mais de 20 municípios que entregam a lã a Cotrijuf.

Estão sendo dados 90 cruzeiros pelo quilo do velo; 60 para a lã de borrego; e 50 para a garra original. Os outros adiantamentos são os seguintes: barriga, 58 cruzeiros; pata, 40; descole, 50; restosa, 60; lã de campo, 30; pelego, 50; e outras partes menos valorizadas da lã, 20 cruzeiros.

Só após a comercialização da safra, é que vai se saber — com os preços médios — a quanto a lã terá chegado este ano. Mas, mesmo que o preço seja compensador, não será agora, de imediato, que o criador acreditará mais na ovelha. De acordo com dados da Secretaria da Agricultura, Dom Pedrito tinha, em 1974, 561 mil cabeças de ovinos, reduzidas atualmente para 542 mil. O rebanho vem caindo em número e qualidade. E levará um bom tempo para que seja reerguido e ganhe força como uma das poucas vantagens que o criador pode tirar da fala da crise do petróleo.



Brasil Zamberlan: o bom é boi



Álvaro Lanes: ando maneado



Delci Vieira: por dentro do mercado



Pedroso: poucos entendem mesmo de lã

Ele explica que não houve uma renovação dos plantéis, não houve uma maior preocupação com a aquisição de bons reprodutores. Essa deficiência é notada no produto (carne ou lã) apresentado pelo criador, que não tem orientação sobre a melhor forma de manter, ampliar e aperfeiçoar a criação.

SEPARAR AS OVELHAS

No manejo também há problemas. Em Dom Pedrito, por exemplo, a proporção é de uma ovelha para cada cabeça de bovino, enquanto que o ideal seriam cinco cabeças de ovinos para uma de bovino. A lotação média é de uma ovelha por hectare, o que o agrônomo considera muito pouco. Pedroso acredita "mesmo que pareça heresia", que a saída seria investir em pastagens, dando aos ovinos uma área especial do campo, ao contrário do que ocorre até agora, com os rebanhos de ovelha e bois sendo manejados juntos.

Ele cita inclusive uma experiência bem sucedida, na Estação Experimental da Secretaria da Agricultura, em Vacaria. Lá, são mantidas 80 ovelhas, com borrego ao pé, num hectare com pastagem. Os resultados são excelentes, como investimento em termos de lã. E não é só isso o que conta, segundo Pedroso, mas a própria fertilidade do rebanho, que tem maior capacidade de procriar quando bem tratado. Talvez seja por isso que, considerando os borregos assinalados (marcados), a média gaúcha é de 42 nascimentos para ca-

da cem ovelhas. Na Nova Zelândia, tradicional criador de ovelhas, a média é de 120 borregos para cada 100 ovelhas, já que o ovino pode ter mais de uma cria por gestação.

O agrônomo faz questão de dizer que um rebanho que não tem acompanhamento e não merece renovação, só pode apresentar uma lã de baixo rendimento. Segundo Pedroso, isso acontece também em decorrência da má escolha dos reprodutores. "Os criadores — diz ele — acreditam que qualquer reprodutor serve para seus rebanhos". Com isso, ele conclui que, na verdade, são poucos os que entendem mesmo de lã.

RENDE MAIS QUE O BOI

Para que tudo seja alterado, vai ser preciso muito tempo e muito trabalho. O certo é que o criador não dá e nunca deu maior atenção aos ovinos, porque ninguém disse a ele como essa atividade pode ser mais rentável. Pedroso acha que é a partir desse aspecto que qualquer idéia nova deve começar. Mesmo que hoje o boi esteja bem cotado, com bons preços, o agrônomo acredita que a ovelha pode render muito mais, em termos de carne e de lã.

Os investimentos poderão inclusive amenizar os atuais custos da atividade, pois os vermífugos e outros componentes e a própria tosquia encareceram bastante. Investindo, o criador teria maiores compensações. Hoje, no entanto, além da resistência dos produtores,

que não acreditam muito nos lucros que a ovelha oferece, faltam recursos. Não há crédito à disposição dos pequenos criadores, que pretendam aumentar seus rebanhos e melhorar a qualidade dos plantéis.

Pedroso acha que a solução seria fazer com que as cooperativas passassem recursos, principalmente para a aquisição de reprodutores. Se os financiamentos fossem conseguidos, as mesmas cooperativas assumiriam a tarefa de orientar o associado, já no momento da aquisição dos carneiros. Hoje, um bom reprodutor pode ser adquirido por até 15 mil cruzeiros. Contando com orientação técnica, o criador poderia ter um carneiro para cada lote de 150 ovelhas.

Iniciando assim, o agrônomo acredita que será um bom começo. Ele está desde maio de 79 em Dom Pedrito, e acha que, de lá até agora, a situação melhorou bastante, com muitos criadores olhando com mais cuidado os rebanhos ovinos. Para ele, é preciso ver que essa atividade é a mais importante, em termos sociais, na zona da pecuária, pois a ovelha representa a produção de carne para o consumo interno na propriedade, e rende um bom dinheiro em lã. Pedroso fica empolgado ao pensar na evolução do rebanho gaúcho, e espera um dia ver no Estado o que acontece na Austrália, onde as filhas dos fazendeiros fazem a classificação da lã e onde cães adestrados auxiliam no pastoreio.

Na classificação agora começa o movimento

Velo é a lã da parte considerada nobre da ovelha. Comparsa é um conjunto de esquiladores. Retosa é a lã de pouca altura, esquilada fora do período de safra. O pessoal que trabalha no centro de recebimento e beneficiamento de lã, em Dom Pedrito, decifra esse palavreado da campanha, sempre que aparece algum curioso de outra região no local. O centro é um grande depósito, onde começa agora o movimento dessa safra, que vai até março.

O movimento, por enquanto, não é muito grande, mas daqui a pouco vai apertar. Pode parecer absurdo, mas cada velo (que é a lã nobre esquilada de cada ovelha) vai passar pelas mãos de seis classificadores. Eles olham a lã, manuseiam com cuidado e vão distribuindo o produto, de acordo com a qualidade. São mais de 30 classificações, e tudo isso eles sabem de cor.

Este ano, a Cotrijuí espera receber um milhão e 200 mil quilos de lã. Considerando que cada velo pode ter, em média, 4 quilos, isso quer dizer que os classificadores terão que examinar nada menos de 300 mil velos. E todo esse trabalho é manual. A máquina só interfere no momento de prensar a lã, transformando os velos em grandes "pacotes" de 400 quilos, acondicionados em estopa. Depois de "empacotada", a lã está pronta para ser encaminhada à Cotrijuí para o primeiro da série de bene-

ficiamentos até chegar ao consumidor ou ser exportada.

MÃOS FINAS

Adão Vieira Postigioni, há 30 anos como classificador, está bastante alegre este ano. Até o ano passado, ele e os outros examinadores de lã eram encaminhados ao frigorífico, durante a entressafra. Pior que o gelo das câmaras frias, era o resultado que o trabalho pesado deixava nas mãos, que ficavam ásperas. Como o bom classificador deve ter as mãos finas, para poder sentir a lã, este ano eles conseguiram ser mantidos no depósito.

Adão acha que isso é sinal de que a lã está sendo valorizada e, em conseqüência, sua própria tarefa como classificador começa a merecer mais atenção. "A gente já andava a ponto de desertar", diz o seu Adão, e outro classificador, Brasil de Mattos Farias, confirma isso. Brasil, que é o coordenador desse serviço, onde está há 19 anos, recentemente esteve em Uruguiana, realizando um curso de aperfeiçoamento.

Ele lembra que, além da classificação, também a tosquia é olhada mais de perto agora. A Cotrijuí vem testando a tal de esquila australiana, baseada no sistema utilizado na Austrália. A diferença, para a tosquia gaúcha, é que o animal fica solto, não é maneado. O esquilador consegue

manejar com maior facilidade a ovelha. O animal não é judiado, e a separação do velo, das garras, da lã da barriga e outras partes da tosquia fica também mais fácil.

MAIS SERVIÇO

Com essa valorização do trato com a lã, é possível que os classificadores tenham mais serviço nos próximos anos, principalmente se os produtores decidirem encaminhar maiores volumes à cooperativa, deixando de entregar direto à outras empresas. Mas tanto Adão como Brasil têm certeza de uma coisa: nenhuma máquina vai substituí-los nesse trabalho. Velo por velo, a lã continuará passando pelas suas mãos, pois eles não acreditam que alguém invente um aparelho que faça a classificação.

O trabalho manual, dentro do depósito, também é feito por um grupo de mulheres que fiam a lã e fazem palas, colchas e outros artigos. Dona Elba Silveira Schlüter, há sete anos nesse serviço, acha que a procura pelas vestimentas de lã está mesmo aumentando. São cinco as mulheres que



Adão e Brasil: atenção para a classificação



Elba: encomendas vão aumentar

tecem a lã, mas dona Elba já ouviu dizer que a equipe deverá ser reforçada, pois as encomendas vão aumentar, no início do inverno. Ela mesma se mostra surpresa ao comentar tanta procura e constatar, numa manhã dessas, que estava usando um blusão de fio sintético.

FAZER PARA APRENDER

Uns produtores criam peixe prá bonito, enfeitando suas propriedades com os açudes. Outros, para garantir o consumo de peixe na alimentação das famílias. Outros, ainda, com a finalidade principal de comercializar esta produção, que mercado dificilmente falta.

Hoje temos em toda região Pioneira da Cotrijuí perto de 1.500 açudes, ocupando uma área de 1.200 hectares, que é explorada das mais diferentes formas. Alguns criadores chegaram a um sistema de produção que se compara até mesmo ao adotado nos centros mais especializados na piscicultura. Outros vão levando esta atividade como um complemento de sua produção, ainda voltada mais à lavoura. De qualquer forma, entretanto, está todo mundo ainda aprendendo muito em piscicultura.

A intenção é incentivar ainda mais esta atividade, que pode proporcionar numa pequena extensão de área um ganho considerável para o produtor. Mas para incentivar, é preciso também conhecer mais a fundo o sistema de produção e manter uma pesquisa constante sobre a atividade. Pois é pensando bem nisso que existe um projeto de construir uma Estação de Piscicultura da Cotrijuí lá no Centro de Treinamento, em Augusto Pestana.

APOIO DA SUDEPE

Para a implantação desta Estação, a Cooperativa está contando com todo apoio da Sudepe, que é a Superintendência de Desenvolvimento da Pesca, do Ministério da Agricultura. A Sudepe conseguiu, inclusive, um financiamento para que a Cooperativa instalasse esta Estação. Dias atrás esteve

em Ijuí o superintendente do órgão, José Ubirajara Timm, que também aproveitou para visitar o CTC e produtores que se dedicam à criação. Aqui ele veio conhecer o estágio em que se encontra a atividade e tratar do projeto. Timm se disse até surpreendido com o que viu:

— Confesso que não esperava ver tanto. As criações são muito simples, muito práticas e econômicas. Há um excelente potencial para que a atividade tenha baixos custos e ofereça bons rendimentos, mesmo porque o peixe não concorre com o homem, em termos de alimento. Ele consome as sobras que não fazem falta ao consumo humano.

Timm ficou surpreso e satisfeito ao ouvir um produtor dizer que tinha conseguido superar as dificuldades das frustrações de safras com o peixe:

— A atividade deve ser rentável e ter um caráter social, representando uma alternativa para o produtor e para o consumidor.

Do ponto de vista de consumo é de todo interesse do Governo estimular a produção de peixes. E não é para menos. Apesar de todo tamanho do Brasil, da extensão das nossas costas marítimas, o País importou no ano passado 200 mil toneladas de peixe. Em custos, isto representou cerca de 200 milhões de dólares (ou Cr\$ 12 bilhões de cruzeiros).

ESTAÇÃO DE PISCICULTURA

A importância da Estação de Piscicultura na região, como explica o agrônomo Luiz Volney de Mattos Viau (que está coordenando o projeto), é que os próprios produtores vinham sentindo que as espécies



Timm ficou surpreso...

de peixes com as quais se trabalha não apresentam um rendimento completamente satisfatório. Volney explica:

— Falta para nós novas espécies de peixes. E aí se chega a um ponto de estrangulamento: para trabalhar com novas espécies é preciso ter uma estação de piscicultura. Ali se fará pesquisa na área de produção de alevinos (filhotes de peixes), seleção de animais e ainda a parte de manejo sobre as novas espécies. Os produtores, porém, é que farão a multiplicação das espécies.

Este projeto de uma Estação de Piscicultura não é coisa muito nova. Desde 1976, quando iniciou o programa de criação de peixes na Cooperativa, é que se pensa nesta instalação. O Volney comenta que com o tempo o projeto foi sendo adaptado à nossa realidade:

— A coisa começou meio sofisticada. Depois com os contatos que fomos fazendo com outras regiões onde se trabalha na pesquisa de peixe, fomos tornando a coisa mais simples, sem sofisticadas tecnológicas.



... pois achou as criações práticas e econômicas

NOVAS ESPÉCIES

O Adroaldo Hartmann, que é o técnico mais envolvido com a piscicultura na Cotrijuí, é quem conta que nenhuma das espécies que o produtor conhece atualmente (carpa, jundiá, tilápia) satisfaz todas as condições exigidas. Algumas tem problema de paladar, como a carpa, que às vezes conserva um gosto de barro na sua carne. Outras não produzem bem, como é o caso da tilápia. Em razão disto já se trouxe uma espécie nova para cá, isto há coisa de dois anos atrás: é a nilótica, um peixe que veio lá do Egito, onde vivia no rio Nilo (daí seu nome). A Cotrijuí trouxe a Nilótica de uma estação em Minas Gerais, onde a espécie já tinha comprovado um bom rendimento.

Este peixe é recomendado para substituir a tilápia (veja o quadro na página ao lado), que não tem apresentado boa produção. Aqui ela está se desenvolvendo muito bem, mesmo que ainda não se tenha em mãos dados precisos sobre sua produção. "O que se vê", conta

o Hartmann, "é que a nilótica cresce bem. Ela come basicamente as mesmas coisas que a carpa. Só não come, ao contrário da tilápia, a grama em volta dos açudes".

Outro peixe que recém começou a ser introduzido é a carpa espelho, trazida do Ceará. É um peixe de escamas grandes, que foi selecionado durante muitos anos em Israel. Sua maior vantagem é a uniformidade de crescimento: quando se abre o açude, os peixes têm todos um tamanho parelho, o que não acontece com a carpa comum. Por enquanto a carpa-espelho está sendo criada apenas no CTC e se prevê para o ano que vem sua distribuição entre os produtores.

A intenção agora é trazer mais uma espécie: a cat-fish, um peixe dos Estados Unidos. Traduzindo para o português seu nome é peixe-gato, isto porque parece um jundiá e tem bigodes. Este peixe chega a atingir até 6 ou 7 quilos de peso, sua carne é saborosa e ainda por cima não tem escamas (é peixe de couro), sendo mais fácil de limpar.

Quem resolveu criar não se arrependeu

"Só no ano passado eu fiz uns Cr\$ 80 mil de peixe, isto com pouca despesa", conta bem faceiro seu Albino Ceratti, do Barreiro, em Ijuí. Na Páscoa do ano passado foi a primeira vez que o seu Albino vendeu os peixes que está criando já há três anos, sem estar nada arrependido de ter inventado de fazer uma outra atividade em cima dos seus 25 hectares de terra.

"Eu sou meio curioso", explica seu Albino, ao lembrar como é que resolveu começar com esta história de ser também um piscicultor:

— Eu tava ouvindo um programa de rádio e ouvi comentarem este negócio de criar peixe. Já tinha um açude pequenininho e inventei de aumentar ele. Fui lá na Cooperativa e me deram todas as dicas. Hoje meu açude tem perto de um hectare de terra e tem ainda um outro pequeno onde passo os peixes na hora de abrir o

grande.

Não vai ser nesta próxima Páscoa que seu Albino vai abrir de novo o açudão. Vai esperar mais um ano, quando os peixes — a maioria carpa — estiverem num bom tamanho. Ele anda até com vontade de construir mais um açude, aproveitando um lugar que parece



Albino Ceratti anda faceiro

feito de propósito para isto:

— Pelo visto, comércio não é problema. Muita gente tem açude, mas não é todo mundo que trata. Tem gente que solta o peixe ali com 200 gramas e dali dois três anos eles estão quase na mesma. Aqui não me queixo. Ano passado veio uma indiada lá da cidade



Osvaldo do Carmo: a procura é grande

disposta até a pescar, que eu cobrava Cr\$ 50,00 por qualquer peixe que tiravam.

APROCURA É GRANDE

Um pouco mais antigo na lida é o seu Osvaldo Neri do Carmo, que tem 16,5 hectares na Linha 6 Leste, também em Ijuí. Fazem quatro anos que ele resolveu aproveitar as con-



Ari Pellens: inventar de tudo

dições do terreno de sua propriedade é a abundância de água para construir o primeiro açude. Hoje já são quatro açudes, que tornam mais fácil a exploração da piscicultura, que acabou se tornando sua atividade de mais importante:

— Se eu tivesse 100 ou 200 quilos de peixe por semana vendia tranquilo, sem nem precisar sair de casa, que a procura é grande.

Osvaldo construiu também uns tanques, onde ele está criando filhotes de peixe e fazendo a multiplicação:

— Criando os filhotes não preciso mais comprar, que cobram coisa de Cr\$ 3,00 a Cr\$ 4,00 cada filhote. Antes eu criava nos açudes, mas não dava que as traíras comiam tudo. Os tanques ainda são prá mim uma vantagem, que quando chega a época da Páscoa eu aproveito prá deixar os peixes. Assim não é preciso buscar no açude vazio cada vez que chega

As espécies da região

O Adroaldo Hartmann anda seguido visitando os açudes dos associados e contando para eles o que a técnica já comprovou como a melhor forma de lidar com os peixes. Aqui ele conta quais as recomendações que anda fazendo:

Para fazer uma boa criação é necessário ter no mínimo três açudes. Quando se esvazia o açude para tirar os peixes, aqueles que não servem para vender devem ser colocados em outro açude. Sempre é bom ter um açude grande para crescimento e terminação, um pequeno para multiplicação de carpas, jundiás, nilóticas, e outro pequeno para a multiplicação de traíras. No açude grande devemos colocar lá pelo mês de novembro pequenas traíras para comer os filhotes dos outros peixes. Assim haverá um equilíbrio e todos os peixes vão crescer satisfatoriamente.

Se deve ter o cuidado de escolher as traíras em tamanho menor que o dos outros peixes, pois mesmo sendo igual por igual no tamanho, a traíra ainda consegue comer os peixes

de outras espécies. A proporção que se recomenda é de no máximo 5 por cento: 5 traíras para cada 100 peixes.

Na semana Santa se esvazia o açude grande e são vendidos os peixes de bom tamanho. Qualquer açude não deve ficar fechado por mais de dois anos. Ele precisa ser esvaziado para pegar luz e se fazer a correção do solo. É por isto que qualquer açude para criação deve ter comporta. O açude deve ficar no mínimo pegando 30 dias de sol. Isto senta o barro do fundo e faz desaparecer o lodo, conservando a água mais limpa.

Se deve corrigir o solo do açude com fósforo, pois assim se vai permitir a criação, na água, de micróbios e pequenas plantas que servem de alimento para os peixes. A recomendação é usar superfosfato triplo, na proporção de 200 quilos por hectare. Outra coisa boa é calcarear a área, usando 300 quilos de calcário por hectare.

ALIMENTAÇÃO

Dar milho inteiro para os peixes não é uma boa prática

de alimentação. O milho maduro e cru é indigesto para os animais. É melhor cozinhar o milho ou então quebrá-lo.

Se recomenda ainda que o produtor tenha mandioca e sorgo para alimentar os peixes, que precisam receber alimento diariamente. O milho, o sorgo, a mandioca e o grão de soja deixam o peixe gordo. Para ter peixe com bastante carne é preciso ainda complementar a alimentação com farelo ou torta de soja, isto na proporção de 40 por cento em relação aos demais alimentos.

A ração e o esterco devem ser colocados todos os dias num cocho, pois assim os peixes aproveitam melhor o alimento, não existindo desperdício.

Quando se põe grandes quantidades de esterco, ele deve ser amontoado numa parte rasa do açude, afastado da entrada de água ou vertentes. Esterco muito velho ou fermentado não é recomendado para ser colocado na água. A cor da água deve ser verde, pois assim ela estará fértil e boa para criar os peixes.

O jeito de lidar

Entre as espécies que apresentam um bom desempenho nos açudes, a preferência maior está com a carpa. Ela ainda é o peixe mais rendoso que conhecemos por aqui, chegando a produzir até 10 mil quilos de carne por hectare de açude. Isto porque a carpa é um peixe que não refuga nenhum alimento: come qualquer resíduo, milho, ração, terra, estercos. Só que a sua carne não tem gosto muito saboroso, exatamente porque ela não escolhe muito o que comer. Outro defeito que a carpa anda apresentando é um crescimento muito desparelho. Quando se abre um açude tem carpa de tudo quanto é tamanho.

A segunda maior produção é de traíra, peixe bastante conhecido pelo ótimo sabor de sua carne como também pelo número de espinhos. Estimar o quanto um açude pode produzir de traíra é uma coisa difícil, porque só dá para criar traíra junto com outro peixe. A traíra é um peixe carnívoro, que se alimenta de carpa e de outras espécies de animais. Também come ração e algum resíduo.

Outro peixe relativamente comum nos nossos açudes é o jundiá, uma espécie de couro,

sem escamas (portanto mais fácil de limpar). O jundiá também é mais fácil de comer, pois não tem espinhas, e sua carne é bastante saborosa. Sua maior desvantagem é uma produção relativamente baixa se comparada, por exemplo, à carpa. O Jundiá, por sinal, alimenta-se das mesmas coisas que a carpa, só não fuça tanto no barro. Nos açudes, é o primeiro peixe a ser atacado pelas traíras. Daí a recomendação de criar jundiá nos açudes de reprodução das carpas e não nos açudes de crescimento.

O cascudo é também um peixe característico da região, onde se desenvolve muito bem. Tem, porém, um defeito: ele vive batendo contra a taipa, podendo chegar até a furá-la e assim provocar seu rompimento. Arrebatada a taipa, o açude esvazia e é aquele esparramo de água e peixe. O cascudo também se alimenta de tudo que é resíduo, só que não existe pesquisa a respeito de sua produção.

A tilápia é um peixe que deve ser eliminado dos açudes, isto segundo a opinião dos Hartmann. É que a olhos vistos a tilápia se desenvolve muito pouco, não sendo, portanto, uma espécie economicamente rentável.



Em algumas propriedades se construiu o chiqueiro em cima do açude.

comprador.

Oswaldo andava pensando em criar a tal de nilótica. Mas vê um inconveniente:

— A nilótica quer água profunda. Em água rasa não adianta que ela não vem. Prefiro ainda criar a carpa, que cresce melhor e mais depressa. Eu, com açude grande, preciso ter uns 20.000 peixes, então por enquanto é melhor criar a carpa mesmo.

DEFENDER DAS FRUSTRAÇÕES

Ari Hélio Pellens, de Ponte Branca, em Augusto Pestana, resolveu criar peixes por dois motivos: primeiro para ter o peixe do consumo em casa e, segundo, para vender a sobra. Mal faz um ano que seus dois açudes ficaram prontos, e ainda não vai ser nesta Páscoa que ele vai secá-los:

— Vou deixar para a outra, e espero daí tirar o investimento que eu fiz. Gastei mais de Cr\$ 200 mil na construção dos açudes, sem contar os Cr\$ 15 a Cr\$ 20 mil que gastei pra comprar os filhotes.

Foi com as frustrações de safra que o seu Pellens come-

çou a inventar de tudo pra se defender. Está com um lote bom de gado e pretende aumentar ainda mais a criação. Isto sem contar as vacas de leite e os porcos que ele tem na propriedade, de 53 hectares:

— Com o negócio de ter o porco junto, a gente aproveita a ração, o esterco pra alimentar os peixes. Se dá também a ração que se ocupa para as vacas. Eu ainda vou ter que ver os resultados destes açudes, mas acho que larguei numa época boa e vou ter vantagem com o investimento.

OUTRAS ESPÉCIES

Já a família de Valdomiro Ruttilli, de Chiapetta, pensou ainda na conservação da água na propriedade ao construir o açude há uns três anos atrás. O Valdomiro conta:

— Botamos até uma mangueira enfiada na taipa para levar água até a lavoura. Além disso, nós pensamos no açude para a gente ter sempre peixe fresco em casa.

A sua intenção é não abrir o açude nesta Páscoa. Querem esperar mais um pouco ainda. Por enquanto, nos seus

planos está a colocação de traíras na água aí pelo mês de março. Eles estão deixando criar bastante carpa para alimentar as traíras:

— Nós pensamos em botar outros tipos de peixe só que a gente não conhece como se desenvolvem. Só se sabe da carpa, da traíra, do jundiá.

Outro plano é construir um açude maior, aproveitando uma área que oferece boas condições. Ele conta porque não estão renegando em investir um pouco mais na piscicultura:

— O peixe dá dinheiro. No primeiro açude nós gastamos uns Cr\$ 18 mil pra fazer a taipa. Fazendo pelo mínimo de se tirar umas 800 carpas, dá uns 1.600 quilos de peixe. Se a gente conseguir Cr\$ 100,00 pelo quilo, se ganha Cr\$ 160 mil com pouco gasto. Nós tratamos os peixes com quirela, e se aproveita também o esterco dos porcos, que se tem o chiqueiro a uns 60 metros do açude. A própria água da chuva carrega o esterco até na água.

PRECISA CAPRICHOS

Mas é claro que não são todos os produtores que têm



Valdomiro Ruttilli: dá dinheiro

açude, que estão tratando os peixes. Uns se criam como podem, como é o caso das carpas do seu Alfredo Goetz, do Rincão da Lage, em Chiapetta. Ele conta que tem dois açudes muito velhos — coisa de uns 20 anos — que não chegam pra se fazer uma criação caprichada:

— Tinha que ter três açudes no mínimo, e cada ano secar um deles. O peixe aumenta 1 quilo e 200 gramas por ano, isto quando se trata. Eu agora não ando tratando, tá tudo atirado. Não é por falta de tempo, é falta de capricho mesmo.

Mas seu Goetz bem que anda pensando em tratar de novo os peixes, bem como fazia há uns anos atrás, quando até vendia pra vizinhança parte da produção. Só que antes disso, ele conta, vai tratar de fazer um terceiro açude na propriedade.

ESTERCO É BOM?

Quem tem açude normalmente também tem chiqueiro. É que o esterco se mostra um alimento muito compensador, principalmente pra quem cria carpa. Tem até produtor que construiu o chiqueiro sobre o



Alfredo Goetz: tratar de novo

açude, como é o caso do seu Oswaldo. Assim não se perde nada de esterco. Só que tanto seu Oswaldo, como seu Albino e o Valdomiro, pensam que não é bem certo criar os peixes só na base do esterco. Conta o Oswaldo:

— Deixo eles no esterco só até pegarem um meio quilo. Depois passo pra outro açude. É um trato bom, só que acho que nunca vou deixar criar com sujeira de porco até vender. No açude de engorria acho que não deve ter chiqueiro em cima.

Já o seu Albino nem dá esterco de porco prós seus peixes. "Fica uma murrinha que não dá", explica ele. Ele só trata com esterco de galinha, de vaca, triguilho, resíduos de soja e milho. O Valdomiro não concorda em fazer o esterco cair direto no açude, "que daí tá cru ainda e pega gosto".

O Hartmann é quem explica melhor esta questão:

Aconselhamos que 30 dias antes do abate os peixes sejam retirados do açude com muito esterco ou então, que se limpe os açudes, alimentando os peixes só com ração.

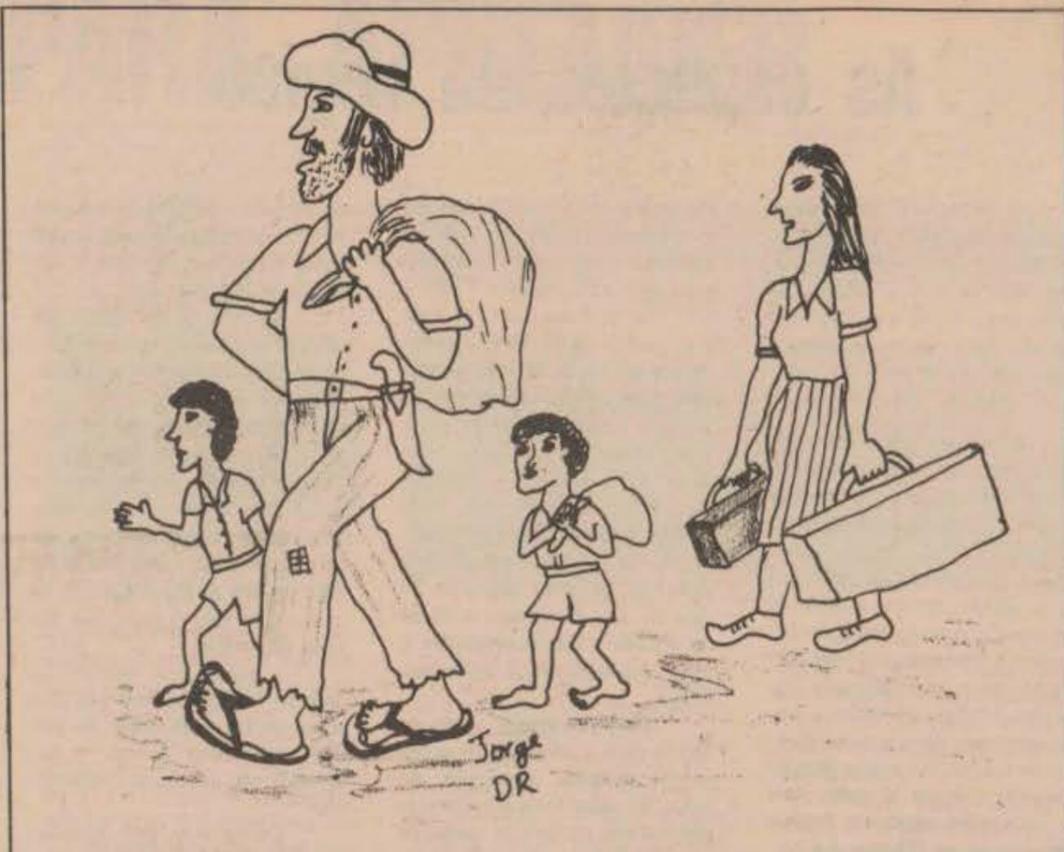
AS PEQUENAS CIDADES CADA VEZ MENORES

Os dados do recenseamento deste ano comprovam que as populações têm diminuído nas pequenas cidades do interior. No Rio Grande do Sul, 110 dos seus 232 municípios estão com uma população menor do que há 10 anos atrás.

Para onde estão indo os agricultores e os trabalhadores da cidade? Para onde foram as crianças que nasceram durante os anos 70? Estas perguntas começam a correr, de boca em boca, em Augusto Pestana e outros pequenos municípios gaúchos. É que o censo realizado este ano terminou constatando que o município tem hoje menos habitantes que em 1970, quando o IBGE (Instituto Bra-

sileiro de Geografia e Estatística) havia feito o último levantamento para saber o número da população.

Comparando os números de 70 e os de agora, o IBGE constatou que Augusto Pestana está com 346 pessoas a menos. Em 1970 o município tinha 9.232 habitantes, e as estimativas, as previsões, davam a entender que em 1980 a população passaria para 11.319. Mas



a pesquisa mostra que, na verdade, somando o pessoal do interior e da cidade, Pestana ficou com apenas 8.886 habitantes.

INDÚSTRIA E TERRA

Só que Augusto Pestana não foi o único a ter sua popu-

lação reduzida de 70 para cá. O censo também constatou que em localidades como Selbach, Vicente Dutra, Miraguaí e outros municípios, o número de habitantes diminuiu.

E por que isso aconteceu? Os cientistas, que se preocupam com esse assunto, já andam dizendo que não é surpresa isso tudo. E que os pequenos municípios não foram industrializados, e principalmente o pessoal novo decidiu ir para as cidades médias, onde há emprego. Além disso, foi faltando terra para plantar.

O prefeito de Augusto Pestana, Alfredo Schmidt, acha que o que aconteceu no município foi o êxodo dos trabalhadores rurais, que tinham vinculação com os proprietários. Como os encargos sociais, as obrigações trabalhistas, pesavam muito, os produtores decidiram dispensar os empregados, Augusto Pestana não tem mercado de trabalho na cidade e, por isso, toda esta gente procurou outros municípios, como Ijuí.

MENOS PROPRIETARIOS

Tem também o pessoal que vendeu suas terras. Muitos

foram para o Mato Grosso. Um levantamento do professor Jaime Callai, da Fidene, prova que isso vem acontecendo bastante, pois as terras vêm sendo reaglutinadas. Isso quer dizer que diminuindo o número de propriedades: os produtores mais fortes compram as áreas dos menores, incorporando essas lavouras. Estes números mostram a reaglutinação: em 1970, Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba tinham 8.092 propriedades, e hoje têm 7.756, de acordo com os dados do INCRA. O fenômeno acontece, então, não só num município, mas em quase toda a região do minifúndio.

Mas para o prefeito Schmidt, a redução no número de habitantes não chega a ser problema:

— A cidade pode não ter crescido para dar emprego a quem saiu da lavoura, mas nós não temos esse pessoal marginalizado que outras cidades têm.

O prefeito lembra até que isso já aconteceu na Velha Europa, onde as pequenas cidades sem indústrias não conseguiram reter seus habitantes.

Pelo recenseamento, os municípios da área de ação da Cotrijornal no Rio Grande do Sul estão com a seguinte população:

MUNICÍPIO	1970	1980	DIFERENÇA
Ajuricaba	11.649	11.789	+ 140
Augusto Pestana	9.232	8.886	- 346
Braga	6.700	5.791	- 909
Chiapetta	4.405	4.414	+ 9
Coronel Bicaco	8.437	9.259	+ 822
Dom Pedrito	32.801	35.208	+ 2.407
Ijuí	52.738	70.987	+ 18.249
Miraguaí	8.400	7.684	- 716
Redentora	11.543	10.274	- 1.269
Santo Augusto	14.812	17.496	+ 2.684
São Martinho	8.763	8.030	- 733
Tenente Portela	34.227	30.695	- 3.532
Tupanciretã	24.835	26.672	+ 1.837



Todo inseticida devia controlar as lagartas da soja com a mesma economia de Pounce. Sorte de quem usa Pounce.

Solução definitiva significa um produto perfeito. É o que Pounce é no controle das lagartas da soja. Pounce é o insuperável inseticida piretróide da FMC. Seu alto poder inseticida e prolongado efeito residual permite utilizar baixas dosagens e diminuir o número de aplicações, garantindo já na 1ª aplicação uma considerável economia. Pounce só não faz economia quando controla as lagartas da soja. Nisto ele é insuperável. Seu largo espectro age de modo fulminante por contato e ingestão, resultando em comprovada eficiência nas áreas tratadas. Pounce apresenta ainda, como vantagem adicional, baixa toxicidade, oferecendo segurança ao aplicador, à fauna e ao meio ambiente. Se para plantar você usa de critério, faça o mesmo para garantir a colheita. Mude para Pounce: quando um inseticida é fulminante na ação, os lucros só podem ser fulminantes no seu bolso.



Pounce 384 CE é o inseticida lagarticida da FMC, próprio para as culturas de: algodão, soja, café, milho, tomate e brássicas (couve, couve-flor, repolho).

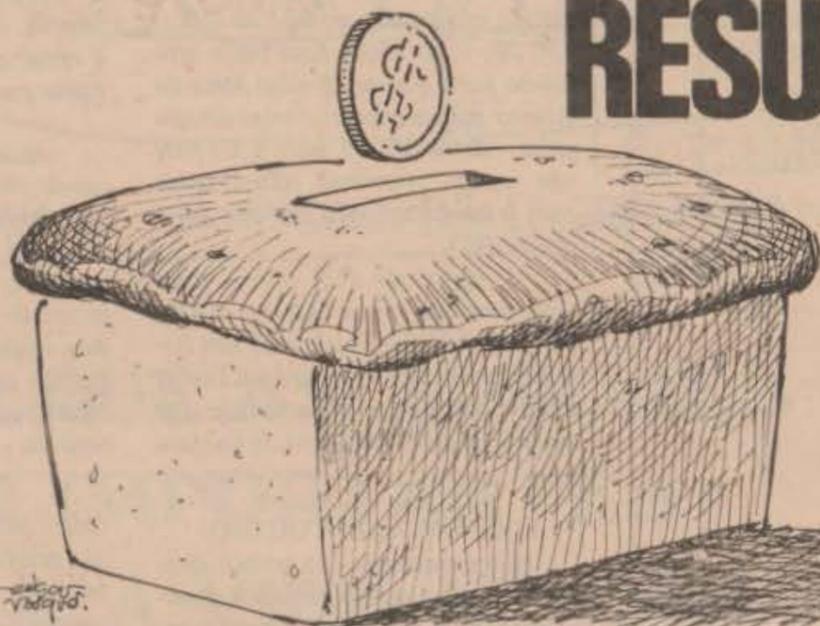
FMC Divisão Agroquímica
Produtos Eficientes

Av. Paulista, 1274 - 7º andar
São Paulo - SP - Brasil

*Pounce é marca registrada da FMC Corporation

S
SUBSÍDIO

MUITO GASTO PRÁ POUCO RESULTADO



Ainda tem quem duvide, mas está quase certo que o tal de subsídio do trigo vai cair. Uma prova disso é que, somente este ano, já foram reajustados três vezes os preços de entrega do grão aos moinhos. Nunca antes isso havia acontecido, e nunca também, como está acontecendo agora, o subsídio envolveu tanta gente num debate. É nessa troca de idéias que o Brasil poderá avaliar a fundo uma medida antiga, adotada pelo governo para tornar o pão mais barato.

O subsídio não só barateou o pão, como também deixou menos caros todos os produtos industrializados à base de farinha de trigo. No entanto, essa medida social não sai de graça para o país. Hoje, depois de aceitarem em silêncio esse tipo de saída, para que as chamadas "camadas pobres" da população tivessem alimento à mesa, alguns setores começam a perguntar exatamente isso: qual foi o preço do subsídio do trigo para o Brasil?

Números e mais números dão uma idéia do custo dessa alternativa. Mas muita coisa continua encoberta, entre os mistérios que, daqui a alguns anos, serão finalmente desvendados. O subsídio, que deixou o pão barato, pode ter saído muito caro. E é por isso, talvez, que ele começa a ser deixado de lado.

NO INÍCIO, TUDO BEM

O trigo começou a ser subsidiado em 1962, quando o governo estatizou a produção interna. As safras passaram a ter o controle do Estado (daí a palavra estatização).

ou seja, do governo federal. Em 48, o Estado já havia estatizado as importações de trigo, e a partir de 62 passa a controlar também a comercialização da safra nacional, definindo preços, distribuindo quotas aos moinhos. Assim, o governo começou a cuidar de todos os detalhes para que o pão, a farinha, o macarrão e outros produtos derivados do trigo chegassem ao consumidor com preços considerados baixos.

A situação favorecia o projeto: mais da metade do trigo consumido no Brasil era importado, mas os preços compensavam. A produção nacional tinha um preço final, de compra pelo governo, bem mais alto do que o grão adquirido de outros países. E, desde a década de 50 e até o ano passado, o país conviveu com o otimismo de que, a médio prazo, a safra nacional seria suficiente para atender ao consumo. Esse sonho veio sendo renovado, deste Getúlio Vargas, e andou rondando os planos de Alysson Paulinelli, então ministro da Agricultura do governo Geisel, de 75 a 79.

FARTURA DOS LARES

Vargas afirmava que o trigo seria "a fartura dos lares". Paulinelli, que em 74 lançou a meta da auto-suficiência, não chegava a tanto. Mas ele deixou o governo, no ano passado, propagando a idéia de que um dia o Brasil terá trigo bastante e deixará de importar. Só que, a partir da mudança de governo, ninguém mais falou com tanto destaque em auto-suficiência: nem Delfim

Netto, o primeiro ministro da Agricultura do governo Figueiredo, nem Amaury Stábile, que atualmente está no cargo. As sucessivas frustrações de safra fizeram com que a meta de Paulinelli fosse melhor avaliada.

É bem possível que dessa avaliação tenha resultado a decisão de acabar com o subsídio. O próprio Stábile começou a dizer, no ano passado, que o trigo subsidiado saía muito caro para o Brasil. Os cofres do governo gastaram, só em 1979, perto de 21 bilhões de cruzeiros para tornar o pão, o macarrão e os outros produtos mais baratos. Esse montante representou cerca de 40 por cento do total de dinheiro liberado a todos os tipos de subsídios.

Os 21 bilhões seriam suficientes para, por exemplo, custear o plantio de uma área de mais de dois milhões de hectares de soja da próxima safra. Considerando-se que a lavoura de soja da Região Pioneira da Cotrijul fique em torno de 300 mil hectares este ano, esse dinheiro poderia financiar perto de sete vezes toda essa área. E isso se o custeio ficasse numa média de 10 mil cruzeiros por hectare.

GANHANDO OU PERDENDO?

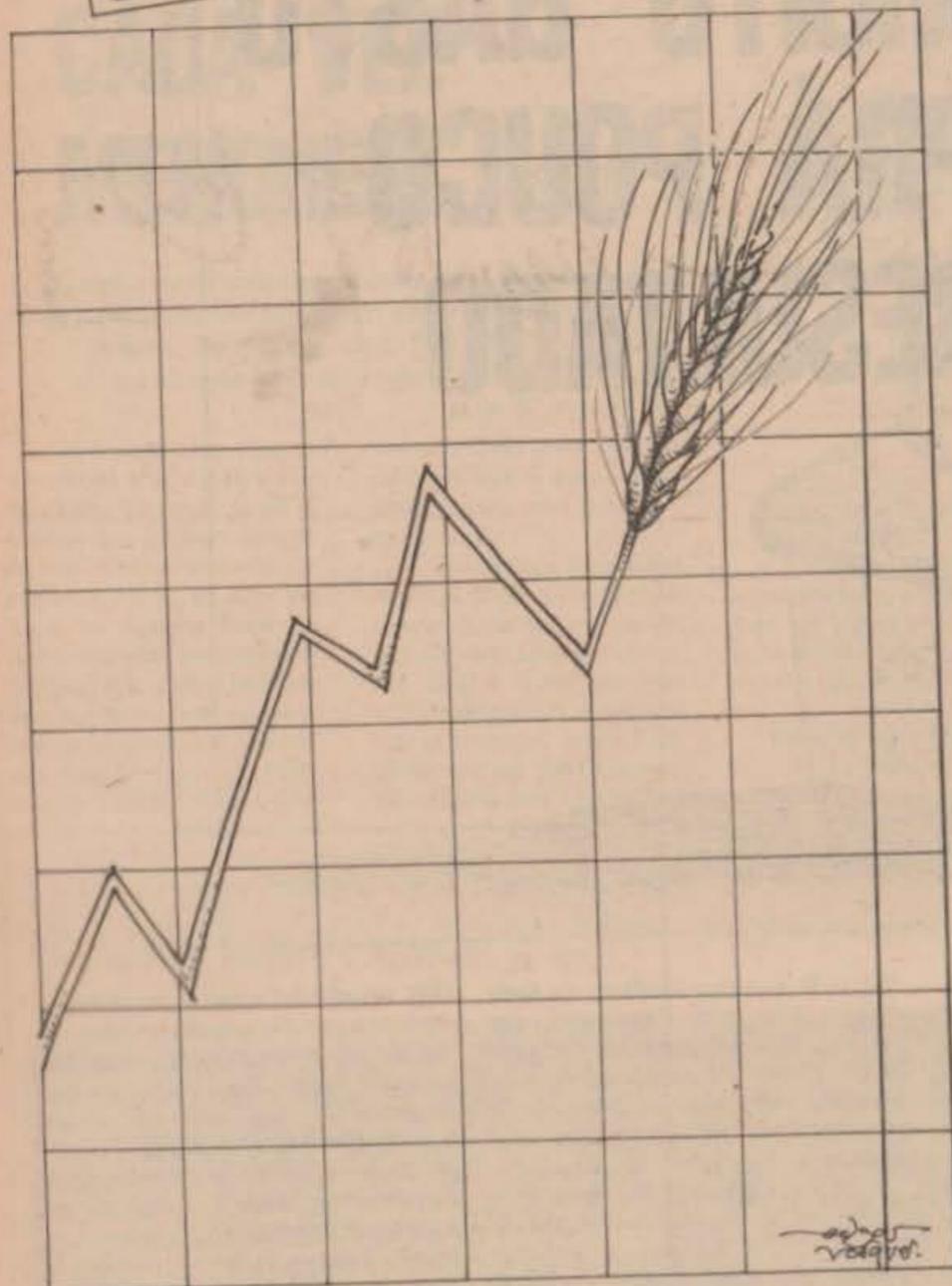
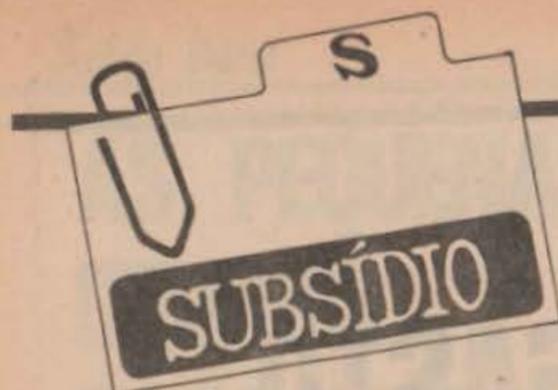
O gasto é grande, e o presidente do Banco Central, Carlos Langoni, reconheceu isso, na visita que fez a Ijuí, dia 23 de outubro. Ele afirmou que o governo pretende eliminar todos os subsídios "que não tenham um efetivo caráter social".

Não se sabe, no entanto, se Langoni incluiu o auxílio que dá ao trigo entre os que serão extintos, pois esse subsídio teria — pelo menos em sua proposta — um objetivo social.

A tendência, favorável à eliminação dessa forma de barateamento de alimentos, encontra algumas resistências. Entre os argumentos contrários à extinção de subsídio está o de que a inflação pode até dobrar seus índices mensais, se isso acontecer. Ao mesmo tempo, os favoráveis à extinção dizem que tal conclusão não é verdadeira: com o fim do subsídio, o Brasil estaria muito mais ganhando do que perdendo.

Dizem os entendidos que, na verdade, o que contribui para a inflação é a emissão de dinheiro, a colocação de um maior volume de moeda em circulação. Tendo que "fabricar" dinheiro para cobrir o subsídio, o governo estaria contrariando um dos princípios básicos de combate ao aumento da inflação. Esse princípio é o que o dinheiro em abundância e as mercadorias em escassez (ou em menor proporção que a moeda em circulação) iniciam o crescimento da inflação.

São questões monetárias como esta, que estimulam o debate e servem também para aumentar as contradições. Vão surgindo opiniões de todos os lados, e no centro dessa troca de pontos de vista permanece uma conclusão com a qual todos concordam: todos os brasileiros, que consomem pão ou não, estão pagando, moeda à moeda, o preço do subsídio.



O CUSTO DE PAGAR POUCO POR UM TRIGO MUITO CARO

São considerados pouco-confiáveis os números relacionados com a produção, importação e comercialização de trigo no Brasil, durante a década de 50 e parte dos anos 60. Mas, a partir de 62, esses dados aparecem em estatísticas, como a que foi elaborada pelo CTRIN — o Departamento de Comercialização do Trigo Nacional, com sede em Porto

Alegre.

De acordo com essas estatísticas, é possível constatar que sempre houve uma expressiva defasagem entre o preço de compra do trigo do produtor, ou seja, o preço pago pelo governo ao agricultor, e os preços de entrega do grão aos moinhos. É nessa diferença que fica caracterizado o tal de subsídio.

A distorção

	PREÇO PELO TRIGO NACIONAL	PREÇO PAGO PELOS MOINHOS	PREÇO PELO TRIGO IMPORTADO
1963	Cr\$ 73,00	Cr\$ 40,10	Cr\$ 136,29
1979	Cr\$ 5.400,00	Cr\$ 1.390,71	Cr\$ 8.000,00
Aumento entre os preços de 63 e 79	7.297%	3.368%	5.769%

Os preços pagos ao produtor e cobrados dos moinhos (pela tonelada), são dos anos de 1963 a 1979. Mas o preço usado como piso para o trigo importado, ou seja, os Cr\$ 136,29, é de 1965. Esse valor, utilizado para que se dê uma idéia de quanto estava cotado o trigo estrangeiro, não é oficial, pois o CTRIN não revela números relacionados com a importação do período anterior a 1965.

O preço de Cr\$ 8 mil, pago pela tonelada importada em 1979, também não é oficial, mas sim baseado numa estimativa do CTRIN. Mesmo assim, com esses valores que servem de piso e de teto, já dá para

se ter uma noção de como subiram os preços do trigo importado, do que foi pago ao produtor e do que o Governo cobrou dos moinhos. Depois, é só fazer uma comparação, e notar que o trigo nacional teve o maior percentual de crescimento.

Abaixo dos preços do trigo nacional vêm os valores pagos ao trigo importado e, em último, os que são cobrados na hora da entrega aos moinhos. É aí que fica bem clara a distorção que agora vem sendo melhor avaliada: o reduzido crescimento dos preços que os moinhos vinham pagando pelo trigo até o ano passado.

SOBE UM, BAIXA OUTRO

Numa evolução dos preços, chega-se também à esta conclusão: o preço pago pela tonelada ao produtor em 1963 (Cr\$ 73,00) foi multiplicado por 74 vezes, até 1979, quando chegou a Cr\$ 5.400,00. Numa progressão, esses preços atingem, no mesmo período, um percentual de 7.297 por cento.

Em compensação, os preços de entrega aos moinhos tiveram sempre reajustes menores. Para mostrar essa diferença, a mesma tabela (veja acima) revela que o valor de venda aos moinhos em 63 (Cr\$ 40,10) foi multiplicado 35 vezes, até chegar, em 1979, a Cr\$ 1.390,00. Em percentuais, essa progressão nos preços foi de 3.368 por cento. Fica fácil de se concluir que o preço de compra do trigo teve, de 63 a 79, uma evolução, um reajuste de mais que o dobro do aumento dado aos valores de entrega à indústria. Em síntese, enquanto o preço de compra vem crescendo, na mesma proporção o preço de venda vem sendo reduzido.

Outra comparação: em 63, o subsídio fazia com que o grão entregue aos moinhos fosse 82 por cento mais barato do que o preço de compra desse mesmo grão, no mercado interno. Ano a ano, a diferença entre esses valores foi aumentando, e em junho de 77 o preço ao moinho era 306 por cento mais baixo que o pago ao produtor.

INICIA A REDUÇÃO

A partir do segundo semestre deste ano, as diferenças começam a ser reduzidas. O preço de compra é de Cr\$ 11.840,00, e os moinhos iniciam o ano recebendo o trigo por

Cr\$ 1.562,60. Em agosto, no entanto, acontece o primeiro reajuste no valor de entrega à indústria, e esse passa a Cr\$ 1.968,80. Em setembro, novo aumento, e o grão custa Cr\$ 2.716,94 aos moinhos. Na segunda quinzena de outubro, ocorre a terceira majoração, para Cr\$ 3.750,00.

A redução é bem significativa e vem sendo interpretada como um sinal evidente de que o subsídio vai cair. Dá para constatar que, do início do ano até agora, o preço de entrega ao moinho foi reajustado em 140 por cento, e nunca isso havia acontecido antes. De 63 para cá, o valor cobrado da indústria foi majorado duas vezes ao ano apenas em 64, em 65 e em 68. A tabela mostra ainda que, em dezembro de 65 e maio de 66, o subsídio chegou a ser ampliado, ao invés de reduzido, pois o preço de entrega ao moinho era de Cr\$ 186,00 e chegou para Cr\$ 175,00.

E TEM A IMPORTAÇÃO

Mas as distâncias entre os valores de compra e venda do trigo nacional ficam caracterizadas apenas na confrontação dos preços de entrega aos moinhos, com os que são pagos ao produtor nacional. Nos últimos anos o trigo importado foi ficando mais caro que o produzido no Brasil, e isso levou lideranças rurais e técnicas do próprio governo a questionar essa política.

O Brasil estaria — segundo eles — subsidiando, na verdade, o trigo importado. Além disso, um produtor não vinha fazendo com que acontecessem distorções no próprio mercado interno. Depois de subsidiado, o produto ficava barato, e eram cogitadas outras utilizações para a farinha.

Os preços de compra e venda

DATA EM QUE ENTRA EM VIGOR	PREÇO PAGO AO AGRICULTOR P/TONELADA	DATA EM QUE ENTRA EM VIGOR	PREÇO DE VENDA AO MOINHO P/TONELADA
22.11.62	Cr\$ 43,67	18.01.63	Cr\$ 40,10
24.10.63	Cr\$ 73,00	04.11.63	Cr\$ 52,50
11.11.64	Cr\$ 152,00	11.11.64	Cr\$ 149,00
06.12.65	Cr\$ 210,00	08.03.65	Cr\$ 157,00
19.10.66	Cr\$ 265,00	08.12.65	Cr\$ 186,00
18.08.67	Cr\$ 317,00	31.05.66	Cr\$ 175,00
01.08.68	Cr\$ 383,33	09.05.67	Cr\$ 242,10
14.08.69	Cr\$ 450,00	19.02.68	Cr\$ 280,00
19.08.70	Cr\$ 490,00	22.07.68	Cr\$ 276,00
30.07.71	Cr\$ 546,66	26.05.69	Cr\$ 335,00
15.09.72	Cr\$ 600,00	09.02.70	Cr\$ 410,00
03.09.73	Cr\$ 750,00	17.05.71	Cr\$ 483,80
10.09.74	Cr\$ 1.400,00	14.08.72	Cr\$ 556,40
03.07.75	Cr\$ 1.670,00	10.09.73	Cr\$ 612,00
27.05.76	Cr\$ 2.130,00	04.03.74	Cr\$ 734,00
10.06.77	Cr\$ 3.170,00	06.12.76	Cr\$ 1.040,36
01.06.78	Cr\$ 4.150,00	06.06.77	Cr\$ 1.033,72
04.06.79	Cr\$ 5.400,00	15.05.78	Cr\$ 1.343,84
		1979	Cr\$ 1.390,71

Para que se possa fazer comparações, é preciso considerar as datas em que entram em vigor os preços ao produtor e ao moinho. Na tabela acima, o valor cobrado do moinho não está, necessariamente, ao lado do preço que, na mesma época, era pago ao agricultor. Por isso, é preciso fazer com que as datas coincidam.

Com preço baixo, inferior inclusive ao da farinha de mandioca, a farinha de trigo não serviu, nesses últimos anos, apenas para o consumo humano, mas também como ração para porcos e matéria-prima para colas utilizadas especialmente por fábricas de móveis. Para completar, boa parte foi contrabandeada. Muitos argentinos compraram farinha feita com trigo de seu próprio país, e com preço bem inferior ao cobrado pelo grão.

CADA VEZ MAIS CARO

Até quando o país poderá conviver com esse tipo de contradição, mantendo uma política que se anuncia como sendo social? Com a evolução da cotação do trigo no mercado internacional, essa pergunta, feita com muita insistência este ano, poderá ter uma resposta. O Brasil já não suporta uma situação que fica ainda mais grave, pois as frustrações vêm se repetindo, e as importações aumentando.

A compra do trigo estrangeiro custa divisas, dinheiro que sai do país. As estatísticas do CTRIN dão uma idéia desse esvaziamento de recursos, mostrando que as importações crescem de forma assustadora. A tonelada de trigo estrangeiro, que custava 59 dólares em 65, vale hoje em torno de 190 dólares, considerando a oferta norte-americana FOB (com transporte pago pelo Brasil, o que aumenta em torno de 20 por cento esse valor).

Como o cruzeiro vem sendo desvalorizado com bastante frequência, fica difícil de se analisar a progressão dos preços médios em dólar, que o Brasil pagou pela importação.

Mesmo assim, é possível saber, segundo o CTRIN, que hoje a tonelada do trigo canadense ou norte-americano está em mais de 15 mil cruzeiros.

Também dá para se calcular que em 1965 o dólar (cotação média do ano) estava a Cr\$ 2,31 e a tonelada de trigo valia Cr\$ 136,29. Hoje o dólar custa um pouco mais de Cr\$ 60,00 e a tonelada fica, portanto, em Cr\$ 11.440,00, sem considerar o valor do frete. Com isso, se conclui que o aumento daquele ano até agora, foi de 8.293 por cento, ou seja, o produto importado ficou 84 vezes mais caro. Esse aumento dá apenas uma idéia da evolução dos preços, já que as oscilações na cotação do cruzeiro não permitem uma melhor avaliação.

65 BILHÕES ESTE ANO

As oscilações são tantas, nas cotações do cruzeiro e na própria cotação do trigo no mercado internacional, que já em 1974 o Brasil pagava 190 dólares pela tonelada importada, conforme as médias dos valores cobrados pelo produto estrangeiro naquele ano. Em 75, o país pagou 155 dólares; em 1976, 132 dólares; em 77, 107; em 78, 125; e no ano passado — de acordo com dados não-oficiais — em torno de 180 dólares.

O CTRIN revela também que este ano o Brasil gastou cerca de 65 bilhões de cruzeiros, para comprar 4 milhões e 200 mil toneladas, e suprir uma demanda de 6 milhões e 800 mil toneladas. Em 1981, com a nova quebra na atual safra, outras tantas toneladas deverão ser importadas e, na hora de repassar o grão aos moinhos, novamente esse trigo será subsidiado. Se até lá essa política ainda estiver em vigor.

Opinião de quem entende

Affonso Ritter, editor de assuntos da área econômica do jornal "Zero Hora", de Porto Alegre. Ele vem acompanhando, desde o início, as informações de que o subsídio vai cair.

"O subsídio dado ao trigo é uma anomalia. Principalmente se considerarmos o fato de que, ao subsidiarmos o consumidor, estamos subsidiando o produtor estrangeiro, ao invés de subsidiar o produtor nacional. Em segundo lugar, o trigo — e especialmente a farinha de trigo — é um produto alimentício muito pobre para merecer tanto apoio.

"Agora, se o momento atual foi o melhor, para começar a se retirar o subsídio, é uma questão a ser ainda discutida. Afinal, o que restará à pobreza para comer, depois do desaparecimento da única comida barata, que são o pão e as massas? Enquanto não conseguirmos realizar o ideal da redistribuição da renda (não conseguimos porque não começamos), acho que os alimentos essenciais têm que ser subsidiados. Se não o pão, que pelo menos se subsidie o feijão e o leite, que são alimentos bem mais nutritivos.



Marconi Isolan, economista e empresário da área agrícola em Porto Alegre. Ex-assessor da ONU (Organização das Nações Unidas), com atuação em vários países latino-americanos.

"Acho que o Brasil nunca será auto-suficiente na produção do trigo. Mas iremos continuar consumindo o trigo como ração básica do brasileiro? Se continuarmos, o subsídio deve permanecer.

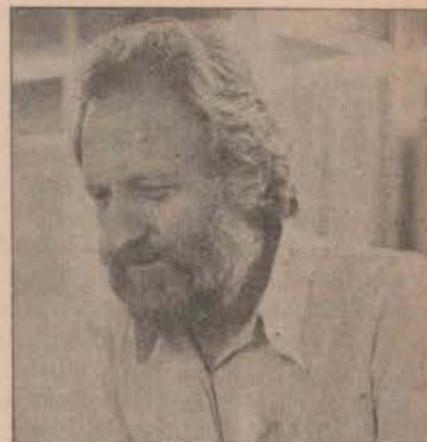
Renato Möttola, presidente da Associação de Proteção ao Consumidor, com sede em Porto Alegre. Advogado, especialista em assuntos relacionados com o consumo.

"O subsídio é fruto de um sistema paternalista de governo, que nos foi dado pelo colonizador português. Mas de onde saem os recursos para cobrir esse subsídio? É evidente que essa quantia sai do bolso da própria população. O subsídio é, na verdade, uma ilusão criada pela economia brasileira. É como uma coceira: quando coçada, alivia, mas sua causa não desaparece.

"O subsídio deve ser retirado, de forma gradual. Ele está para o consumidor brasileiro, como a cachuça está para o ébrio inveterado. Se retirarem de uma só vez, o doente morre, pois, por incrível que pareça, a cachuça ou o subsídio se transformaram em necessidades orgânicas.

"Os recursos gastos com o trigo podem ser transferidos ao nosso verde-amarelo feijão com arroz. Se for preciso, que se subsidie produtos nossos, que esse seria dos males o menor. É justo que se importe trigo para alimentar galinha? O subsí-

SUBSÍDIO



"Os países socialistas subvencionam (concedem subsídios) à toda a alimentação. E em alguns países capitalistas se tem notícia de subsídios ao leite, o que acontece inclusive nas nações ricas da Escandinávia".

Sua retirada não resolverá os problemas da dívida externa, nem o aumento da inflação. A extinção desse subsídio seria conjuntamente e socialmente inoportuna, pois só agravaria a situação da grande maioria da população, que tem baixo poder aquisitivo.

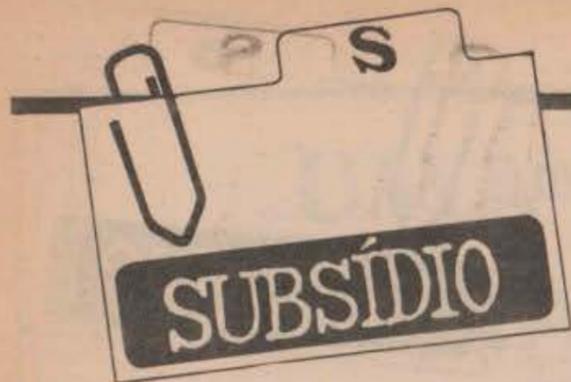
"O argumento de que o trigo barato vem sendo desviado e utilizado como ração para porcos não é válido. As distorções sempre ocorrem e isso não serve de justificativa. A população pode comprar menos roupa, mas o pão e a massa, que são hoje substitutos do feijão, não podem faltar. Dizer que o pão barato pode refrear uma convulsão social? Não acredito. Há tantas outras deficiências que seriam suficientes para sustentar quaisquer críticas à falta de programas sociais.

"Além disso, a economia brasileira não permite que o próprio mercado controle preços. Sua estrutura é muito frágil, e numa situação como esta o preço do pão precisa ser controlado. É preferível subsidiar o trigo, do que gastar cinco vezes mais levantando financeiras falidas".



dio aumentou a produção de trigo? Por que esse falso argumento de que estamos alimentando o povo brasileiro?

"Precisamos dar atenção ao mercado interno, e deixar que o preço do pão fique de acordo com o mercado, estimulando o que seja nosso e que se plantando dá. O subsídio faz parte, aliás, da confusão geral da economia brasileira, que não sabe para que lado vai".



Os números mostram: fomos obrigados a comer trigo

O estímulo dado ao consumo de trigo no Brasil talvez seja a mais forte de todas as provas de que o sonho da auto-suficiência foi, por muito tempo, levado a sério. E o consumo realmente aumentou, de forma incontrolável. Tanto que no Nordeste, onde os produtos à base de farinha de trigo não faziam parte dos hábitos da população, o macarrão é hoje um dos alimentos mais consumidos.

Uma pesquisa realizada pelo IBGE, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mostra, com números, de que forma o brasileiro foi praticamente obrigado a comer alimentos feitos com trigo. Com a redução nos preços do grão e a consequente redução nos preços do pão e da farinha ao consumidor, a dieta da população foi sendo alterada. Nos últimos 10 anos, o consumo médio de trigo per capita (por pessoa) por ano, cresceu de 32 para 52 quilos. O que quer dizer que, nesse período, o brasileiro passou a comer 20 quilos a mais de produtos à base de trigo, anualmente.

Enquanto isso acontecia, era reduzido o consumo do feijão: no mesmo período, o consumo passou de 26 quilos, em 1970, para 21 quilos em 1979. No Nordeste, onde a carne seca deixou de ser alimento tradicional — por ser cara e escassa —, o trigo começou a “encher a barriga” de muita gente.

POBRE COME MENOS

Mas são as populações de baixa renda, os pobres, quem mais estão consumindo o trigo subsidiado? Um técnico do próprio governo, Renato Zandonadi, fez um levantamento pa-

ra mostrar que não. Ele integrava um dos departamentos da Comissão de Financiamento da Produção (CFP), e em maio do ano passado divulgou os resultados dessa pesquisa, que espantou muita gente.

Zandonadi mostra que o subsídio dado diretamente a um produto, como no caso do trigo, não favorece muito as populações pobres. E mesmo que beneficie em alguma coisa, os custos desse subsídio não compensam a medida. Ele explica que o barateamento dos preços do pão e da farinha beneficia muito mais as camadas de maior poder aquisitivo, de maiores rendas.

Tudo isso — diz o técnico — é uma questão de proporção. Se uma determinada camada da população concentra maior parte da renda, é essa camada quem mais consome. Dessa forma, enquanto uma família pobre adquire um pão por dia, outra família, com boa renda financeira, adquire quatro, cinco ou mais.

Isso está na pesquisa, iniciada em 68. Naquele ano, no Rio de Janeiro, as famílias que ganhavam um salário mínimo consumiam, por pessoa, a cada mês, um quilo e 200 gramas de farinha de trigo. Já as famílias com renda de 12 a 17 salários mínimos consumiam, também por pessoa, 9 quilos de farinha mensalmente. Zandonadi mostra ainda que a farinha não se transforma apenas em pão comum, mas também em pão de forma, em biscoitos, massas e bolachas que, na maioria das vezes, não chegam à mesa dos pobres.

E OS OUTROS PRODUTOS?

Outra revelação da pesquisa: se o subsídio fosse transferido, entre



O consumo de produtos à base de farinha aumentou de forma incontrolável

1976 e 1978, para produtos essencialmente nacionais, o valor gasto com o trigo poderia baratear em 27 por cento o preço do arroz, em 28 por cento o preço do milho e em 58 por cento o preço do feijão ao consumidor.

Se esses dados valessem para hoje, e para que se tenha uma idéia do que a sugestão representa, esses produtos, caros e escassos, ficariam bem mais acessíveis. Pegando médias atuais de preços, para que sirvam

apenas como base, o quilo de arroz passaria de Cr\$ 40,00 para Cr\$. . . . 29,20; o de feijão, de Cr\$ 100,00 para Cr\$ 52,00; e o de milho, de Cr\$. . . 20,00 para Cr\$ 14,40.

Só que não se sabe, até agora, se os que defendem a transferência do subsídio para produtos nacionais têm força, na hora de uma decisão. De acordo com o que vem sendo divulgado, o subsídio seria simplesmente extinto, deixaria de existir dentro de no máximo três anos.

Farinha não alimenta. Só enche a barriga

O consumo de pão como alimento básico no Brasil poderá contribuir para o agravamento de um fenômeno que já se registra no país: o surgimento de gerações de nanicos, com reduzida capacidade mental. A



Dione: o povo come mal

nutricionista Dione de Marchi Finkler, da Cotrijuf, é quem lembra dessa ameaça, ao falar sobre os poucos nutrientes da farinha de trigo consumida pela grande maioria dos brasileiros.

Segundo a Dione, a população foi induzida a se alimentar com produtos à base de trigo, e exige inclusive o pão branco, como se este fosse realmente o melhor. Ao contrário, a farinha branca é a mais trabalhada, e a que menos alimenta. O ideal seria o consumo da farinha integral (amarelada), mas isso também não interessa aos moinhos, pois o produto mais processado, mais trabalhado, é o que custa mais caro e deixa mais lucros.

O pão — diz a Dione — é apenas um dos exemplos de como a população é levada a consumir o que nem sempre é o melhor. Ela lembra que consumismo fez com que, através da

propaganda, muita gente começasse a buscar nos supermercados o que poderia fazer em casa. Tudo por causa das embalagens, dos apelos publicitários, dessas armadilhas montadas pelas empresas.

NÃO VAI SER FÁCIL

O problema, agora, é saber de que forma o pão de trigo poderá ser apenas um complemento alimentar, e não o alimento básico das chamadas camadas pobres. Dione acredita que o barateamento de outros produtos, que também podem ser transformados em farinha, contribuiria para isso. O povo continuaria consumindo pão, mas de centeio, de soja, de milho, que são mais nutritivos. Ela defende, então, a transferência do subsídio do trigo para essas alternativas.

Mas não vai ser fácil fazer com que o pão de trigo seja deixado de lado. Para a nutricionista, não se altera um hábito alimentar em menos de 20 anos. “E o objetivo — diz ela — não

seria o de se alterar hábitos, mas melhorar, aperfeiçoar esses hábitos, através de programas de educação”. Dione entende que é preciso educar o povo, em termos de alimentação, considerando inclusive os tabús, como o de que esse ou aquele alimento é indigesto. É o caso, por exemplo, do pessoal achar que melancia com milho faz mal.

Na Cotrijuf, esse trabalho já vem sendo feito, através do departamento de Comunicação, que realiza reuniões com senhoras e filhas de agricultores, em mais de 30 núcleos de quatro municípios. Para a Dione, dessa forma podem ser pelo menos amenizadas as conseqüências dos problemas sociais, que impedem os pobres de terem uma boa alimentação. O certo é que um povo mal alimentado não cresce nem física, nem mentalmente. Fica nanico e fraco das idéias, com pouca inteligência. . . .

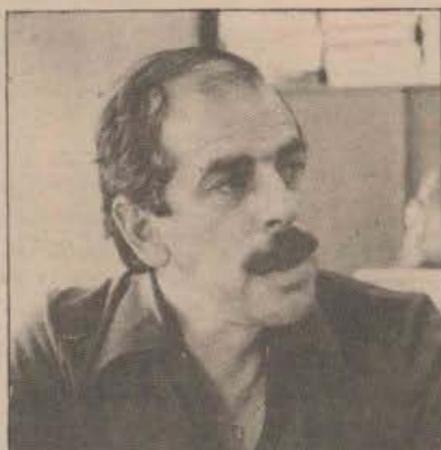
O produtor não ganhou nada

S
SUBSÍDIO

Nessa conversa toda, é fácil de ficar sabendo que o tal de subsídio beneficia o consumidor. Mas e o produtor, afinal, o que pode ter ganho com uma medida como esta? No caso do trigo, não ganhou nada, porque o subsídio é dado na forma de barateamento do grão, no momento em que o produto é entregue ao moinho. Além disso, o trigo tem bom mercado, com o crescimento desenfreado do consumo.

Mas uma transferência do subsídio, para produtos essencialmente nacionais, poderá alterar um pouco essa situação. O presidente da Cotrijuí está entre os mais insistentes defensores da transferência do auxílio. Ele acha que o subsídio não deve ser simplesmente extinto, mas melhor administrado.

No momento em que o barateamento atinge outros produtos (milho, soja, centeio, mandioca), inclusive com o mesmo objetivo de transformação em farinha, o produtor poderá ganhar o que hoje não ganha com o subsídio. Ruben Ilgenfritz da Silva explica que o subsídio seria, en-



Ruben: transferir o auxílio

tão, uma forma indireta de garantia de mercado.

A partir daí, poderia também ser conseguida uma estabilidade de preços para esses produtos. O agricultor contaria com valores mais ou menos compensadores, ficando livre das surpresas que acontecem, quando a produção aumenta e não há garantia de mercado.

MAIOR DEMANDA

E por que isso aconteceria? No momento em que o produto é oferecido a preços baixos, para venda ao

consumidor, automaticamente surgem os compradores, há uma maior demanda. Através do subsídio haveria um incentivo indireto à culturas que têm riscos bem menores que os do trigo.

E não é só isso que conta. Se a transferência do subsídio acontecesse, além do produtor ser beneficiado, a medida estaria cumprindo, de fato, seu caráter social. Isto porque ninguém desconhece que os outros produtos possuem maior valor como alimento. "A farinha de trigo é hidrato de carbono e só incha a barriga", diz o presidente da Cotrijuí.

Para ele, o que interessa agora é uma avaliação dos reais benefícios do subsídio, considerando a dependência brasileira do trigo importado e o aspecto nutricional do pão e da farinha, entre outros fatores. E o consumidor deve participar desse debate, pois até o momento ele pouco sabe a respeito das implicações do barateamento dos produtos que têm pouco ou quase nenhum valor nutritivo.

MONOPÓLIO

Há outros aspectos a serem con-

siderados. Ruben Ilgenfritz da Silva lembra que a produção brasileira de farinha é absorvida por um monopólio de pouco mais de 200 indústrias. São essas grandes empresas que, de forma indireta, saem ganhando com o subsídio. Além disso, a concessão do auxílio apenas ao trigo aniquila as possibilidades de desenvolvimento de sucedâneos, de outros produtos que poderiam estar contribuindo com a alimentação dos brasileiros. E o pior é que o trigo importado é que vai sendo subsidiado, enquanto a produção interna não cresce de acordo com o consumo.

O presidente da Cotrijuí reconhece, no entanto, que não será com a simples transferência do dinheiro gasto com esse auxílio, para outros produtos, que a população solucionará seus problemas de alimentação. Mas, pelo menos, poderá amenizá-los. Tudo dentro de uma política de longo prazo, que vá terminando com a dependência criada pelo trigo estrangeiro e, ao mesmo tempo, represente um incentivo à produção de alimentos bem nacionais.

A posição oficial: nenhuma mudança à vista

"Nós ainda não temos condições de resolver nossos problemas básicos de alimentação de uma forma mais drástica". A frase é de Humberto Garófalo, diretor do CTRIN. Ele está entre os poucos que acreditam na manutenção do subsídio, e tem um bom lastro para defender essa opinião. Garófalo dirige o departamento que cuida de tudo o que diz respeito ao trigo no Brasil.

Para ele, não será de repente que o governo decidirá a retirada do subsídio, pois antes é preciso considerar que o trigo faz parte dos hábitos de consumo, e isso não se altera de uma hora para outra. "Isso poderá ser feito — diz ele — ao longo de um período, de acordo com a evolução de nossas atividades rurais em outras direções que sejam viáveis".

AUMENTO DO DÓLAR

Mas as retiradas, aos poucos, do subsídio, como aconteceu três vezes este ano, já não fazem parte dessa política? Garófalo garante que não, e explica: com os aumentos nos preços do grão entregue aos moinhos, o governo estaria apenas atualizando os valores. Essa atualização teria sido exigida, principalmente, pela desvalorização do cruzeiro em relação ao dólar.

— O cruzeiro tem sido desvalorizado a uma média de 4 por cento ao mês. Se considerarmos isso, vere-



Garófalo: manter a política do trigo.

mos que o trigo importado encarece, mensalmente, mais ou menos em 500 cruzeiros por tonelada, agravando a diferença entre o preço de compra e o de entrega à indústria. Isso sem considerar os aumentos provocados pela própria manipulação interna do produto, particularmente agora, com os aumentos nos custos de transportes e outras taxas.

Garófalo entende que, pensando assim, deve defender, ao mesmo tempo, a manutenção da política de estímulo à produção interna. Os problemas enfrentados pelo trigo nos últimos anos não devem servir de

desestímulo, segundo ele. O que o país necessitaria, então, seria reduzir as importações e produzir mais:

— Não podemos pensar que o trigo deve ser erradicado das áreas produtoras convencionais, mesmo que outras regiões se prestem para esta cultura, como o Cerrado, onde há cinco anos a lavoura vem sendo implantada com êxitos extraordinários. Devemos manter a produção nas atuais áreas, sem esquecermos de aumentar o crescimento da lavoura no Cerrado.

COM PRECAUÇÃO

Defendendo esse ponto de vista,

o diretor do CTRIN acha que defende a própria infra-estrutura montada em cima do trigo. Ele não acredita em mudanças bruscas, e tampouco entende que os incentivos ao trigo possam ser reduzidos. "A política de trigo deve ser mantida no Brasil, e as reformulações que venham a ser feitas terão que acontecer com muita precaução", assegura ele.

Esse incentivo à triticultura — segundo Garófalo — está diretamente relacionado com o desejo de se continuar subsidiando o trigo. Ele acha que o subsídio tem um grande interesse social, e repete que o consumo do trigo pode e deve ser mantido nos níveis atuais:

— Ou nós perseguimos a produção interna, ou teremos que pagar caro pela alimentação do povo brasileiro. Pelo menos até que se encontre alternativas que sejam válidas.

Essas alternativas — diz ele — não existem no momento. Mesmo porque, na sua opinião, não haveria validade na transferência do subsídio para outros produtos essencialmente nacionais e cujas lavouras não ofereçam tantos riscos. A escala de produção dessas alternativas ainda "inviáveis" não atenderiam às necessidades de alimentação dos brasileiros, segundo Garófalo, que não vê muito motivo para um debate em torno desse assunto.

O INCENTIVO À COLETA INDIVIDUAL

Novas normas para a coleta e transporte do leite procuram melhorar a qualidade do produto e diminuir os prejuízos com a acidez.

Desde o dia primeiro de novembro estão em vigor algumas das normas de recebimento de leite. É bem verdade que algumas destas normas não são nenhuma novidade para os produtores, pois elas já vinham sendo levadas em conta há um bom tempo. E as outras normas que ainda não estão em vigor, mas que já foram amplamente discutidas com os Conselhos de Produtores ou então em reunião de núcleos, estão sujeitas a sofrerem algumas alterações já que deverão ser submetidas a aprovação do Conselho de Administração da Cotrijuí.

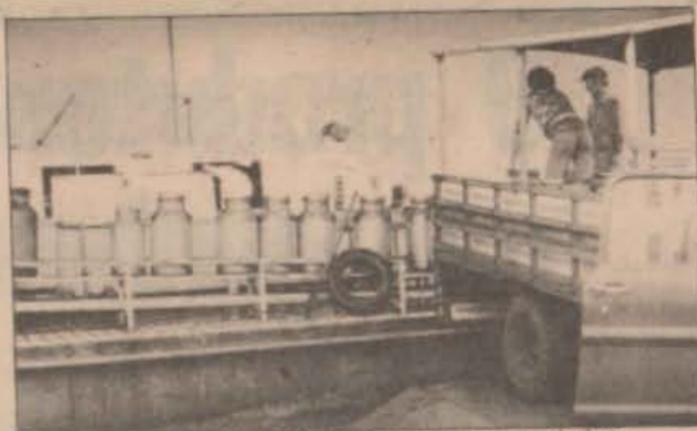
O Otaliz de Vargas Montardo, veterinário da Cotrijuí de Ijuí, diz que estas normas estão saindo agora como uma forma de consolidação do que já existia.

— O nosso principal objetivo é estimular a coleta individual, pois este sistema vem melhorar a qualidade do produto na medida em que evita a mistura de leite de diferentes propriedades.

Numa reunião que aconteceu lá pelo meio do ano com o Conselho de Produtores de Leite, o Otaliz aproveitou a oportunidade e fez um levanta-

mento da situação do leite. Contou que acidez do leite é causada grande parte pela coleta coletiva. Diz o Otaliz:

— Do total de leite ácido que chega na plataforma da usina, em termos médios, 80 por cento é entregue em tarros coletivos. Isto se explica por duas razões muito fortes: a mistura de leite de diferentes graus de qualidade higiênica e a dificuldade de se manter esses tarros rigorosamente limpos. Tem que se ver que estes tarros estão constantemente em cima dos caminhões, tomando sol e muita poeira.



80% do leite ácido é entregue em tarros coletivos

Além disso é preciso reconhecer que a lavagem do tarro na plataforma da indústria é bastante precária e jamais se pode comparar com uma lavagem feita em casa, com todo o cuidado.

Levando em conta toda essa situação, de entrega de leite coletivo, é que tem muito produtor pagando acidez que não é dele. A Cooperativa até está procurando incentivar a coleta individual através de financiamentos de tarros aos produtores interessados.

O QUE AS NORMAS DIZEM

De acordo com as normas, o leite deverá ser transportado em tarros adquiridos pelos produtores, "individualizados e devidamente identificados". Estes tarros só deverão ser abertos na indústria, para extração de amostras e pesagem. Os tarros deverão ser de latão, com uma capacidade de 30 a 50 litros.

Uma das novidades das normas é a criação dos "Grupos Identificados". Estes grupos serão formados por 3 a 4 famílias que produzindo em pequeno volume diário, poderão adquirir em conjunto tarros necessários para a entrega do leite. Neste caso, os grupos assim formados serão considerados como produtores de coleta individual. Cada grupo terá uma denominação própria, particular, para se diferenciar dos demais grupos.

— É uma maneira que encontramos de não tirar um pequeno produtor da atividade leiteira. Se ele entrega poucos litros de leite, não deverá ter um tarro individual, só para ele, pois acabáramos enchendo a carroceria do caminhão de transporte com um grande número de tarros quase vazios.

As normas não ficam por aí. Tem ainda o caso dos produtores que insistem em continuar entregando a produção de leite em tarros coletivos, pertencentes a Cotrijuí. Des-

tes produtores será descontado 1 (um) por cento sobre o preço do leite bruto, "como se fosse um aluguel pelo tarro". O valor correspondente será acrescido ao desconto de custo.

— Não é justo que uns produtores comprem tarros e outros não. Só para citar um exemplo, a Cooperativa tem mais de um milhão e 500 mil cruzeiros investidos em tarros que estão sendo usados na coleta coletiva.

A COLETA DE GORDURA

Se antes o coletador costumava passar de casa em casa coletando amostras de leite para fins de análise de gordura, redução, ou outras provas, isto não está mais acontecendo. A coleta de amostras somente será feita na plataforma da indústria ou nos Postos de Recebimento. Para tanto será considerado índice padrão, para fins de pagamento de gordura, o leite que apresentar até 3,3 por cento de gordura, (como determina a SUNAB). Todo o leite que apresentar um teor de gordura superior a 3,3 por cento, receberá um acréscimo no preço por cada décimo de gordura a mais. Se a gordura for inferior a 3,3 por cento, o leite sofrerá um desconto na mesma proporção. O leite dos tarros individuais e mesmo dos chamados "Grupos Identificados", será analisado individualmente.

Por outro lado, todo o leite que na plataforma da indústria ou nos postos de recebimento acusar índice de gordura inferior a 2,6 por cento, para fins de pagamento, será considerado leite ácido. Na medida do possível, os testes de acidez serão realizados nas propriedades ou plataformas da estrada, permitindo assim que o produtor fique com o leite que estiver ácido e forneça como alimento aos animais da propriedade.

Como produzir mais soja a menores custos

O Centro Nacional de Pesquisa da Soja (CNPSo), da EMBRAPA, tem estudado diversos métodos para que o agricultor obtenha maiores lucros na exploração da sua lavoura. E uma das maneiras de aumentar o lucro é seguir as recomendações do Programa de Manejo de Pragas da Soja, uma técnica que vai ensinar como reduzir a um mínimo estritamente necessário, os gastos com o controle de pragas da soja. Estes ensinamentos estão contidos em um prático manual de bolso compilado pelo Centro Nacional de Pesquisa da Soja.

Este manual se destina aos produtores de soja interessados em melhorar a sua técnica de cultivo e aborda os seguintes aspectos:

- O que é Manejo de Pragas da Soja.
- Quais as vantagens de sua utilização.
- As pragas que atacam a soja.
- Os inimigos naturais dessas pragas.
- Como contar as pragas na lavoura.
- Quando controlar as pragas.
- E outros assuntos de interesse do agricultor.

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
SOLICITE SEU EXEMPLAR**

Se você está interessado em receber gratuitamente este manual, que lhe será de grande auxílio durante toda a safra da soja, escreva para Caixa Postal 20.932, São Paulo.

NOME:

ENDEREÇO:

FAZENDA/EMPRESA:

CARGO:

CIDADE: CEP:

ESTADO: 14

OS GANHOS E AS PERDAS DE UM PREÇO MÉDIO

Desde muito tempo que os preços do leite, para fins de pagamento, são fixados pela Sunab. O preço estabelecido pela Sunab varia, de acordo com a classificação: leite consumo (pasteurizado), leite indústria (utilizado na fabricação de queijos) e o leite ácido. Pela última portaria da Sunab, de 20 de outubro deste ano, novos preços foram estabelecidos para o leite. O leite consumo passou de Cr\$ 13,00 para Cr\$ 16,00 o litro; o leite indústria passou de Cr\$ 11,00 para Cr\$ 13,50 e o leite ácido foi de Cr\$ 1,65 para Cr\$ 2,70. Só que os associados da Cooperativa Central Gaúcha de Leite - CCGL - vão receber uma média destes preços, já que a cooperativa há muito tempo vem trabalhando com um único preço, tanto para o leite consumo como para o leite indústria.

PRODUÇÃO MENOR NO INVERNO

Uma coisa é certa, quando chega o inverno (ali pelos meses de abril, maio, junho e julho) a produção de leite cai lá embaixo. Nesta época, 70 por cento da produção de leite vai para o consumo e só 30 por cento é que vai para a indústria. Então no inverno a maior parte da produção entregue pelos produtores fica enquadrada na classificação de leite consumo, cujo o preço era de Cr\$ 13,00 até 20 de outubro - razão pela qual a CCGL pagou Cr\$ 13,00 por todo o leite recebido. Já no verão esta situação se inverte. Os 70 por cento de leite que iam para o consumo, passam para a indústria e apenas 30 por cento de leite passa para a classificação "consumo". É que no verão a produção aumenta coisa de 50 por cento, enquanto que o consumo se mantém igual. E o produtor, por sua vez, passa a receber o preço de leite consumo, que atualmente está em Cr\$ 16,00 por apenas 30 por cento de sua produção. Pelos outros 70, o produtor receberá apenas Cr\$ 13,55 por litro de leite-indústria. Como a CCGL não trabalha neste sistema, partiu para a fixação do preço único. Para efeitos de cálculos, a CCGL considerou que em 100 litros de leite, 70 recebiam um total de Cr\$ 948,50 e de que 30 litros recebiam Cr\$ 480,00. Somou estas duas quantidades e fez uma média geral, encontrando o preço único de Cr\$ 14,28, que foi arredondado para Cr\$ 14,30. É este o preço que a cooperativa de leite está pagando aos seus associados.

O Otaliz de Vargas Mon-



No lugar da cota, um prêmio pela produção

tardo, veterinário do Departamento Técnico da Cotrijuí, comenta que a CCGL poderia pagar até um pouco mais no preço do leite, "mas acontece que ela não está trabalhando com o sistema de comercialização baseado no leite cota-excesso".

O caso é que durante os meses de abril, maio, junho e julho - os piores meses da produção leiteira - a Sunab estabelece uma média de produção que serve de base para a fixação das cotas para a comercialização de leite de verão. Por exemplo, se nos meses de inverno, um produtor produzir uma média de 2.000 litros de leite por mês, quando chega no verão, ele terá direito a comercializar a sua cota, neste caso os 2.000 litros, e mais 20 por cento da produção. Isso dá direito a comercializar no verão, apenas 2.400 litros por mês. Se ele produzir 3.000 litros, 600 serão considerados leite-excesso e portanto a um preço de Cr\$ 11,00 o litro. "A cota é estabelecida nos piores momentos de produção e a CCGL, por sua vez, não concorda com este sistema por achá-lo injusto, razão pela qual não usa este sistema de comercialização", fala o Otaliz. Só que deixando de comercializar por cota-excesso, como determina a portaria oficial da Sunab, a CCGL está também deixando de ganhar Cr\$ 2,30 por cada litro de leite que vende.

PERDENDO MERCADO

O que acontece muito no verão, só por causa desta tal de cota-excesso, é que muitas indústrias acabam recebendo 70 por cento só de leite-excesso, por um preço de Cr\$ 11,00 o litro. Sendo assim, estas indústrias têm condições de entregar o produto final ao distribuidor, por um preço bem me-

nor e com uma boa margem de lucro. "Foi esta situação que fez com que a CCGL perdesse parte do mercado em Santa Maria. Uma indústria que estava trabalhando com cota-excesso, começou a entregar leite naquela cidade por um preço bem abaixo do preço da CCGL. Como a cooperativa não podia diminuir o seu preço, pois não trabalha com cota-excesso, parte do mercado ficou com a outra indústria". Todas as indústrias que trabalham com este sistema de comercialização, têm condições de diminuir o preço à nível de atacadista, pois não vão ter prejuízos, já que pagam bem menos pelo leite à nível de produtor.

COTA-PRÊMIO

Na verdade não dá para afirmar que existe excesso de leite nos meses de verão. O que existe mesmo, de concreto, é a falta de leite nos piores meses de inverno. "Por isso, a CCGL entende que é preciso estimular a produção de leite durante o inverno", diz o Otaliz. Para incentivar os produtores, a Cooperativa de Leite instituiu a cota-prêmio.

O estabelecimento da cota para fins de bonificação será baseado nos meses de produção maior, ou seja, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro. Se a média de produção desses meses for, por exemplo, de 2.000 litros por mês e acontecer de nos meses de abril, maio, junho e julho a produção atingir os 2.000 litros por mês (100 por cento da cota) ou mais, este produtor receberá 10 por cento de bonificação sobre o preço total do leite. Se ele produzir de 90 a 99 por cento, a bonificação será de oito por cento e se a produção andar em torno de 80 a 89 por cento, re-

ceberá de bonificação cinco por cento. Lembra o Otaliz de que a cota-prêmio não tem nada a ver com a cota-sacrifício de verão. "O máximo que pode acontecer é o produtor não conseguir alcançar 80 por cento da cota estabelecida no verão e não receber a bonificação".

Só poderão participar da cota-prêmio, aqueles produtores que entregaram leite constantemente nos 12 meses anteriores a abril de 81. "Se um produtor entregou uns seis meses e parou dois, não terá direito a participar da cota-prêmio", explica o veterinário da Cotrijuí.

PROGRAMAÇÃO DE PRODUÇÃO

O que o produtor poderá fazer para aumentar a sua produção durante os meses de inverno? De acordo com o Otaliz, uma das soluções seria mudar o esquema de alimentação

e de reprodução dos animais. "Os produtores teriam que começar a inseminar ou colocar os animais em cobertura nos meses de maio, junho ou julho. A partir de fevereiro, estas vacas estariam com cria e já produzindo leite". Como não há mais tempo para inseminar os animais até fevereiro, o Otaliz recomenda que no próximo inverno os produtores se preocupem mais com a alimentação. "Poderão utilizar forrageiras de inverno na alimentação ou então partirem para o uso de reservas forrageiras sob a forma de feno ou silagem". Por outro lado, o Otaliz diz que a bonificação viria cobrir um pouco os custos com as pastagens de inverno, "o que aliado a não ocorrência de prejuízos com a acidez (acentuada nos meses de verão) viria transformar o leite numa boa alternativa para a utilização da terra nos meses de inverno".



DIPEL®







QUESTÃO DE VIDA



Dipel é um inseticida natural, sem elementos químicos, que não põe em risco a vida de animais, pássaros, peixes, abelhas e outros insetos benéficos. Não oferece qualquer perigo à saúde de quem o aplica, nem problemas de resíduos tóxicos nos alimentos. Sua função é única e exclusivamente a de se aliar aos inimigos naturais das lagartas, acabando com elas antes que elas acabem com sua plantação. Use Dipel, em alto ou baixo volume. O resultado será uma colheita mais lucrativa e cheia de vida.

OU MORTE



A danada da lagarta e um bichinho de morte, esfomeado, que devora a plantação em três tempos, se você deixar. Mas Dipel dá um jeito nisso, naturalmente, sem envenenar a lavoura nem prejudicar o meio-ambiente. Duas horas após ingerir o Dipel pulverizado nas folhas, a lagarta para de comer, não causando mais danos à lavoura, mesmo que possa ficar viva ainda por 3 dias. Pegar a lagarta pelo estômago, com Dipel, o resultado será o fim da lagarta, um futuro próspero e farto a sua lavoura e maiores lucros para você.

Dipel - a última refeição da lagarta

ABBOTT LABORATÓRIOS DO BRASIL LTDA.
 Divisão de Produtos Químicos e Agrícolas
 Rua João Rangel Sempeo, 248 - Tel. 240.1332
 CEP 04560 - São Paulo, SP - Brasil

O PREÇO DA APARÊNCIA

No alho conta muito mais a aparência do produto do que sua qualidade. É disso que se queixam os produtores, invocados que ficam com este negócio de classificar o alho pelo tamanho da cabeça. Quanto maior ela for, mais alto será o valor no mercado. O negócio não é nada justo para o produtor, ainda que não é em tudo que é lugar que o alho tem preço diferente para o consumidor.

— Classificar o alho é uma bobagem. No final das contas tudo é alho. O produtor é quem vende tanto alho diferente, porque o consumidor só compra um tipo e ainda paga o dobro.

Quem começa falando dos problemas de classificação, de preço, de lucro, do intermediário na produção de alho, é o seu Constantino Fabrin, de Arroio das Antas, Ijuí. E diz ainda que o pessoal está comprando alho com os olhos, "pelas aparências". Por trás das "aparências", seu Fabrin vê o intermediário, levando o produtor no bolso.

— Só tem uma pessoa ganhando nesse negócio de revender o produto do agricultor: é esse tal de intermediário. Me diga uma coisa: quem é que ganha a não ser o intermediário? O produtor é que não está ganhando lucro grande. O pior é que isso não acontece só com o alho. É com tudo quanto é produto.

O seu Fabrin diz até que não gosta muito de falar nestas coisas. Tanto ele quanto a dona Erna acham que nem adianta reclamar de tanto ganho do intermediário, pois não vêem saída para o produtor.

— O produtor está mesmo enrolado. Como é que ele vai vender diretamente o produto, se não conhece direito o mercado? Como é que ele vai botar preço certo na produção? E mesmo que ele ponha um preço que considere razoável, o intermediário não aceita. O produtor é quem tem que se sujeitar ao preço dele. Tem que existir margem de lucro pra ele e não para quem produz.

PRODUTOR COM PREJUÍZO

A dona Erna acha o alho de uma serviçama danada, pois tem que chegar até o consumidor limpo, curado, tudo prontinho. É por isso que considera o preço pago ao produtor, se comparado com o que o consumidor paga, muito pouco. Não que a Dona Erna ache que o consumidor esteja pagando demais, pois ele está comprando um produto de qualidade.

— Se o consumidor está comprando um produto bom, já prontinho, ele tem meio que se sujeitar a pagar um preço alto, sem se sentir prejudicado. Na verdade só tem um prejudicado que é o produtor que recebe pouco pelo produto.

CONTENTANDO COM OS OLHOS

O problema da classificação não está só na trabalhadeira que dá. O pessoal reclama que o lucro é pouco e que na verdade estão vendendo é aparência e não qualidade. O seu Alfonso Didoné, do Arroio das Antas, não vê motivos para tanto preço para o alho só por causa da classificação.



No alho, tamanho é documento.



Vilmar Bagolin: esperando a Cobal



Constantino Fabrin: o produtor está enrolado



Alfonso Didoné: só contentar os olhos



Ari Pisoni: o lucro do intermediário

Não acha justo que só porque uma cabeça de alho é um pouquinho maior que outra tenha que ter um preço diferente.

— Isso é só para contentar os olhos. Tudo é alho de boa qualidade e esta estória de tamanho é inventice do mercado. Claro que um produtor reconhece que não vai vender alho desdentado ou bem miudinho por o mesmo preço de um alho graúdo.

Se o alho é bom, tem a cabeça bem fechada e bem curada, seu Alfonso diz que não existe razão para vender por preços diferentes. Tudo é questão do consumidor aprender a aceitar o produto e deixar de procurar nos mercados beleza e não qual-

dade.

— Uma verdura mais bonita, mais graúda, tem mais saída, embora tenha a mesma qualidade de um outro produto de tamanho menor. É que as pessoas se acostumaram a comprar as coisas pelas aparências. Isso é mania. Se uma pessoa entra num mercado para comprar uma cabeça de alho, ela vai escolher uma cabeça graúda e não admite pagar o mesmo preço por uma cabeça um pouco menor. É uma mania difícil de modificar.

É por isso que o seu Alfonso diz que não vê como fugir às regras de um mercado exigente, se o próprio consumidor muitas vezes não busca comprar qualidade. O consumidor se acostumou a comprar assim e o produtor tem que se sujeitar. Só que o produtor sempre sai perdendo e o consumidor é quem sempre paga o preço mais alto.

— Agora nem sempre esse preço alto que o consumidor paga, volta pro bolso do produtor.

O intermediário ganhando nas costas do produtor é uma coisa que sempre existiu e que sempre vai existir. O seu Alfonso até conta que num dia desses, pegou um pouco de banha que tinha sobrando em casa e levou para vender na cidade. O preço maior

que conseguiu foi de Cr\$ 50,00 pelo quilo. No outro dia, o comerciante estava vendendo a sua banha por Cr\$ 95,00 o quilo. O lucro era mais de 90 por cento. É por isso que ele mesmo reconhece que é difícil de terminar com intermediário, se muitas vezes o próprio produtor incentiva a margem de lucro.

— Eu me pergunto: será que é possível terminar com a figura do intermediário, se o próprio produtor é o culpado pela sua existência? Foi o próprio produtor quem deixou espaço para ele crescer e tomar todo o lucro. Será que deixando de desviar a produção o produtor vai conseguir se ver livre do intermediário?

DEIXANDO DE GANHAR DINHEIRO

A mesma pergunta se faz o seu Ari Tomás Pisoni, do Saltinho. E o seu Ari até acha que no alho o intermediário ainda tira muito mais lucro que nos outros produtos. E não só do produtor, mas também do consumidor.

— Concordo que exista classificação no que diz respeito à qualidade. Agora, a partir do momento que o produtor está classificando por causa de tamanho, ele tá deixando de ganhar dinheiro. Se o produto tem qualidade inferior, tá certo que receba um preço menor. Mas não por causa de tamanho. Isso não é justo. E será que o consumidor também está comprando alho classificado? Isso sim, eu gostaria de saber.

O seu Ari também põe um pouco da culpa no consumidor, pelos mesmos motivos que falou o seu Alfonso. O consumidor precisa aprender a comprar qualidade. Pelo lado do produtor, o seu Ari reconhece que as coisas não são tão fáceis como parecem. Ele conta que algum tempo atrás, muita gente plantava alho na região do Saltinho. Todo o mundo colhia, mas não tinha onde e nem para quem vender. O produto sempre se estragava em casa. Foi então que se criou uma certa dependência entre o produtor e o intermediário. Seu

As manias do mercado

Os produtores que lidam com o alho sempre reclamam muito da trabalhadeira da classificação. Não acham justo que uma cabeça de alho um pouquinho menor que outra receba um preço tão diferente. Será que dá para o produtor escapar dessa tal de classificação? O Nelcir Baroni, Gerente do Setor de Hortigranjeiro da Cotrijuf, conta que nada impede o produtor de entregar o produto sem classificação. Só que neste caso ele vai pegar um preço bem menor. A classificação é uma exigência do mercado. "Nós concorremos com alhos de qualidades excelentes, que vem da Argentina, Peru, Bolívia e Espanha. Por outro lado, os grandes consumidores, que são os paulistas, cariocas e mineiros, já se acostumaram a comprar esse tipo de alho. Foi um hábito criado pelo alho vindo de fora e nós temos que entrar no esquema, se quisermos vender bem o nosso produto."



Baroni: exigência do mercado

que ser graúdo mesmo? Diz o Baroni que isso é hábito do próprio consumidor que prefere comprar o graúdo, pois é melhor de se lidar. "É melhor descascar um graúdo do que uma cabeça miudinha". Isso vem de tempos e é coisa dos mercados exportadores que botaram na idéia do consumidor de que alho tem que ser graúdo.

— Não é fácil mudar de uma hora para outra os hábitos do consumidor. Agora o dia em que fomos auto-suficientes na produção de alho, o consumidor vai ter que aprender a aceitar o alho nacional, mesmo que seja mais miúdo.

O produtor sempre reclama que gasta muito tempo classificando alho e, ainda por cima, perde dinheiro, enquanto que o consumidor só compra um tipo de alho e paga um preço grande. O Baroni diz que não é bem assim. Nos mercados dos grandes centros o alho chega classificado e o preço é de acordo com o tipo de alho. Se a cabeça é graúda, ele vale mais do que um alho de cabeça pequena. Mas Baroni admite que à nível de região, o alho realmente não chega classificado, pois o consumo é muito pequeno. A questão está no próprio consumidor passar a exigir qualidade pelo preço que está pagando.

— O que normalmente acontece é de que um revendedor compra um produto mais barato, para poder vender também por um preço barato ou então para vender mais caro e tirar um lucro em cima.

Já o caso do intermediário é diferente. "Ele tem que dançar de acordo com a música". Quando vai comprar um produto, tem que procurar saber se realmente é de boa qualidade e se o mercado comporta tal produção. E por aí tem a concorrência. "O intermediário tem que se sujeitar a comprar bem, para poder vender bem, por isso a procura de produtos de boa qualidade. Ou então outras vezes ele tem que se sujeitar a comprar produtos de qualidade inferior, mas bem aceito pelo mercado, como é o caso da batatinha rosa." O Baroni conta que não adianta comprar a batatinha branca, de qualidade superior e de maior consumo em São Paulo, por exemplo, se na região o pessoal só consome a batatinha rosa, de qualidade inferior e mais barata.

Mas diz o Baroni que a margem de lucro do intermediário não é assim tão grande. "É claro que o intermediário nunca vai sair perdendo, mas a sua margem de lucro é sempre em cima dos custos que teve na compra do produto".

O alho já andou muito pior. Houve um tempo em que as importações não deixavam espaços no mercado para o alho nacional. Não havia segurança para os produtores. O pessoal plantava, colhia, mas o consumidor só queria saber daquele alho que vinha lá de fora.

OS DONOS DO MERCADO

Existem no Brasil, atualmente, 152 grandes importadores de alho. Eles são os donos do mercado. Com o incentivo que agora está sendo dado para o alho nacional, a Cacex (Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil) não vai permitir a importação de nenhum quilo de alho no período de 15 de novembro a 31 de janeiro. É neste tempo que entra a comercialização do alho nacional, ficando de dono do mercado. O Baroni é quem conta destas restrições às importações:

— Essa lei diz que se existir alho nacional no mercado até o dia 31 de janeiro, o prazo das importações poderá ser retardado em um mês. Por outro lado, o atacadista só poderá importar um quilo de alho, mediante a comprovação, através de nota do produtor ou então de cooperativas, de que comprou um quilo de alho nacional. Só estas duas notas é que tem validade para a Cacex.

CUSTO INFERIOR

O alho nacional concorre com o importado em qualidade. Dizem os entendidos que o argentino é o melhor de todos, e vem muito bem embalado. Todo o produto que for muito bem embalado, se torna uma mercadoria padrão, comenta o Baroni. O alho nacional que for vendido numa embalagem bonitinha, vai pegar bem mais preço do que aquele mesmo alho que está embalado num saco. "Foi uma dependência que se criou pelo próprio produto de fora, induzindo o comprador a se guiar pela embalagem". O Baroni é que fala melhor sobre a embalagem.

— A embalagem é o pior inimigo do consumidor ou então da organização que compra produtos. São coisas que vão fora, mas que o consumidor não dispensa. Ele só quer saber de coisas boas, de comprar tudo pronto, principalmente à nível de pequenas regiões. Então em vez de nos preocuparmos com a qualidade do produto, temos primeiro que saber que tipo de embalagem o mercado paga mais.

O GRAÚDO É MELHOR?

Será que alho, para ser bom, tem

Abélio Bertoldo: tirar as escamas

Ari até pensa que é difícil do produtor viver sem o intermediário.

— O produtor tá sabendo que o intermediário leva, livrezinho, no mínimo, uns 30 por cento de lucro. E ele é quem menos trabalha. Só pega o produto e faz o preço, quando o produtor, que é o dono, não tem o direito de fazer o preço.

Plantar, fazer dívidas, colher e entregar a produção nas mãos do intermediário, é só o que o produtor sabe fazer, lamenta o seu Ari. Se o lucro do produtor andasse por perto do lucro do intermediário, as coisas, talvez, não estivessem tão difíceis para os lados do agricultor que, no final das contas, é quem menos recebe pela produção. Diz o seu Ari que só o juro de 29 por cento do financiamento já come todo o lucro que o produtor poderia ter. Comenta até que o intermediário não seria tão combatido se não ganhasse demais.

— Na verdade o produtor não ganha nem 10 por cento do lucro que fica com o intermediário.

A vantagem do intermediário, segundo o seu Ari, é que ele tem muito conhecimento das artes do mercado, das transações de preços. Se o intermediário compra um produto por Cr\$ 10,00 o quilo, jamais vai vender por menos de Cr\$ 50,00.

— Se o preço não está bom, ele fica esperando o preço melhorar para só então depois vender o produto. A mesma coisa aconteceu com o feijão. O pessoal guardou e esperou o preço subir lá em cima. A margem de lucro duplicou.

Se o produtor de alho tocar de contratar mão-de-obra para fazer toda a serviçama, quase que não vai sobrar muito lucro para o produtor. O que salva o produtor é a mão-de-obra familiar, comenta o seu Vilmar Bagoim, da Linha 23, Ajuricaba. E o lucro mesmo fica todo com o intermediário.

— Como é que o atravessador pode ganhar mais que o produtor se ele não tem gastos e recebe tudo pronto? É o tal negócio: o produtor recebendo pouco e o consumidor pagando tudo. E nesse meio só tem uma pessoa ganhando dinheiro.

DANDO GRAÇAS A DEUS

Seu Vilmar não concorda com as tantas exigências do mercado para conseguir um preço melhor para a produção. Acredita até que seja mais uma maneira de tirar um pouco do lucro do produtor e assim dar uma

maior chance ao intermediário. E viver sem o intermediário, dá? pergunta seu Vilmar. Até conta que leu nos jornais que a Cobal está comprando todos os estoques de cebolas, evitando assim que o produtor caia nas mãos de intermediários e que o preço da cebola chegue tão alto até o consumidor. Na opinião do seu Vilmar, a compra de produtos pela Cobal viria diminuir a ação dos intermediários.

— Às vezes o produtor dá graças à Deus que apareça alguém prá comprar a sua produção. Não é fácil de terminar com o intermediário. Como é que o produtor ia vender a sua produção? Diretamente pro consumidor é muito difícil.

PRODUTO BOM, PREÇO MELHOR

O seu Abélio Setembrino Bertoldo, da Linha 23, Ajuricaba, parte do princípio de que se quiser vender o seu peixe, tem que tirar as escamas. Se o mercado exige classificação, então o produtor tem que classificar, pois é a única maneira de se pegar um preço melhor.

— A cooperativa tá sempre dizendo que quanto melhor classificado o alho, mais condições de oferta ela tem. E também mais chance de pegar um bom preço e concorrer com os produtos lá de cima.

A dona Izaltina, que ajuda o seu Abélio nas limpezas do alho, não anda nada satisfeita. Não só pela trabalhama da classificação, mas também pelo preço. Por ela, o seu Abélio até que não plantava mais alho.

— Sou contra o alho pela serviçama e pelo preço. Onde se viu tamanho influir no preço? Se o produto não é lá de boa qualidade, tá certo que o preço seja menor. Só não acho certo fazer classificação, com diferença tão pequena de tamanho.

Um dia destes a dona Izaltina entrou num mercado e foi ver o preço do alho. Diz ela que até se assustou de tão caro. E o alho não era assim dos mais graúdos.

— Então por que o produtor recebe tão pouco e o consumidor tem que pagar tão caro? Me parece que não é justo esse preço pro consumidor.

Se a dona Izaltina se revolta com "os atravessadores que ficam levando todo o lucro do produtor", o seu Abélio diz que isso é um problema da cooperativa, "a encarregada de comercializar a produção dos seus associados".

UMA META: A PARTICIPAÇÃO TAMBÉM DOS PEQUENOS

As restrições do crédito à pecuária têm impedido que pequenos produtores também se beneficiem de um programa como o Novilho Precoce

O Concurso de Novilhos Precoces, promovido pela Cotrijuí, em colaboração com a Secretaria da Agricultura, ganhou este ano uma maior participação do produtor. O concurso, que chegou ao seu quarto ano de realização, teve como novidade um encontro, para a discussão de assuntos técnicos e da política



Amaral: faltam recursos

para o novilho precoce. Esse debate atraiu os criadores, e serviu, entre outras coisas, para que se renovasse uma pergunta meia antiga: por que os pequenos proprietários ainda não conseguiram ser beneficiados pelo programa que, afinal, já tem cinco anos?

O diretor-financeiro da Cotrijuí, Luís Augusto Regis do Amaral, um dos palestrantes do encontro — realizado nos dias 28 e 29 de outubro — esclareceu essa situação. Ele falou sobre política de crédito para a criação de novilhos, revelando que o que falta é a liberação de recursos bancários, para que o programa seja bem abrangente. Mas já há sinais de que as autoridades de Brasília, que decidem sobre isso, vêm demonstrando simpatia com o estímulo à criação de novilhos.

AGRICULTURA PEGA TUDO

Segundo Amaral, principalmente no Ministério da Agricultura a idéia tem merecido maior atenção nos últimos meses. O problema

é conseguir parte do dinheiro que, por enquanto, o governo vem aplicando em massa na agricultura. A Cotrijuí tem argumentado, junto ao Ministério e áreas financeiras, que a região agrícola em que atua tem um enorme potencial para a integração lavoura-pecuária. Basta ver que, com 15 mil associados na Região Pioneira, a Cotrijuí poderia conseguir a formação de um rebanho de 45 mil cabeças. Isso se, em média, cada produtor criasse três terneiros.

Esse raciocínio de Amaral dá uma noção daquilo que o rebanho de precoces pode representar nesta área do Estado. Além disso, como já tem sido dito, o programa beneficiaria também as regiões produtoras tradicionais de gado de corte. Os terneiros dessas zonas de pecuária seriam transferidos para os municípios de atividade agrícola, para terminação.

Outro impasse na evolução do programa é a questão das pastagens. Hoje, as pastagens formadas para

pastoreio (como alimentação para animais), não têm cobertura do Proagro. Por isso, a maioria das áreas destinadas a esta atividade produz apenas o grão para semente.

UMA META PARA 81

Segundo Amaral, não só o Banco do Brasil, que é o órgão financeiro oficial, mas também os bancos particulares têm restrições para liberarem recursos a um programa como este. É que a criação de novilhos não oferece retorno imediato dos financiamentos. O dinheiro precisa ser tomado para uma amortização a médio prazo, e isso não interessa muito aos bancos.

Mas que as perspectivas estão melhorando, isso o diretor-financeiro da Cotrijuí admite. Tanto que a cooperativa já estabeleceu como meta, para 81, a distribuição de pelo menos dois mil terneiros a seus associados. Pode ser que, a partir do próximo ano, o pequeno também participe do programa, que até agora só pode contar com médios e grandes proprietários.

Os novilhos bons de peso



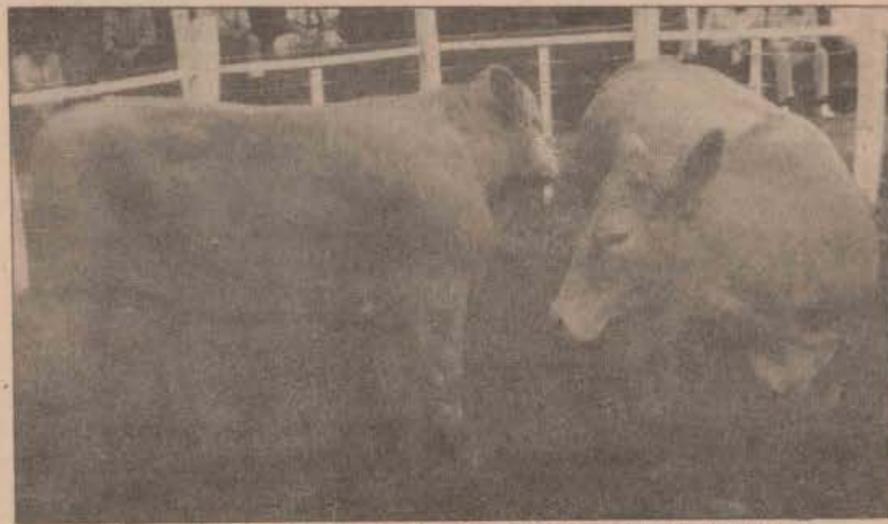
O lote Grande Campeão, de cruz Charolês X Hereford

O concurso deste ano teve a participação de 10 criadores de Júlio de Castilhos, Livramento, Augusto Pestana, Ijuí, São Borja e Giruá. E, mais uma vez, Avelino Scarton, de Augusto Pestana, ficou com o maior número de premiações. O Parque Assis Brasil recebeu 148 animais, que tiveram um peso médio de 274 quilos, com rendimento de 56 por cento.

As carcaças apresentaram um bom rendimento, e o peso mínimo, de 223 quilos, foi superior em cinco quilos ao peso médio das carcaças

de gado de corte no Rio Grande do Sul. Isso quer dizer que o rendimento das carcaças dos novilhos, de no máximo dois anos e meio, vem sendo superior à média conseguida com os bovinos de corte com idades bem superiores.

No julgamento em pé, os resultados foram estes: Lote de Grande Campeão, de Avelino Scarton; Lote Reservado de Grande Campeão, do mesmo Scarton; Campeão Dente-de-Leite, da sucessão Luiz Pedro Varez Alborno, de Livramento;



À esquerda, o Novilho Grande Campeão; à direita o Novilho Campeão Dente de Leite, que produziu a carcaça Grande Campeã.

Novilho Grande Campeão, de Scarton; e Reservado de Grande Campeão e Campeão Dente-de-Leite, de Antônio Grassi, de Júlio de Castilhos.

As carcaças foram julgadas na Cooperativa Regional Castilhense de Carnes e Derivados, de Júlio de Castilhos, com estes resultados: Carcaça Grande Campeã, com peso de 356 quilos e rendimento de 60 por cento, de um novilho de propriedade de Antônio Grassi. A mesma carcaça foi classificada como a Melhor Carcaça de Novilho Dente-de-Leite.

Grassi também conseguiu o prêmio para Reservada de Grande Campeã, com uma carcaça de 348 quilos e um rendimento de 57,6 por cento.

Além de Scarton, Grassi e da sucessão Alborno, participaram do concurso em Ijuí os criadores Régis Lopes Sales, de Júlio de Castilhos; Alceu Hickembick, de Ijuí; Aldo Grützmaker, Valsirio Goedert e Mário Roque Weis, todos de São Borja; Waldir Groff, de Giruá; e mais o Centro de Treinamento Agrícola da Cotrijuí.

Bom rendimento não é milagre

Deixando de fora os tropeços que o produtor enfrenta, na área de crédito, para poder se dedicar à pecuária de corte, ainda há muito o que aprender na terminação de novilhos. Os técnicos que fizeram palestras durante o encontro repetiram várias vezes que o pessoal dedicado à pecuária anda bem atrasado no Rio Grande do Sul, se comparado com os criadores de aves e suínos.

O agrônomo Gerzi Maraschin, da Faculdade de Agronomia da Universidade do Rio Grande do Sul, acha que os pecuaristas só vão crescer e se atualizar quando olharem mais para os progressos de seus concorrentes. Para Maraschin, o criador precisa entender, por exemplo, que "o aparelho digestivo de um animal não existe apenas para ser jogado fora depois do abate, mas para dar rendimento".

Ele citou números, ao falar sobre pastagem cultivada, para mostrar que isso não é tão difícil como parece, "não é nenhum milagre". Segundo o agrônomo, com 2 quilos e meio de ração um avicultor consegue um rendimento de um quilo de carne num frango. Já um pecuarista precisa de 12 quilos de ração, para poder contar com um quilo de rendimento num boi. Por isso, o criador precisa procurar as melhores formas de fazer com que o aparelho digestivo do novilho funcione sem folga.

AUMENTAR LOTAÇÃO

Maraschin mostrou gráficos sobre a perda de peso dos bovinos no inverno, e fez estas recomendações sobre manejo: controle permanente do peso do animal e aumento da lotação na pastagem, até que uma queda brusca nos rendimentos diga que é preciso parar. Ele lembrou que o criador não pode pensar em ganhar muito com poucos animais dentro de uma área, mas sim em somar rendimentos médios, com um maior número de novilhos. Para ele, dessa forma é possível conseguir um aumento de peso de no mínimo meio quilo por dia. Se esse rendimento baixar, é preciso diminuir a lotação.

O melhor aproveitamento das pastagens cultivadas também foi defendido por Eduardo Salomoni, da Embrapa de Bagé. Salomoni ressaltou que pouco resolve o criador conseguir um rendimento de 200 quilos num animal, dentro de um hectare, se com dois animais ele pode somar 300 quilos. Quer dizer que, por cabeça, o rendimento cairia em 50 quilos, mas na soma seria vantajoso.

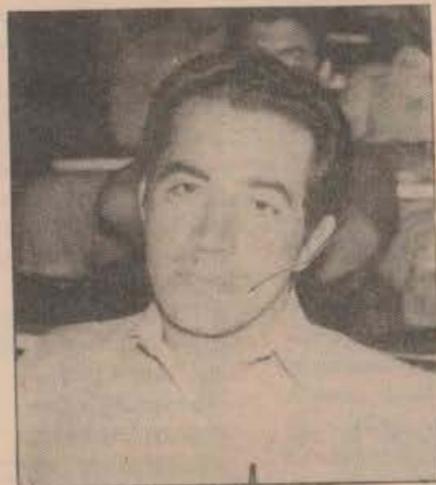
O Salomoni defendeu, aliás, a retirada dos novilhos das pastagens à noite — para que não haja pisoteio —, e Maraschin antes havia dito que isso não é preciso. Essas opiniões diferentes foram uma das idéias que se chocaram durante os painéis, deixando os produtores em dúvida. Teve criador que reforçou a posição do Salomoni, lembrando que, apesar do boi pastar à noite, o que ele ganha de peso não compensa a pastagem pisoteada.

APROVEITAR A SOJA

Outro técnico da Secretaria da Agricultura, o veterinário Thales Cunha Leal, também falou de rendimento, dizendo que está provada a perda, no inverno, de



Maraschin: o pessoal anda atrasado



Leal: soja é alternativa

um quarto do peso ganho pelo novilho na primavera e no verão. Por isso, ele entende que a soja surge como uma boa alternativa de suplementação, para que essa perda de peso não continue acontecendo.

Este ano, segundo Leal, o Rio Grande do Sul teve mais de 130 mil toneladas de resíduos de soja, que poderiam ser melhor aproveitados na suplementação. Esse dado é baseado em dados por ele conseguidos, de que os resíduos (vagem, grãos quebrados, sementes de inços) representam 2,3 por cento da produção de soja no Estado.

Os painéis também tiveram a participação de Abyr Becker e Becklerc Oliveira da Silva, agrônomos da Secretaria da Agricultura. Abyr falou sobre cruzamentos, e Becklerc mostrou que, na área de novilhos precoces, a Cotrijuí vem conseguindo bons resultados, de acordo com experimentações no Centro de Treinamento da cooperativa.

Becklerc, que coordena o programa de precoces dentro da Cotrijuí, fez comparações entre os resultados de um órgão de experimentação do Uruguai e os que foram conseguidos pela cooperativa no seu Centro de Treinamento, em Augusto Pestana. O CTC acompanhou a terminação, a partir da aquisição dos terneiros nas feiras, e em muitos casos obteve melhores rendimentos que os do Uruguai, onde o novilho é acompanhado desde o início do engorde. Para o Becklerc, está provado que é possível criar precoces com 450 a 480 quilos, para que se deixe de só abater bovinos com mais de quatro anos.

O novilho da moda

Quem diria? O novilho bonito, de pelo alto, olhar luminoso, boa barriga e peito grande está fora da moda. Muita gente poderá discordar, mas quem assegura que os pecuaristas devem buscar um novo tipo de gado de corte é o veterinário José Luís Costaguta, que participou do encontro em Ijuí. Para ele, isso faz parte das próprias exigências do mercado, onde os criadores de aves e suínos estão correndo na frente dos pecuaristas.

Costaguta fez comparações entre os novilhos antigo e moderno, para mostrar que velhos conceitos sobre bovinos de corte estão sendo deixados de lado. Disse o veterinário que o Brasil herdou o modelo de novilho das raças européias, e por muito tempo a pecuária nacional acreditou que o touro gordo, compacto, era o melhor reprodutor, o que poderia oferecer novilhos com melhor rendimento.

BELEZA NÃO CONTA

A partir dos anos 60 esses conceitos foram sendo melhor analisados, e hoje os brasileiros se dão conta de que os erros mantidos até agora, quanto a rendimentos, têm muita culpa na estagnação da pecuária. Para Costaguta, atualmente é possível dizer, sem qualquer erro, que o boi bonito nada tem a ver com rendimento:

— Sempre se pensou que o novilho deveria ser quadrado, peitudo, com olhar nobre, olhos vivos, virilha caída. Ninguém vai admitir que um touro tenha cabeça de vaca, mas não é preciso tanta beleza. De nada serve uma cabecinha bonita, chimbé, num corpinho pequeno.

A principal diferença entre os novilhos moderno e antigo é que um forma muita gordura, e o outro tem bastante músculos. E aí é que o criador e o consumidor são enganados, segundo Costaguta. O bovino antigo, mais qua-

drado que o moderno, "é parecido com um paralelepípedo", disse o veterinário. Esse tipo de boi nada forma de músculos no peito e na virilha, onde se localiza muita gordura. Além disso, não tem uma distribuição uniforme de carne e gordura, em toda a carcaça.

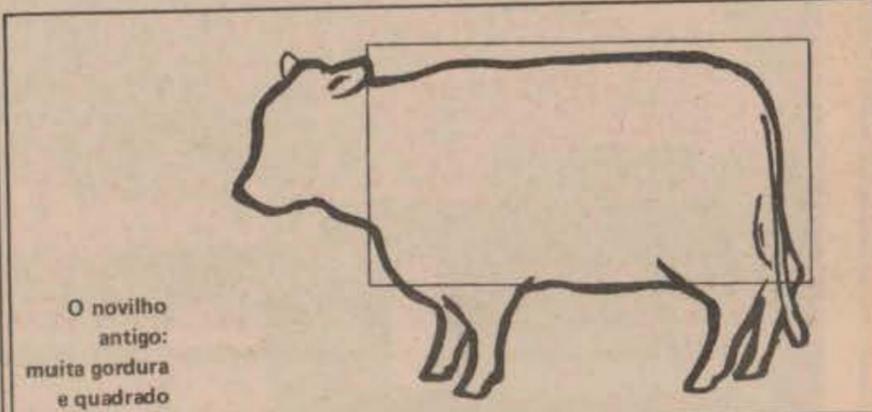
Segundo o veterinário, que trabalha na Secretaria da Agricultura, para formar um novilho antigo o produtor precisa gastar sete vezes mais. Com economia e um bom manejo, é possível formar um novilho com bastante carne, e sem a gordura que as donas-de-casa tanto desprezam. Nesse caso, ganha o criador e ganha o consumidor.

AS DIFERENÇAS

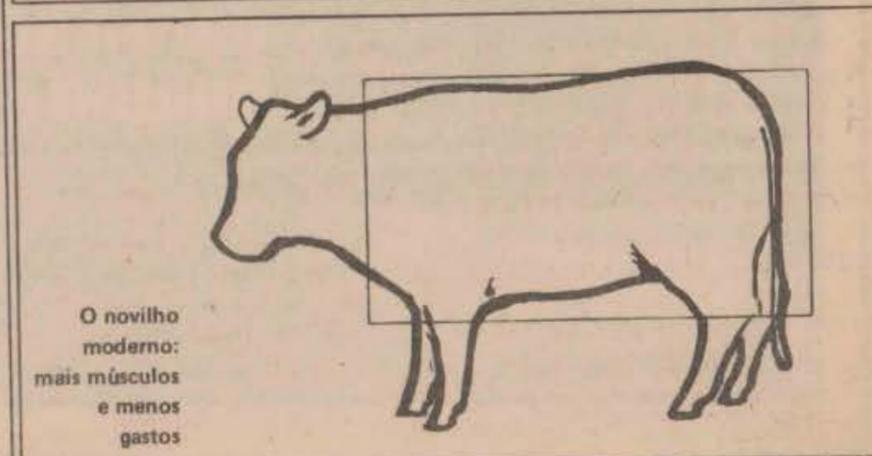
Mostrando slides, para provar que há muitas diferenças entre os bovinos, Costaguta enumerou as características de um e de outro. O novilho antigo tem, além do peito caído e da virilha grande, uma barriga saliente. Visto de trás, esse novilho permite que se enxergue sua barriga. Também tem pouca altura no vão entre as patas traseiras, é "calçado". Tem o lombo chato, com muita gordura. É, em resumo, bem quadrado.

O novilho moderno é mais elegante. Tem menos gordura, um lombo mais comprido, não tem peito nem virilha caída. Visto de trás, não mostra a barriga, porque tem os quartos mais bem formados, com mais músculos. Também resumindo, o bovino moderno é mais retangular, mais comprido.

Costaguta fez outras recomendações: o novilho deve ter uma boa constituição óssea, para que tenha mais músculos. Deve ter cascos firmes, unhas pouco separadas, um bom aprumo. Só que para conseguir tudo isso, o criador não depende apenas de manejo, mas de raças bem escolhidas. Mas esse — disse Costaguta — já é outro assunto.



O novilho antigo: muita gordura e quadrado



O novilho moderno: mais músculos e menos gastos

Uma Central de Hortigranjeiros

Uma Cooperativa Central de Hortigranjeiros é uma coisa que vem sendo discutida já há um bom tempo. A idéia nasceu entre algumas cooperativas, que se deram conta que o hortigranjeiro é uma coisa muito complicada. Perto de toda a estrutura que envolve a comercialização ou uma central de hortigranjeiros, qualquer cooperativa, por maior que seja, torna-se pequenina. Tem ainda o caso de que cada região produz determinado produto. De Pelotas sai o pêssego, de Torres a Banana, de Ijuí o alho, de Santa Maria a batatinha, de Caxias, a uva e assim por diante. Então a melhor solução seria reunir numa só, diversas cooperativas que estariam comercializando, através da Central, seus diferentes produtos.

SOZINHA É DIFÍCIL

Quem andou participando de algumas reuniões para constituição da Cooperativa Central foi o Nelcir Baroni, do Setor de Hortigranjeiros da Cotrijuí. Conta o Baroni, que essa Central viria resolver o problema de muitas cooperativas que pretendem ingressar na área do hortigranjeiro. "Existem várias cooperativas já dispostas a comercializar hortigranjeiros, mas estão sem condições, pois falta a estrutura, tanto para o recebimento, como para a comercialização".



É preciso rapidez no recebimento e comercialização

Por outro lado, o Baroni mesmo coloca que não é viável para uma cooperativa, sozinha, montar uma estrutura de comercialização numa capital (onde estão os maiores centros consumidores), quando não se tem a produção de um determinado produto nos 12 meses do ano. "Uma Central, onde se reunissem as cooperativas interessadas, seria o ideal". Porém, como o hortigranjeiro envolve produtos altamente perecíveis e para tanto é preciso uma agilização tanto no recebimento

como na comercialização, o Baroni acredita que a solidificação da Central se dará num processo um pouco lento.

A verdade é que as coisas já estão andando. No mês de outubro foi instituída a Central com o apoio de 16 cooperativas. Para fazer os primeiros estudos, foi constituída uma diretoria provisória, formada por Ruben Ilgenfritz da Silva, da Cotrijuí, Hermes Bitencourt, da cooperativa de Ibiraiaras e um representante da Cosulagri, de Pelotas.

Dom Pedrito

O POSTO NÃO SAI AGORA

Está acertado: vai sair o posto de recebimento de leite em Dom Pedrito. Só não se sabe ainda quando isso vai mesmo acontecer. Numa reunião realizada no último dia 13, com criadores daquele município e o pessoal do departamento técnico da Cotrijuí, muita coisa relacionada com o posto esteve em debate. Dessa conversa, resultou a decisão de adiar por mais um tempo a instalação, pois há muito o que se considerar, para que o investimento não represente muitos riscos.

Nedy Borges, diretor técnico da cooperativa, Eduardo Augusto de Menezes, diretor da unidade; e Otaliz Montardo, veterinário do setor leiteiro da Cotrijuí, explicaram aos criadores quais são os motivos da não instalação imediata do posto. Primeiro, o investimento dependeria dos testes de verão no tanque do posto de Ajuricaba, já que em Dom Pedrito o mesmo tipo de equipamento deverá ser utilizado.

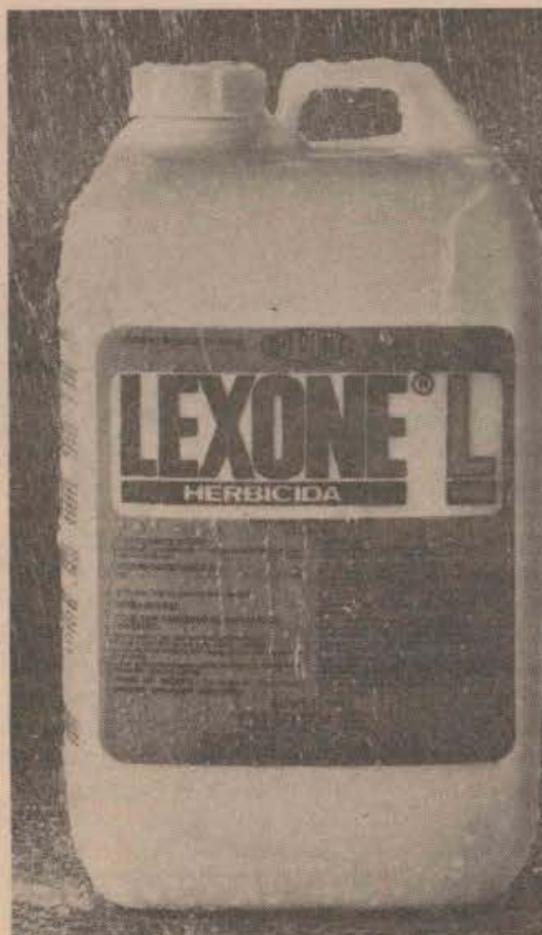
O segundo motivo são as indefinições quanto à colocação da produção.

Está quase certo que a CCGL contará com uma nova indústria em Livramento, para onde iria a produção de Dom Pedrito, mas não se sabe quando essa indústria começa a funcionar. E o terceiro problema são os recursos, já que atualmente há dificuldades para a liberação de financiamentos.

OS RISCOS

O posto estaria orçado em pouco mais de 5 milhões de cruzeiros, em setembro último. Hoje deve estar valendo bem mais, e por isso — mesmo que custe menos que os postos convencionais — representa um investimento que não pode correr muitos riscos. Os dirigentes da Cotrijuí também lembraram que o risco maior seria a instalação imediata do serviço, sem que o êxito da iniciativa ficasse assegurado. O projeto poderia não dar certo, por causa de aspectos técnicos ainda não bem testados, e tudo o que o criador investisse, em sua propriedade, seria desperdiçado.

Foi estabelecida uma meta, para que o posto seja implantado entre agosto e setembro do próximo ano. Isso se, até o final de fevereiro, o tanque do posto de Ajuricaba tiver passado pelos testes do forte do verão. Talvez até antes do final de fevereiro os técnicos possam dizer se o sistema implantado este ano em Ajuricaba suporta dias seguidos de calor. Mesmo que estivessem esperando o posto para mais cedo, os criadores que participaram da reunião concordaram que o melhor mesmo é esperar mais um pouco.



Lexone L.
Um líquido tão importante para a soja quanto a chuva.

"Lexone é marca registrada da Du Pont"



Lexone L é como a chuva: só traz benefícios à sua lavoura. Mas com uma diferença fundamental: enquanto a chuva passa, Lexone L fica controlando as ervas de folhas largas, desde a emergência até o completo fechamento da soja. Isso sem afetar a cultura subsequente.

Aplicado em pré-plantio incorporado ou em pré-emergência, Lexone L acaba com o problema da concorrência das ervas daninhas com a soja, que, como você sabe, se inicia com a própria plantação.

Isso tudo com muita praticidade, já que, sendo líquido, Lexone L mistura mais fácil e permite que você estabeleça as doses corretas de aplicação.

O resultado final é o que você sempre desejou: uma grande produtividade com muitos lucros.

Use Lexone L, o líquido tão importante quanto a chuva.



**COTRIEXPORT —
CORRETORA DE
SEGUROS LTDA.**

**MAIS UM ELO
DE UNIÃO**

**PARA FAZER SEGURO
EXIJA O MELHOR**

Em Ijuí: Sede da Cotrijuí —
fone 332-2400 — ramal 364
Em P. Alegre: Av. Júlio de
Castilhos, 342 — fone 33-50-32

UM SUSTO: DEU AFTOSA EM IJUÍ

Fazia já uns cinco anos que Ijuí não sabia o que era um foco grande de febre aftosa no gado. E isso por causa da vacinação em massa que tem sido feita nos rebanhos da região. Até mesmo em meados deste ano, quando a aftosa andou atacando de maneira violenta os rebanhos de quase todo o sul do Estado, Ijuí ficou de fora e não teve sequer um foco. Quando os criadores estavam se esquecendo dos prejuízos que a febre aftosa causou no rebanho gaúcho, ela apareceu por aqui e andou dando um susto em alguns criadores da região.

Quem anda às voltas com os focos de febre aftosa no município é o pessoal da Inspetoria Veterinária de Ijuí. Conta Luiz Carlos Machado Dias, Delegado Regional, que estes focos que apareceram em Ijuí, cerca de 30, envolvendo uns 300 animais, vieram de Dom Pedrito. O foco iniciou em Alto da União e se espalhou por Dr. Bozano. Tudo aconteceu porque um criador local trouxe uns animais para Ijuí e não entregou o certificado de trânsito

na Inspetoria Veterinária. Através deste certificado, a Inspetoria tem conhecimento do local de procedência do animal, das últimas vacinações, origem do trânsito, destino do animal, etc.

SOB CONTROLE

Os animais que vieram de Dom Pedrito ficaram em Alto da União. "Tiveram aftosa, mas o proprietário não notificou o foco à Inspetoria", comenta Luiz Carlos. Do Alto da União o foco passou para Dr. Bozano através de dois animais que foram transportados por caminhão. Quando a Inspetoria tomou conhecimento da existência de febre aftosa, isto através de alguns proprietários de Dr. Bozano, o foco de Alto da União já existia há mais de 15 dias.

"Imediatamente tomamos providências e iniciamos a coleta de material para descobrir o tipo de vírus". Logo após a identificação do vírus (tipo "O") a Inspetoria interditou estas áreas atingidas, formando um cinturão e iniciou a vacinação perifocal, (ou seja, vacinan-

do de fora para dentro). Até que o foco desapareça, não será permitida a saída ou entrada de qualquer animal nas propriedades interditas.

O pessoal da Inspetoria está confiante e acredita que os focos vão ficar por aí. Segundo o Delegado Regional, a doença não saiu do cinturão (Alto da União a Dr. Bozano) e quase todo o rebanho do município já está vacinado. "O caso poderá se complicar se a aftosa ultrapassar este cinturão, mas dentro da evolução da doença, acreditamos que ela esteja sob controle".

A LIÇÃO DA VACINA

Comenta o Luiz Carlos, que às vezes tem mal que vem para o bem. Como não existia mais aftosa, o pessoal andava fazendo corpo mole para vacinar o rebanho. Agora ela está servindo como lição. "A vacina é a única salvação". Luiz Carlos faz um alerta dizendo que contra a febre aftosa não existe tratamento curativo, só o preventivo que é feito através da vacinação de tempos em



Luiz Carlos: um mal que vem para bem tempos. "O produtor deve levar em conta que vivemos numa área de grande produção de leite e onde o valor dos rebanhos, tanto em raça como em dinheiro, é imenso. Por isso, os cuidados devem ser redobrados". Diz Luiz Carlos que a produção do gado leiteiro, que é atacado pela febre aftosa, nunca mais é a mesma. "E não é só a vaca que fica inutilizada. Até um boi de serviço nunca mais rende a mesma coisa, pois a aftosa dá problemas de coação".

O que produziu a safra de soja



A última safra gaúcha de soja alcançou um pouco mais de 5,7 milhões de toneladas, segundo estimativas de cooperativas, indústrias e exportadores. Este volume de produção representa um aumento de 58 por cento em relação à safra de 1979, que teve sua colheita frustrada.

Este dado, ainda que não oficial, é baseado nas informações de esmagamento e exportação realizados até agora. A estas alturas as indústrias já esmagaram cerca de 3,2 milhões de toneladas de grãos e ainda mantêm uma reserva de 1,5 milhões de toneladas para industrializar, incluindo neste total alguma quantidade de soja impor-

tada. As exportações gaúchas do complexo soja (grão, farelo e óleo) atingiram 2,54 milhões de toneladas. A intenção era exportar cerca de 4 milhões de toneladas, mas as dificuldades impostas pelo contingenciamento não permitirão que esta meta seja atingida. A autorização de exportações pelo Governo, dentro da política do contingenciamento, depende do abastecimento do mercado interno. Mesmo que esta exigência tenha perdido recentemente um pouco de sua rigidez, já não existe mais tempo para obter os direitos de exportação que permitam alcançar o volume pretendido de 4 milhões de toneladas.

Congeladores Prosdócimo.

O congelador Prosdócimo pode vir regulado para congelar (-18° C) ou para funcionar como refrigerador (+3° C)



Este sistema de refrigeração foi especialmente construído para trabalhar em condições tropicais.



Congeladores em diversas cores, tamanho e capacidade.

Venha conhecê-los nas Lojas Cotrijuf

UM CONSELHO PARA ORGANIZAR A PRODUÇÃO

— Queremos uma maior fiscalização nos produtos hortigranjeiros entregues na Cotrijuí, a partir de uma classificação mais rigorosa; uma programação de acordo com a entrega; uma solução para o caso dos produtores que só entregam as sobras na cooperativa (os melhores produtos são vendidos para terceiros) e melhores condições de instalação para o setor de hortigranjeiro.

Bem assim iniciou a reunião dos hortigranjeiros um dia destes, no auditório da Cotrijuí. Já fazia mais de um ano que os produtores de hortigranjeiros não se reuniam para discutir seus problemas. E

muitas questões foram levantadas. De giz na mão, o Hélio Ito Pholmann e o Nelcir Baroni iam explicando num quadro tudo o que os produtores queriam saber. No final das contas saiu uma eleição e foi formado o "Conselho de Hortigranjeiros"

O CASO DA PROGRAMAÇÃO

Um dos primeiros assuntos levantados pelos produtores foi a falta de uma programação de produção. "Tem produtor que está plantando demais. Se cada um vai plantar 5 mil pés de alface, como vai ficar o mercado?", perguntaram. E essa foi também a preocupação do Hélio: co-

mo fazer uma programação de produção com tantos produtores? "Essa programação furou porque alguns produtores tinham pensado em produzir determinada quantidade, mas na hora deu zebra, como foi o caso da cenoura".

Outro assunto, foi o caso dos preços. Os produtores dizem que não entendem como o preço do repolho até o mês passado estava a Cr\$ 10,00 e agora baixou para Cr\$ 6,00 o quilo. O Baroni contou que o hortigranjeiro anda muito. Ele vai de um lado a outro do Estado.

— Depois tem outra, quando não temos produto aqui, temos que ir comprar em Porto Alegre. Se



Fazia mais de um ano que os produtores não se reuniam

compro lá um saco de repolho ao preço de Cr\$. . . 200,00, tenho que vender aqui por Cr\$ 300,00. Tem o frete, a quebra. . . Agora se eu tiver que vender esse saco de repolho lá, as coisas são bem diferentes. Se vendo a Cr\$ 200,00, o saco, não posso pagar mais do que Cr\$. . . 100,00 ao produtor daqui. O preço caindo lá em cima, cai aqui também. Isso são coisas do mercado.

Conclusão a que chegaram os produtores: nem sempre o hortigranjeiro é um bom negócio. Quando cresce a produção e o mercado incha, sempre o produtor sai perdendo. Por outro lado, os próprios produtores admitiram que esta não é uma das melhores épocas, pois na cidade o consumo diminuiu em muito, já que bastante gente está fazendo uma pequena horta no fundo do seu quintal. E também na careza que anda o produto para o consumidor, não é todo mundo que tem dinheiro para comprar legumes e verduras.

O que fazer para proteger os produtores nos períodos em que o hortigranjeiro se torna um mau negócio?, se perguntavam os produtores. O Hélio sugeriu dois caminhos, que ficou para o Conselho discutir com mais tempo: cada produtor deverá plantar um pouco de tudo ou então que alguns produtores plantem determinados produtos e outros produtores se dediquem ao cultivo de outros produtos. Foi apenas uma sugestão do Hélio.

PREÇO DE ACORDO COM O PRODUTO

As conversas andavam animadas, até que um produtor falou que está na hora de pagar o produto de acordo com a qualidade. E todos concordaram e até disseram: "um produto de melhor qualidade tem que pagar um preço melhor". Explicaram que não é vantagem nenhuma tra-

zer pés graúdos de alface e entregar pelo mesmo preço de um pé pequeno e feio. "É por isso que muita gente vai vender o produto melhor para fora e só entrega as sobras na Cooperativa". E aí surgiu a classificação. O pessoal quer que os produtos sejam classificados de acordo com a qualidade. Se o produto não é bom, o preço também deverá ser baixo. "Achamos que é uma maneira de desincentivar a entrega de produtos ruins".

Também foi bem neste assunto, que surgiu o caso de que as instalações do setor de hortigranjeiros são precárias. "É um lugar escuro, com muito calor e com muita quebra de produção", falaram os produtores.

Assunto é que não faltava para discutir, mas o pessoal chegou a uma conclusão de que as soluções só poderiam partir dos próprios produtores. Pelo menos teria que haver uma participação mais ativa e mais direta dos produtores na tentativa de solucionar os casos mais graves. Foi aí que surgiu a idéia da formação de um Conselho de Produtores de Hortigranjeiros. Escolher os conselheiros foi fácil. Depois de uma votação rápida, foram eleitos como conselheiros do setor de hortigranjeiro de Ijuí, Arlei Harrmann, Ardino Siezemer, Ernesto Didonet, Lucídio Seibert, Olinto Fabrin e Valmir Vicente Copetti.

O CONSELHO DE CHIAPETTA

Não foi só por Ijuí que os hortigranjeiros andaram se reunindo e discutindo os seus problemas. Lá por Chiapetta aconteceu uma reunião meia parecida no dia 1º de outubro. Depois das discussões, o pessoal elegeu o Conselho de Hortigranjeiros que ficou formado pelos produtores Angelo Gondolo, Aquiles Santi e Antônio Bernardi Boiarski.

Chega de luta.

Depois do carrasco, surgiram punições, fuzilamentos, xerifas... Mas quem mata mesmo, e por lei, é Blazer, o carrasco das ervas de folhas largas da soja.

Blazer, o carrasco, vem à público para levar outros vizinhos cadafalados, o Amendoim Bravo ou Leiteiro, o João, o Caruru, a Corda de Viola, a Belaronga, o Carrapicho de Carneiro, a Trapoeiraba, o Pica Preto, o Pica Branco.

Blazer, o carrasco, é um herbicida de pós-emergência com a ação de contato que não perdona.

Não há ervas de folhas largas que resistam.

Blazer, o carrasco, mata sem placidez. Mata a que tem que matar, na hora certa e deixa protegida a plantação sem estragar a terra. Seus efeitos podem ser vistos um dia após a aplicação.

Blazer, como sempre, você pode aplicar com pulverizadores ou através de aplicações aéreas.

Blazer, o carrasco, deve ser aplicado sempre sobre lavouras já tratadas com gramínicidas, pois sua ação sobre capins é secundária.

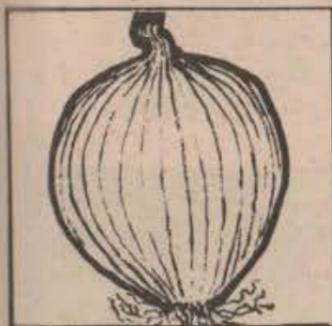
Vale a pena. Procure mais uma vez dentro de casa. Faça justiça com as mãos do carrasco. Acabe com as ervas de folhas largas da soja com Blazer.

Herbicida Seletivo
Blazer
LÍQUIDO SOLÚVEL

ROHM IHAAS
BRASIL S.A.

Fabricante de: Blazer, Dithane, Starn, Kelthane, Kelthane e Gold.

LAVOURA NO MÊS

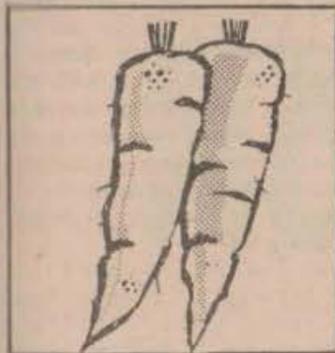


CEBOLA

A cebola está em fase inicial de colheita. Até o momento, a cebola está correspondendo a expectativa inicial de apresentar uma colheita produtiva.

Na hora de colher, algumas observações deverão ser levadas em conta pelo produtor. A cebola ao ser colhida, deverá ficar exposta ao sol durante um dia inteiro. Durante a exposição, os bulbos deverão ficar cobertos pela rama. Depois do processo de exposição, o produtor poderá depositá-la num galpão, de preferência em estaleiros, para que a cura dos bulbos fique completa.

De acordo com as perspectivas, este ano a produção brasileira de cebola será bastante expressiva, prevendo-se até sobras de produtos. É por isso, que o Departamento Técnico recomenda mais uma vez aos produtores que observem muito bem a colheita e o processo de cura. Assim, a cebola terá melhores condições de conservação e o produto poderá ficar armazenado por um tempo mais longo.



HORTALIÇAS DIVERSAS

As recomendações do mês anterior em relação à aplicação de Nitrogênio em cobertura para hortaliças de frutos (tomate, pimentão, beringela) podem ser repetidas este mês na razão de 50 gramas de uréia por planta ou então esterco curtido de aves, na dosagem de um quilo por planta.

O verão é uma época adequada para o cultivo de cenoura. Só que o produtor deverá usar variedades próprias para o período quente. O produtor que desejar plantar cenoura no verão, deverá ficar prevenido com boa disponibilidade de água, pois este aspecto é fundamental para o sucesso da cultura.

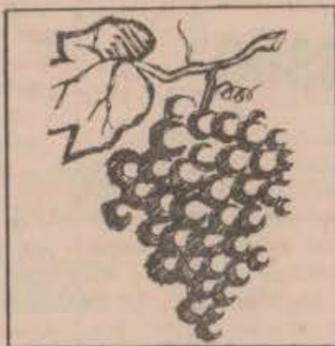
A alface também poderá ser cultivada durante o verão. Poderá ser plantada em canteiros com boa quantidade de matéria orgânica. As variedades a serem plantadas deverão também serem apropriadas para o verão. Os canteiros de alface deverão ser constantemente irrigados e o produtor deve ter o cuidado de na hora de irrigar, molhar bem as folhas para que fiquem de melhor qualidade.



ALHO

O alho precoce, que em sua maioria foi colhido no mês passado, já pode ser entregue na cooperativa. Antes de entregar o produtor deverá observar se a cura ficou completa.

O alho tardio, variedade "Portela", está agora em fase de colheita. O seu comportamento de campo tem sido bastante satisfatório. Resta agora fazer uma avaliação da qualidade do produto final. Somente depois da avaliação é que o Departamento Técnico poderá saber se realmente deve-se aumentar a área de plantio para o próximo ano. Por enquanto, o produto tem apresentado um alto índice de chochamento, o que é muito perigoso para o alho que ficará armazenado. Por causa disto, recomenda-se ao associado que não entregue na Cooperativa, alho que esteja em fase inicial de chochamento. Além de não apresentar quase nenhum peso, poderá prejudicar a qualidade do produto armazenado em boas condições.



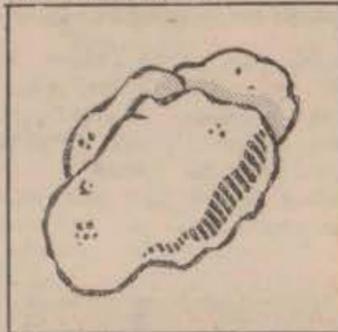
PARREIRA

Estamos num período muito importante para a obtenção de uma produção de uvas de boa qualidade. Uma boa produtividade pode ser alcançada com algum suplemento de adubação e controle de doenças. Em termos de adubação, o De-

partamento Técnico recomenda a aplicação de 50 gramas de uréia e 50 gramas de cloreto de potássio, por planta. Esta adubação deverá ser feita em dias úmidos. De preferência, a adubação deverá ser incorporada

O tratamento de doenças da parreira é muito complexo. Em parreiras domésticas, pode se obter resultados aceitáveis, desde que, após uma chuva, receba uma aplicação de Caldo Bordalesa, ou seja, 150 gramas de sulfato de cobre e mais 300 gramas de cal, dissolvidos em 100 litros de água. Mais tarde a parreira deverá receber uma aplicação de Dithane, Manjate ou Fungineb, numa dosagem de 200 gramas em 100 litros de água.

Estas recomendações valem para áreas pequenas. Quando o parreiral for grande é conveniente procurar uma orientação mais específica.



BATATA

A batata se desenvolveu muito bem até o período vegetativo. Na fase final, quando os tubérculos estão se formando, a batatinha começou a apresentar problemas. A murchadeira, uma doença para qual não existe controle e que pode danificar toda uma lavoura, começou a atacar a batatinha. A murchadeira só pode ser combatida através de controle preventivo, ou seja, com rotação de áreas. Só assim poderá diminuir a infestação do solo. Também é preciso usar sementes que não estejam doentes. Na verdade este é o aspecto mais difícil de solucionar, pois não existe no mercado sementes de boa qualidade para o uso dos produtores. Em termos de mercado, a batata está perdendo rapidamente o preço e portanto o produtor, que estava pensando em comercializar um pouco das sobras, poderá deixar para o uso caseiro ou então guardar para vender mais tarde.

A colheita da batatinha destinada à conservação por um tempo mais prolongado requer um certo cuidado. A produção deverá ficar exposta ao sol por um dia. Depois deverá ser armazenado em local com boa ventilação e temperatura fresca constante, como é o caso dos porões.

Classificados

Vende-se um moinho colonial para trigo. Cilindro duplo de 60 centímetros "Liebek" pneumático, polidor, selecionador de sementes, descascador de arroz "Nogueira", transformador de 60 KVA. Recebe-se em troca casa, carro, terreno, trator. Tratar com o proprietário, Oscar Otto Moerle, em Esquina Gaúcha, Augusto Pestana.

Vende-se uma colheitadeira automotriz, Massey Ferguson 310, de 13 pés. O ano é 76. Tratar com Ricardo Roberto, em Monte Alvão (Ijuí), ou pelo fone 332-2400, com Iriné Roberto.

Troca-se um terneiro comum, de 120 quilos, um mestiço zebu, de 160 quilos, por uma vaca holandesa, ou cruzada, com cria. Tratar com Euclides Marino Gabbi, na Vila Salto.

Recados

Para quem plantou linhaça, uma boa notícia: o adiantamento foi fixado em Cr\$ 1.500,00 o saco.

A Cooperativa não está recebendo a colza acondicionada em sacos plásticos. É que este material aquece muito o grão, e acaba provocando sua fermentação. No lugar do plástico se recomenda o uso de sacos de aniagem.

O Departamento de Crédito lembra a todos os produtores que é muito importante fazer uma comunicação para a cooperativa sobre o término da colheita do trigo. Apenas após esta comunicação é que ela poderá encaminhar ao Banco os documentos para a cobertura do Proagro. Existe um prazo de apenas 15 dias para que o Banco providencie esta cobertura. Quem não avisar, corre o risco de continuar pagando os juros do financiamento, que até então correm por conta do Proagro.

O associado Alípio Friedrich, do Alto da União, em Ijuí, foi classificado a nível regional, no concurso Prêmio de Produtividade Rural, promovido pelo INCRA. Ele agora vai concorrer, a nível estadual, em julgamento coordenado, em Porto Alegre, pela Secretaria da Agricultura.



Para qualquer tipo de construção que você idealizar existe um modelo de telha



Há mais de 40 anos garantindo os produtos que fabrica.

Procure as telhas BRASILIT nas lojas COTRIJUI

- Ijuí - Santo Augusto - Dom Pedrito - Tenente Portela - Nas demais Unidades sob encomenda

"NÃO BOTEM NA GAVETA NOSSAS SUGESTÕES"

O assunto era enquadramento sindical e previdência, mas de repente o pessoal foi ficando à vontade, e a reunião realizada no dia 31 de outubro, na Fidene, em Ijuí, foi transformada num grande fórum. Dois deputados do PDS, Valmir Susin e Vercedino Albarello, que vieram participar do encontro para ouvir os agricultores, até que quase nem falaram. Escutaram mais de 20 discursos. Até um grupo de senhoras discursou, para reforçar muitas queixas e concluir que o produtor já não aceita remédios para solucionar seus tantos problemas.

Susin e Albarello vieram a Ijuí como integrantes de uma comissão especial da Assembléia Legislativa, que vem estudando as modificações que os agricultores reclamam no enquadramento sindical e na Previdência Rural. A reunião foi realizada pela manhã, e lotou a sala 100 da Fidene com cerca de 300 pessoas, entre produtores e dirigentes sindicais de mais de 10 municípios da região, além de Orgênio Rott, presidente da FETAG. Só que os discursos não ficaram apenas nesses dois assuntos, mas abordaram também a reforma agrária, o endividamento do agricultor, as promessas que os políticos não cumprem, o abandono em que se encontram as famílias do meio rural.

HORA DE SE MEXER

O encontro, que no início estava meio morno, começou a esquentar com um depoimento de Armando Manhobosco, agricultor de Barreiro (Ijuí). Ele fez um relato da situação do produtor, especialmente do pequeno, sempre lembrando que o movimento contra o confisco serve de exemplo de que o pessoal não pretende mais ficar quieto:

— Nós estamos resolvendo ir à luta, como fomos pra derrubar o confisco. Naquela época, era palavra pra lá e palavra pra cá, e foi preciso a movimentação. Foi o dia mais feliz que nós vivemos.

Para Manhobosco, a falta de solução para os problemas que o agricultor vem enfrentando há bastante tempo, apesar das promessas, também deve ser debitada aos políticos. "Senhores deputados, está na hora de se mexer", disse ele a Susin e Albarello, lembrando que o produtor está apenas exigindo seus direitos.

Manhobosco falou das deficiências da Previdência Social, "que só aposenta cacos velhos", dos intermediários que encarecem os produtos ao consumidor e "botam a culpa nos agricultores"; da crise da suinocultura; e do caso da Granja Brilhante, que terminou com a prisão de dezenas de colonos. "Vejam só essa injustiça — disse ele —, pois agora quem quer produzir vai para a cadeia".

PASSANDO SABONETE

Com o discurso de Manhobosco, os dirigentes sindicais se sentiram motivados para falar. Juvêncio Pedrosa, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vila Jóia (Tupanciretã), disse que há dois anos o ministro Jair Soares "passou um sabonete no agricultor", quando prometeu que todos teriam carteirinha da Previdência para atendimento em qualquer município do Estado. Só que até hoje o produtor não tem direito à assistência fora de sua localidade.

Também falando sobre atendimento, Bruno Van der San, de Augusto Pestana, disse que no seu município estão sen-



O assunto era previdência e enquadramento. Mas se falou de outras coisas mais.

do cobrados até 5 mil cruzeiros, para pagamento da anestesia, quando de cirurgias no hospital. Segundo ele, lá o convênio do Funrural não vem sendo cumprido, mas as autoridades não têm se preocupado em fiscalizar o que acontece. Pior que isso está ocorrendo em Cerro Largo, onde quem não paga não tem atendimento médico.

José Tencato, do sindicato daquele município, foi quem afirmou que há 90 dias os médicos de Cerro Largo decidiram cobrar 300 cruzeiros por consulta dos agricultores. O INAMPS foi comunicado, mas só o que o sindicato conseguiu foi uma redução dessa estranha taxa, para 150 cruzeiros. Para ele, bem que o Funrural poderia aparecer pelo menos uma vez por ano em Cerro Largo, "para ver os abusos que estão acontecendo" no cumprimento dos convênios.

CONVÊNIO CADUCOS

Enquanto a maioria pedia maior fiscalização dos convênios, teve quem alertasse que esse parece não ser o maior problema. O Irineu Moraes, de Santo Antonio das Missões, disse, por exemplo, que os agricultores precisam é exigir mudança total nas atuais normas de atendimento. "Esses convênios — afirmou ele — estão

é caducos. Precisamos de atendimento hospitalar nos mesmos moldes do prestado pelo INAMPS". E para o Eraclides Gomes, do sindicato de Cruz Alta, "ficar discutindo convênio é o mesmo que apoiar vaca sem terneiro". O Eraclides acha que uma mudança por cima vai manter "a mesma exploração".

Teve também quem fosse mais longe um pouco, como o Ivo Schramel, de Panambi. Lendo um documento de seu sindicato, ele disse que "enquanto perdurar essa política agrícola e essa estrutura fundiária, será difícil conseguir uma previdência que atenda aos interesses de todos". Foi o Ivo quem perguntou sobre o que é arrecadado dos agricultores, e para onde está indo esse dinheiro, "que até agora ninguém sabe".

A aplicação dos recursos da Previdência foi lembrada pelo José Barassuol, do sindicato de Catuípe. "O retorno das contribuições, para assistência ao agricultor, é de menos da metade do arrecadado. Não se sabe para onde vai a outra metade", disse o Barassuol. Para o Luís Otonelli, de Ajuricaba, tudo isso acontece porque "há um esquema de exploração, não há fiscalização, ninguém é responsável por nada". Otonelli fez uma

sugestão aos deputados:

— Na hora das mudanças, é preciso se basear no que diz o agricultor, e não nos ministros de gabinete e nos senadores biônicos.

DESCONTO ATÉ NO OVO

As queixas entusiasmaram um grupo de senhoras, e elas também falaram, para reclamar da falta de assistência e até das multinacionais. "De nós é descontado desde o ovo da galinha", disse uma delas, enquanto outra indagava: "Por que a mulher do meio rural tem que ficar viúva para se aposentar?"

As mulheres condenaram o que as lideranças sindicais já haviam criticado, como o aumento nas contribuições à Previdência, e pediram a atenção que elas e os filhos merecem, como um direito de toda a família. No mais, os discursos lembraram que o arquivamento do anteprojeto que iria alterar a Previdência Rural, não irá esgotar a luta dos produtores. O anteprojeto havia sido arquivado um dia antes da reunião em Ijuí, por decisão tomada em Brasília.

Carlos Karlinski, presidente do sindicato de Ijuí e um dos últimos a falar, disse que o anteprojeto havia criado uma expectativa de que tudo iria melhorar. Mas, no fundo, as modificações pouco alterariam a situação. Ele falou dos poucos recursos destinados pela área federal à saúde, educação e habitação, reconhecendo que "não há nada que resista a esta estrutura fundiária e ao modelo concentrador".

NÃO BOTEM NA GAVETA

Quanto ao enquadramento sindical, pouca coisa foi discutida na reunião. Os que falaram no assunto voltaram a pedir que seja extinta a figura do módulo como norma de enquadramento, e que seja considerado empregador quem realmente tiver empregados.

Agora, os deputados que vieram a Ijuí irão analisar, em conjunto, as queixas e sugestões que ouviram dos agricultores também em outras regiões do Estado. Antes de prometerem muito empenho no encaminhamento das propostas, os políticos ouviram um alerta, que partiu do grupo de senhoras presentes à reunião:

— Vamos esperar que desta vez não botem na gaveta.

O direito da pensão

A notícia foi dada pelo jornal Folha de São Paulo, no dia 22 de outubro, e surge como um fio de esperança: há jurisprudência formada para a concessão de pensões a viúvas de agricultores mortos antes de 71. Explicando melhor, jurisprudência quer dizer uma série de argumentos, de justificativas, que dão direito a essas viúvas, quando da reclamação da pensão.

De acordo com a notícia, a primeira beneficiada é dona Albertina de Mello Silva, esposa de um agricultor morto em 61. Seu caso foi julgado pelo Tribunal Federal de Recursos, em Brasília, e agora a Previdência terá que pagar à viúva a pensão a que ela tem direito.

Poucos sabiam que isso já é possí-

vel, e por isso a notícia teve uma enorme repercussão na reunião realizada na Fidene. Se a tal de jurisprudência valer para todos, uma antiga reivindicação de esposas de agricultores poderá ser atendida.

Essa reivindicação vem sendo discutida há muito tempo na região. No encontro das lideranças rurais, ela foi lembrada, porque muitas viúvas não conseguem a pensão, simplesmente porque seus maridos faleceram antes da regulamentação da lei 4.214, em 1971. De acordo com o Tribunal Federal de Recursos, mesmo que tenha ficado viúva antes de 71, a mulher do produtor tem direito à pensão. Os sindicatos irão estudar o assunto, para saber de que forma esse benefício poderá ser reclamado.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

POR QUE AS ÁRVORES SÃO IMPORTANTES PARA A VIDA HUMANA?

Bem, a gente pode começar dizendo que são importantes pois atuam diretamente na purificação do ar que respiramos todos os dias e na renovação do oxigênio tão fundamental na vida do homem e dos animais em geral.

O homem na sua ânsia de enriquecer, de produzir mais e mais tem desmatado a terra, isto é derruba as árvores, a vegetação nativa para plantar trigo, soja, outros alimentos e não deixa um mínimo de mato, prejudicando assim a ecologia, o equilíbrio da natureza. E usa a produção da terra em proveito próprio, muitas vezes explorando através de salários baixos os peões, trabalhadores que trabalham na sua terra. No Brasil de hoje, temos que estar alerta para este desmatamento pois grandes empresas (de ricos) estão querendo destruir a mata da Amazônia, depois de terem derrubado os pinheiros daqui do sul e outras florestas de outras regiões.

Mas e o homem não pensa sobre seu futuro? O de seus filhos? — Estas são boas perguntas; de tanto trabalhar a terra o homem desgasta a terra e depois tem que usar produtos químicos, adubos de fábricas para poder recuperar a terra mas isto pode prejudicar os alimentos que ficam envenenados. A poluição do ar nas grandes cidades é outro problema. Em São Paulo por exemplo, as pessoas ficam com doença de pulmão, da pele, ardência nos olhos de tanta fumaça que sai das fábricas e dos canos de descarga dos carros.

A poluição também atinge os rios e a

água que bebemos: é o veneno que os agricultores usam para matar formigas e outras pragas, que escorre, com as chuvas, para os rios. Isto provoca a matança geral dos peixes e de outros animais aquáticos. Mas as fábricas nas cidades também despejam sujeiras nos rios o que contribui para poluir os rios.

E os animais, sem mata, sem selva, como vivem? Eles simplesmente morrem e desaparecem: pássaros belíssimos, borboletas, porco do mato, etc. . . o que é uma tristeza; hoje se criança quer ver bicho tem que ir no jardim zoológico para vê-los enjaulados o que é uma tristeza. Quem gosta de ficar preso?

Para mudar esta situação o homem deveria deixar de poluir o ar, de desmatar o que ainda resta de mato, de não largar sujeira nos rios e de plantar muita, muita árvore, ou seja, fazer reflorestamento. Para fazer isto ele terá que ser mais humano, pensar mais em si, nos seus filhos, nos outros homens, nos animais terrestres e nos animais que vivem na água. Teria que viver como o índio que tem todo um cuidado com a natureza, que trata a natureza como se fosse ele mesmo, que lhe dá valor. O indígena sempre viveu em perfeito equilíbrio com a natureza porque nunca a machucou sem necessidade, porque nunca quis ter mais do que os outros, quis que todos fossem iguais entre si; os homens entre si, o homem com a natureza, como fazendo parte dela.

(Lígia Simonian, mãe da Pati)

DE CRIANÇA PARA CRIANÇA!

Mais cartas que chegam... Quando virá a sua?

Agradecemos as contribuições e, na medida do possível publicaremos todas.

ALDA ALVARENGA - Irapuá, Miraguai. Tem 8 anos. Sua contribuição está na última página. Continue escrevendo.

VERA WINDMÖLLER - 11 anos. Ela é da Linha Maraney - Panambi e, enviou uma poesia sobre a árvore. Leiam na pg. 4.

"Árvores! Seres divinos!
Por nós muito amadas!
Dás sombra aos peregrinos
Cansados pelas estradas.
Árvores boas e frondosas
De frutos apetitosos
Que comemos com sabor!
Árvores fortes e mansas
Aceita de nós crianças

Nossa promessa de amor!" - poesia enviada por DARCI WITZE - Vila Florinda - Ajuricaba.

JANETE SOUZA - BICACO - 9 anos. Enviou uma cruzada. Obrigado pela cartinha.



Todas crianças devem participar do COTRIJORNAL. É um jornal nosso por isso temos a obrigação de colaborar. Nós temos idéias e opiniões...

É fácil participar... É só escrever para o COTRIJORNAL - RUA DAS CHOCARAS 1613 - Ijuí.

Vamos achar neste quadro o nome do Suplemento Infantil do COTRIJORNAL e onde fica a sede da COTRIJUI

B	C	D	V	X	Z	L	C	H	S
C	O	T	R	I	S	O	L	V	X
O	R	I	S	J	C	D	N	V	L
M	V	X	Z	U	L	S	D	R	A
R	B	U	R	I	R	M	O	N	S
P	Q	N	I	J	U	A	S	L	P
C	O	T	R	I	P	R	O	S	V

CONTRIBUICAO MARIA SCHFERER TJUI

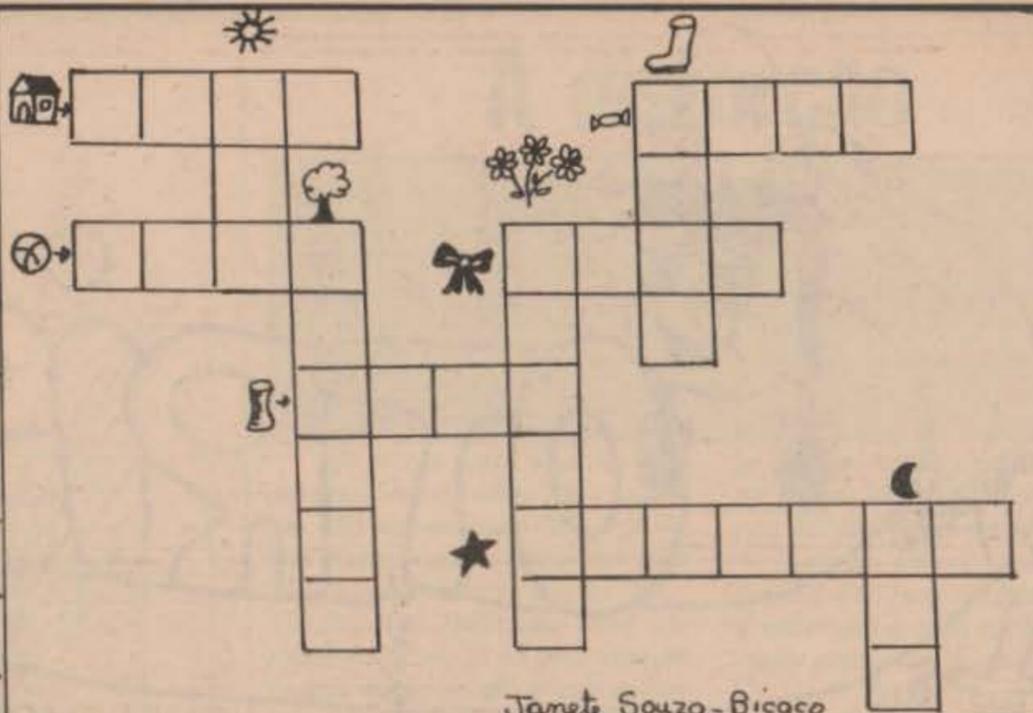
Vera Windmoller, de Panambi, enviou uma poesia para o COTRISOL esta poesia:

COMO AS ARVORES SÃO BOAS
SEGUEM-NOS A VIDA INTEIRA
DESDE O INSTANTE QUE NASCE-
MOS, ATÉ A HORA DERRADEIRA.

QUASE TUDO O QUE NÓS TEMOS,
O BANCO, A MESA, A CADEIRA,
O LÁPIS E AS NOSSAS CAMAS
QUASE TUDO É DE MADEIRA.

OS FRUTOS QUE NÓS COMEMOS
COM TANTA SATISFAÇÃO
SÃO AS ARVORES BENDITAS
QUE HUMILDEMENTE NOS DÃO.

DERRUBEM TODAS AS ARVORES
DE NOSSO ESTADO,
E EM CERTO EM POUCO TEMPO
TEREMOS UM HORROROSO
DESERTO.



Janete Souza-Bicaco

CRIANÇAS TÊM SUAS OPINIÕES

Na minha opinião tinha que vigorar uma lei, que quem derruba árvores tinha que plantar outras ou pegava cadeias. (João - 8 anos)

Hoje acontecem muitos desmatamentos, antigamente não aconteciam. Os habitantes eram os índios. Eles não conheciam desmatamentos. (Alfredo - 10 anos)

As árvores estão morrendo. As poucas que estão sendo plantadas, são fora do tempo ou acabam sendo derrubadas e acabam morrendo. (Ingrid - 9 anos)

Se tiver muitas árvores à beira de um riacho e alguém ir arranca-las vai acontecer uma coisa terrível a terra vai cair dentro do rio e vai ficar muito poluído, vão morrer muitos peixes e também animais que forem beber água. (Marlise - 10 anos)

Tem muitas árvores que os passarinhos não gostam muito de fazer seu ninho. Eles gostam das árvores nativas. (Luciana - 8 anos)

E A OPINIÃO DE VOCÊS... QUAL É?



VAMOS CONSTRUIR NOSSAS BRINCADEIRAS

Na frente da casa do Pedrinho tem um pátio enorme, com árvores que dão uma sombra muito gostosa. E é neste pátio que Pedrinho e seus irmãos brincam nas horas de folga. Eles mesmos é que constróem seus brinquedos. E quando eles não conseguem fazer sozinhos, recorrem ao pai.

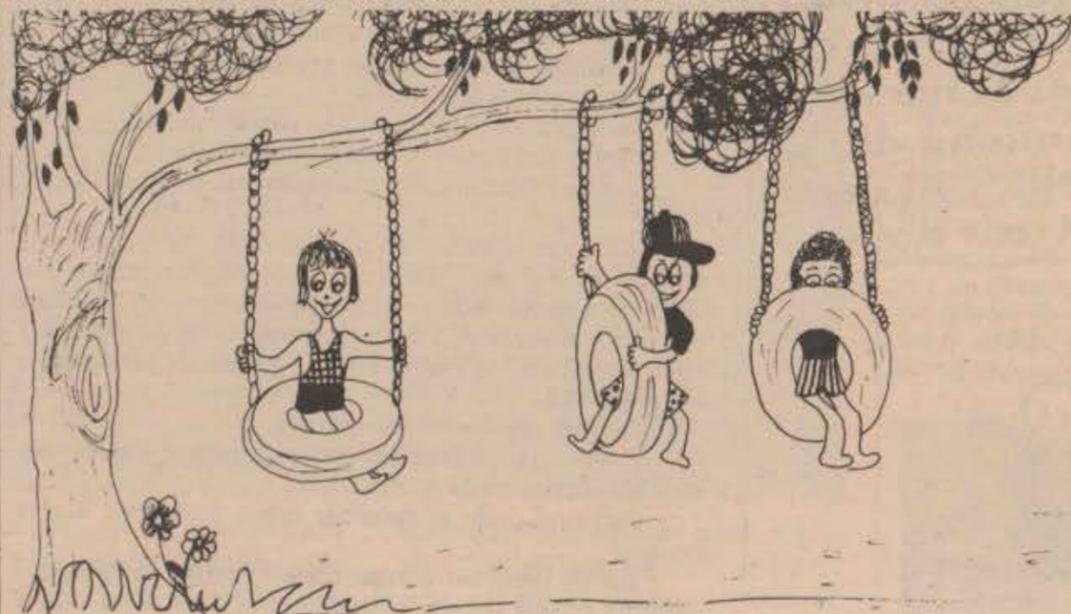
Você também aproveita o pátio de sua casa? O COTRISOL, manda algumas

sugestões para você construir uns brinquedos.

BALANÇAR — quem não gosta?

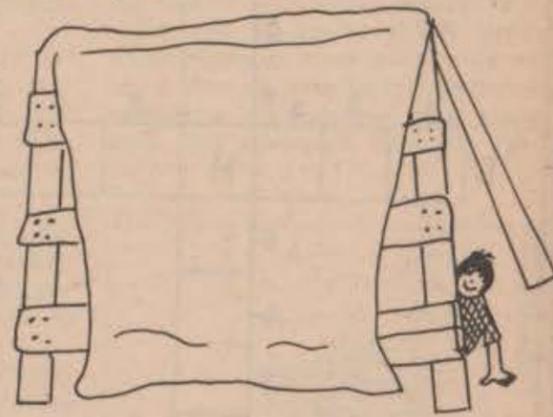
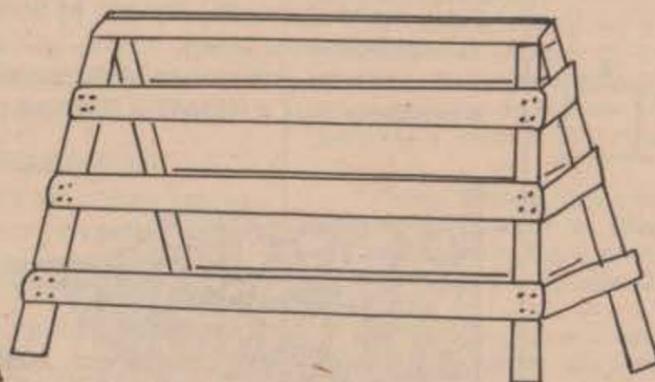
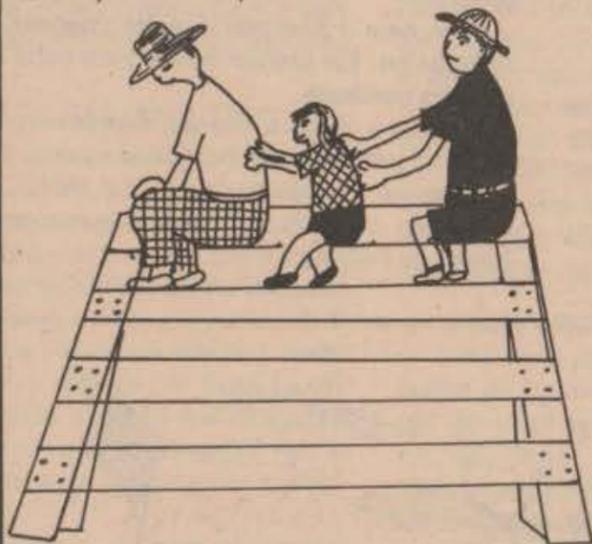
Um pneu velho é um ótimo balanço. Pode ser pendurado de modo usual ou como um disco voador.

Balanços com assentos de lona são duráveis e seguros, especialmente desenhados para os que gostam de se balançar sobre o estômago.



SUBIR

Se você puder fazer um cavalete entre 1,80 e 2,40 m de comprimento e 1,20 e 1,50 m de altura, será melhor. Mas deverá ter pelo menos 1,20m de altura para poder receber as tábuas laterais que servirão para subir.



CASA

Deixe uma das extremidades do cavalete aberta, cubra com um cobertor e será uma tenda suficientemente grande para cadeiras e mesa. Providencie algumas painéis e você terá uma casa própria.

Poderá ainda usá-la como um trem, uma jaula...

GANGORRA

Uma tábua de 1,20m de comprimento, 20 cm de largura e 2,5 cm de espessura, com fixadores de madeira em um dos lados, para ser usada como cavaletes. Contudo vocês encontrarão muitos usos para a mesma.

Dois cavaletes pequenos (30 cm de altura) e esta tábua fazem uma ponte baixa, uma mesa...

Família unida

O que Pedrinho e seus irmãos mais gostam é sentar com os pais para ouvir causos. E, os que mais apreciam são histórias sobre antigamente. As crianças pedem, e os pais contam, pois também eles gostam de relembrar o passado.

O pai quando começa a contar, e tem o chimarrão na mão, os outros podem esquecer a cuia, pois ele fala e seus olhos brilham de saudade:

— "Antigamente, eu me lembro bem, a gente gostava muito de fazer surpresas nos aniversários. A gente andava longe para chegar, mas nem se cansava. Se juntava a vizinhança, arranjava um gaitero e o baile ia até o sair do sol. E, no outro dia bem cedo, ia tratar da criação, tirar leite".

— As mulheres nas festas, iam todas bonitas. Usavam blusas de mangas largas, gola bem fechada, todo enfeitado de renda, saias compridas com cintura franzida, babados; lenço na cabeça...

— Mamãe, tu te vestias assim?

— Nos dias de festa, sim. Você lembra velho?

— O que vocês faziam aos domingos?

— Nos domingos a gente ia pescar, caçar, colher mel pelos ma-

tos. Uma coisa sagrada era ir na missa. Uns iam a pé, ou a cavalo ou de carroça. E no fim da missa os homens e as mulheres se reuniam para conversar.

— E, falando em conversar, uma coisa que a gente fazia muito, era de visitar os vizinhos e quase sempre se fazia isto à noite.

— Os vizinhos eram muito importantes. A gente se juntava em turmas arrumando estradas, fazendo capinas, colhendo e nas horas de descanso se corria carreira a troco de trago.

Quando alguém matava um porco, repartia com os vizinhos.

— Papai, é verdade que o vovô costuma guardar o dinheiro embaixo do colchão?

— É verdade. Mas isto é história prá se contar amanhã. Agora está na hora de dormir. Vamos criança, já prá cama!

— Ah? pai, conta mais...

— Nada feito. Só amanhã.

— Então tu promete contar amanhã, como é que se namorava antigamente?

— Tá bom. Boa noite".

Conversem vocês também com o papai e a mamãe para eles contarem sobre suas vidas, e mandem para o COTRISOL.

UMA HISTÓRIA PARA VOCÊ COMPLETAR

Pedrinho queria pescar e precisava de minhocas. Por isso saiu de casa e foi andando.

Na estrada da mata cavou aqui e ali e nada. Andou mais...

E quando viu estava dentro da mata!

De qualquer lado que olhasse, era só árvores... árvores grossas, enormes.

E agora?

Um pássaro (que ele não conhecia) viu o menino e fez uma gritaria.

Pedrinho levou um susto! Depois ficou tudo quieto. Quietos que dava medo.

Pedrinho não podia achar a trilha por onde tinha chegado e exclamou:

— Nossa! Será que eu não sei achar o caminho de volta? E se aparece uma onça?

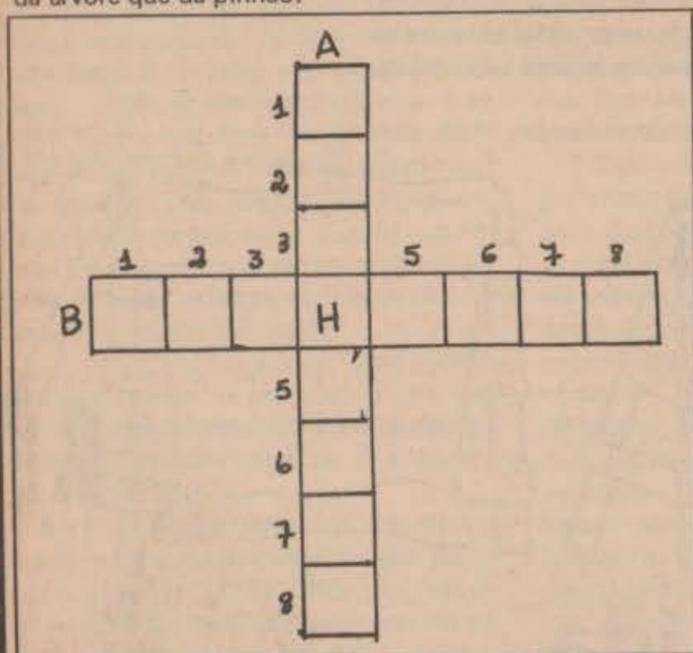
Como poderia terminar esta história? Mandem sugestões para o COTRISOL. Ajudem Pedrinho sair desta!



Atividades

Pedrinho quis ir pescar, para isto precisou de isca e foi procurar e se perdeu no mato. Nesta mata, havia muitas árvores que dá fruto chamado pinhão.

Começando a preencher a COLUNA A, você encontrará o que Pedrinho procurava, e a COLUNA B, o nome da árvore que dá pinhão.



COLUNA A

- 1 — A última letra da palavra homem
- 2 — a penúltima letra da palavra queria
- 3 — A antepenúltima letra da palavra onça
- 5 — A última letra do nome do menino
- 6 — A penúltima letra da palavra aparece
- 7 — A antepenúltima letra da palavra mato
- 8 — A primeira letra da palavra susto.

COLUNA B,

- 1 — A primeira letra da palavra pescar
- 2 — A segunda letra da palavra minhoca
- 3 — A terceira letra da palavra pensa
- 5 — A quinta letra da palavra floresta
- 6 — A última letra da palavra sei
- 7 — A segunda letra da palavra procurar
- 8 — A última letra da palavra medo.

Perto da casa de Pedrinho tem um riacho bonito, que só vendo! É que seu pai cuida daquele lugar: não lava seu maquinário, deixa árvores e gramas ao seu redor. A água é limpinha e gostosa. Em alguns lugares é um pouco fundo, noutros a água corre rasilha sobre as pedras. Nos fins de semana, quando não tem muito serviço na lavoura, a família passa o dia naquele lugar. Todos vão pescar e ao meio-dia mamãe serve gostosos peixes assados. Todos ajudam. Pescam juntos, juntos limpam os peixes e ainda juntos buscam lenha, galhos secos para o fogo.

A família de Pedrinho se preocupa em zelar a natureza. Mas, quantos fazem isto?

Se as plantas pudessem falar, se ouviria muitas queixas, e o que elas diriam não seria nada agradável.

Se elas falassem seria mais ou menos isto que elas diriam:

— Muitos homens não nos vêem, não nos respeitam, porque são malvados. Destroem tudo. Matam tudo o que vêem. O que conhecem e o que não conhecem. O homem derruba as árvores. Põe fogo nas matas. O homem às vezes mata por prazer de matar. Só ele mata de longe. Nenhum bicho faz isto.

Se fosse prá comer estava certo.

E tem uns meninos que são umas pestes! Matam passarinhos, destróem os ninhos...

Pedrinho pode se defender dessas acusações. Todos podem?

Vamos desenhar o lugar onde a família de Pedrinho passa os fins de semana? Mandem suas ilustrações para o COTRISOL, que os mesmos, se bem criativos, serão publicados.

Os irmãos de Pedro

Pedrinho tem 5 irmãos. Eles são muito unidos mas cada 1 tem uma "mania" diferente, própria.

Vamos conhecê-los?

— Mamãe não precisa se preocupar com as flores, pois ROSANE se encarrega disso. Passa horas plantando, regando as flores. O jardim está uma beleza.

— Se as frutas estão muito altas, isto não é problema para o RENATO. Ele mais pa-

rece um macaquinho pulando de galho em galho.

— José, bem o José não é muito chegado ao trabalho. Ele prefere brincar pelo pátio com sua pandorga.

— SUZANA ajuda a mamãe, mas sempre encontra um tempo de brincar de mamãe.

— Observar insetos é com o JULINHO. Observem a ilustração e identifiquem os irmãos de Pedrinho.



EDUCAÇÃO

COMUNIDADE — FAMÍLIA — ESCOLA

Suplemento elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais — Convênio Cotrijuí/Fidene

COMO SE FEZ O JORNAL

Fazer um jornal não é uma tarefa fácil.

Em primeiro lugar, é necessário definir qual vai ser o conteúdo. Definir a "pauta"; é o que dizem os jornalistas. Num jornal como o Cotrijornal, que é destinado de um modo especial para os associados da Cotrijuí, a definição do que nele será escrito é uma decisão tomada após horas de debates com a participação não só dos que vão elaborá-lo, mas também de um grupo de leitores.

No caso de nosso Suplemento de Educação, o processo é semelhante. Em meio ao nosso trabalho de cursos com os professores rurais, vamos pensando e elaborando, com a colaboração destes, a nossa parte.

Para este nosso quarto número a Ruth conversou com alguns professores de Coronel Bicaco e escreveu sobre a "Sofrência" do Professor. A Noili pensou nas crianças e escreveu um artigo para adulto ler — Com Criança Não Se Brinca. As diversões que as pessoas querem, mas não podem ter, foi tema para o Leonardo produzir um artigo — Bons Tempos Aqueles. A Dolair tenta provocar mais uma vez os nossos leitores para escreverem textos para este suplemento, fazendo a apresentação da estória da colega Elsa. Além disso publicamos mais textos didáticos, desta vez tratando de temas atuais — O Trabalho do Agricultor, Do Granjeiro e Do Fazendeiro. E, no artigo A Educação, Uma Tarefa de Todos Nós, falamos um pouco sobre o que o GAPR desenvolveu no último mês de trabalho.

COM CRIANÇA NÃO SE BRINCA

Esse título pode provocar reações de espanto, pois todos nós sabemos que o que elas — as crianças — mais gostam, é de brincar. Mas é exatamente esse o título dado à palestra que o professor Alfredo Fernandes, presidente da CEBEPE (Centro Brasileiro de Educação Pré-Escolar), proferiu no ano passado, aqui em Ijuí.

Essa palestra, que foi gravada e hoje se encontra escrita, nos deu "inspiração" para que mais uma vez escrevessemos so-

bre criança. A gente não se considera especialista neste assunto, mas achamos que, pela sua importância, falar sobre ela nunca é demais.

Poderíamos iniciar pela pergunta:

O que é ser criança?

Dáí lembro do humorista que dizia:

— Criança é um adulto em miniatura pois tem zóio, zoreia, zuvido que nem gente grande.

Deixando o humor de lado, quantos de nós não humoristas declarados, esperamos que a criança se comporte como tal? No momento em que exigimos que ela sinta as coisas como gente grande, se comporte como gente grande, dê respostas "educadamente" como nós adultos gostamos, estamos exatamente querendo que ela seja adulta. Como o tamanho físico não é o mesmo, fica adulto em miniatura.

Agora acreditamos que o título "Com criança não se brinca" já está entendido. Não se trata de não brincar de coisas que elas gostam, mas sim de não brincar com seus sentimentos, como as coisas que para elas são tão importantes. Não brincar com as suas verdades mesmo que essas não sejam as mesmas nossas.

Para melhor refletirmos sobre as verdades das crianças e as verdades dos adultos, talvez seja válido o seguinte exemplo:

Quando eu era criança,

costumava passear na casa dos primos. A casa deles era tão grande, o terreiro onde brincávamos também. Passou o tempo, cresci e ao voltar à mesma casa, ao mesmo terreiro, noto que as coisas não são grandes assim. Eu é que, como criança, assim via, percebia. Se a gente usar esse exemplo para pensar a questão da criança que vê as coisas diferentes de nós adultos, perguntamos: Eu estava errada quando via a casa e achava grande? Mas em pequena eu não podia ver diferente.

Ouvimos, e isto é muito comum, pessoas adultas dizerem: "É de pequenino que se torce o pepino" ou então: "Meu filho será aquilo que eu não pude ser", ou ainda "Eu é que sei o que é melhor para o meu filho".

Pensamos mais. Não considerando a vontade da criança nas decisões sobre sua vida, nós estamos brincando com ela. Brincadeira de mau gosto e esquecemos que COM CRIANÇA NÃO SE BRINCA.



Criança não é um adulto em miniatura. É criança

EDUCAÇÃO

UMA TAREFA DE TODOS NÓS



O tema saúde foi debatido numa reunião em Coronel Bicaco

Quando nós pensamos em educação, não estamos nos limitando ao que acontece num colégio ou numa sala de aula. Para nós, a educação é fruto das relações entre as pessoas na escola, na família, na comunidade. Nós nos educamos no dia a dia. É na convivência entre crianças, jovens e adultos que aprendemos muita coisa para a vida. É na vida em grupo, na busca de soluções comunitárias para os nossos problemas, que aprendemos a nos unir e participar: A escola representa, talvez, um importante complemento à nossa educação.

É a partir deste modo de pensar que procuramos desenvolver o nosso trabalho. Numa demonstração prática deste po-

sicionamento, realizamos em outubro, nos municípios de Chiapetta, Coronel Bicaco e Miraguaí, reuniões com a presença de professores e comunidade, para debater sobre o tema saúde. Nestas reuniões, todos participaram e expressaram suas opiniões sobre a questão.

Após este trabalho teve continuidade mais uma etapa de produção de textos didáticos pelos professores rurais. Os textos, naturalmente, foram sobre o assunto saúde.

Para o mês de novembro, mais três importantes assuntos estão sendo estudados. Diversões, costumes e organização social. No nosso próximo número comunicaremos com detalhes as atividades realizadas.

A "SOFRÊNCIA" DO PROFESSOR

Que é ser professor?

A consciência de nossa "sofrência" (sofrimento mais vivência) faz a gente matutar um pouco em torno do nosso dia a dia. O que mostra que nós somos professores? É o fato de nos chamarem por esse nome? Ou são os fatos, os acontecimentos de nossa vida diária que vão nos contar o que é ser professor?

Entre muitos professores que lecionam na cidade, no centro, nos bairros, no interior, na granja ou na roça, fomos buscar a vivência do professor rural. Nas suas alegrias e preocupações, no seu trabalho e divertimento, na sua luta e na sua passividade. Enquanto realizávamos mais um encontro para produção de textos didáticos com os colegas de Coronel Bicaco, todas estas coisas foram conversadas mais ou menos assim.

O INTERIOR E A CIDADE

Sobre este aspecto perguntamos para uma professora:

— O que você acha quanto a ser professor no interior e ser professor na cidade?

— Prá falá a verdade não gostei de trabalhar na cidade. É claro que tem uma série de facilidade para o professor. Em geral, ele atende só uma turma, tem mais livros, mais informações. Mas, por outro lado, muitas crianças são agressivas. Existe, também uma grande diferença entre a moral que o professor, os livros, os conteúdos levam prá sala de aula e a moral que os alunos vivem. O que a gente faz é quase uma anti-moral prá com a deles.

No interior, o trabalho de educação é outra coisa. Existe muito gosto pelo estudo nas crianças. Colaboram em tudo. A gente colhe baldes de cenoura na horta da escola prá merenda dos alunos. Existe conversa franca com as crianças, elas têm muita coisa para dizer e muito interesse pelo que a professora coloca em aula.

Gostam muito de leitura, devoram as poucas revistas que posso levar. Até fiz assinatura de uma e eles mesmos controlam a circulação. Na chegada do Cotrijornal é uma briga, todos querem ler primeiro, ainda que uns o recebam em casa.

Outra coisa que gratifica o trabalho é a amizade dos pais. Para um grupo de professoras colocamos a seguinte pergunta:

— Ser professor, o que vocês pensam sobre isso?

— Lecionar é uma coisa boa mas a gente enfrenta problemas. É preciso estudar. Aí, você veja bem, a gente vai lecionar e tem que completar os estudos. Prá estudar tem



No interior o trabalho de educação é outra coisa



O professor sempre precisa continuar estudando

que ir até a cidade e isso muitas vezes a pé. Tem gente que sai da sala de aula e, sem janta mesmo, anda três, quatro quilômetros para ir estudar à noite.

— Chega em casa, fica pensando na família mas se mete a fazer plano de aula.

— Afinal, no outro dia são quatro classes e é preciso dar conta do recado, não dá prá ir despreparado.

— Além disso, o professor não é "valorizado", tem que fazer todo o serviço tanto na escola como também em casa onde tem o serviço caseiro e o trabalho na roça.

— Algumas professoras ou alguns professores botam os filhos maiores, bem cedo a assumir essas responsabilidades: casa, roupa e comida. E na escola se briga por tempo para o aluno estudar.

— A gente, quando sobra um tempinho, planta alguma coisa, remenda um pouco de roupa. Prá comprar novo não sobra!

A outra turma de professores perguntamos:

— Como vive um professor?

— Como vive um professor ganhando 3 mil cruzeiros?

— Bem que a gente quer se aperfeiçoar, buscar novos conhecimentos, fazer cursos, comprar ma-

terial, livros, revistas e jornais, pensando com isso melhorar o nível de ensino. Claro, no que depende de nós, professores.

— Veja só uma coisa que está acontecendo agora. Os próprios cursos que vocês, da FIDENE, vêm dar aqui, se você fizer a conta, minha mulher e eu temos que vir de ônibus pois moramos no interior.

Só em passagem gastamos Cr\$ 240,00, tem mais a comida e, ainda os filhos reclamam se nem uma bala vai prá eles. Relaciona estes gastos com o que nós ganhamos. Mesmo assim não perdemos nenhum dos cursinhos.

Mas perguntamos de novo:

— Como é que vive um professor ganhando 3 mil cruzeiros. Sustenta o quê?

A casa? a família? o nível de ensino? a educação?

— O "municipal" é um herói. Pois além de todos os problemas como salário, difícil acesso, trabalho isolado, ainda tem mais de uma classe para atender ao mesmo tempo.

— Estamos pensando em reorganizar a nossa associação. É a partir da consciência e da análise dos nossos problemas é que vamos poder buscar o que precisamos para sobrevivermos, como homens e como professores.

Sobre os professores municipais uma professora declarou:

— O problema do professor é a má remuneração. Muita coisa se resume nisso.

— Os professores do Estado ganham mais que os municipais, mas ganham pouco, se organizam e lutam por seus direitos.

— Uma das coisas que dificulta essa reunião e organização entre nós professores municipais é que achar professores que estão reivindicando entre todos os do Estado é muito mais remoto. Agora, se um professor municipal vai ali falar alguma coisa, é o "fulano" que falou. Mas isso pode mudar se nós estivermos unidos.

— Sempre ouvimos dizer "o magistério é um sacerdócio, trabalha por ideal, não deve pensar em dinheiro mas nas crianças, no ensino". Mas quem pode trabalhar nesse nível se tem que ir prá escola angustiado com todos os seus problemas?

E continuamos a nossa conversa com os professores rurais:

— Professor é isso aí!

— "Mil e uma utilidade"; é como em muitos casos deviam nos chamar.

— Puxa vida, mas qual é mesmo a nossa profissão?

— Professor, merendeiro, servente, diretor, secretário, festeiro, farmacêutico, líder comunitário, enfermeiro, conselheiro, contador, padre, pai, mãe, amigo e... até bicho papão pra assustar criancinhas.

— Você vai vê quando for na escola, a professora vai te botar de joelho em cima de grão de milho.

A gente chega na escola, varre ligeiro, ajeita as classes, vê os livros, prepara as verduras da sopa. Daí começa a dar aula, ouve as tristezas e as alegrias. Deixa tarefas para os alunos e vai ver a sopa que já está fervendo. Volta, dá mais um pouco de aula. Os do primeiro ano puxam a gente pela saia:

— Sora, Sora, vem vê o que eu fiz!

Os outros também querem ser ouvidos:

— Profe, nós já terminamos a leitura. É prá responder as perguntas?

— Professora, o vô contou uma boa história sobre o comércio de antigamente. Posso contar pros outros?

E assim segue. Ao meio dia, caminhando na estrada poeirenta a gente vai vendo.

— Bem, tenho feijão pronto de ontem, é só fazer arroz. E se a filha conseguiu terminar a casa e os temas, eu posso...

ESTUDAR A REALIDADE

Estudar a realidade. Sempre chegamos a esta conclusão, quando debatemos sobre o nosso trabalho escolar. No caso da área de Estudos Sociais esta idéia é muito importante. Temos que estudar a nossa história, relacioná-la com o momento atual e assim compreendermos com mais clareza a nossa vida. Para trazer mais uma vez em nosso suplemento, uma contribuição aos professores de 4ª série, publicamos a seguir três textos didáticos. O primeiro adaptado do livro *Estórias de Trabalhador*, de Murilo Carvalho, fala da vida do pequeno agricultor. No segundo e no terceiro, tentamos relatar alguns aspectos do que acontece com o trabalho de um granjeiro e de um fazendeiro. Pode-se perceber as diferenças do trabalho destes, com do pequeno agricultor e ainda comparar com o que existia antigamente. A partir destes textos e do conhecimento dos alunos e pais, entendemos que poderão ser realizados estudos bem ligados ao dia a dia, de todos nós.

O PEQUENO AGRICULTOR

Na Vila Bozzano, um lugarejo situado a 18 km de Ijuí, no moinho do Sr. Rafael Razzia, aconteceu a seguinte história:

— "Buenas," Seu Razzia.

A fala forte, quase um grito, é seguida por um gaúcho alto, moreno, grossos bigodes, metido numa bombacha riscadinha. Juvenal Félix dos Santos entra no moinho e sua presença enche o salão poeirento.

— Trouxe aqui um milho pro senhor moer, coisinha pouca.

Razzia convida-o a sentar-se e logo Juvenal está com o cigarro de palha aceso. Juvenal tem uma meia colônia de terra em Salto, município de Ijuí.

— Lá planto de tudo, mas o principal é o trigo e a soja.

Razzia pergunta a Juvenal pelo filho.

— O menino agora vai bem, mas a mão esquerda ficou arrebentada inteirinha, teve dedo que nem se sabe por onde voou.

O filho de Juvenal encontrou uma banana de dinamite na estrada, quando voltava da escola. Sem saber o que era, apanhou-a e apertou-a. A dinamite explodiu em sua mão.

— Mas ele estuda e é guri trabalhador, porque se não fosse, as coisas iam ser piores, o tempo de hoje não tá para brincadeira. Ou o índio velho trabalha duro ou a dívida do banco engole ele.

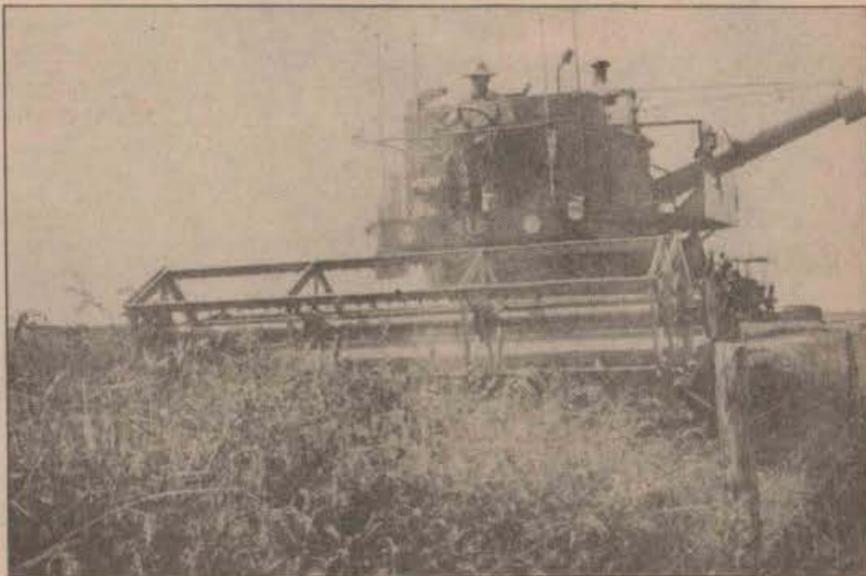
Razzia começa a lembrar os

primeiros tempos de colono, quando quase não havia máquinas e todo o serviço era feito no braço, no mique. Ele e Juvenal são companheiros antigos, mais de 30 anos, desde o tempo em que não havia trigo na região, mas só canaviais e fábricas de cachaça. E sempre trabalharam próximos.

Hoje em dia, plantar trigo está mais fácil e mais difícil, explica Juvenal, mais fácil porque as máquinas fazem o serviço de muitos homens, colhem tanto trigo que na unha a gente nunca ia colher. Mas tá mais difícil porque eles obrigam a gente a comprar máquinas, financiar no banco e a gente passa empilhando na dívida a vida inteira. Tem que plantar sem parar, senão nunca paga o que deve.

Assim como o Sr. Juvenal, os agricultores que possuem pouca terra enfrentam muitas dificuldades no seu trabalho.

Para cultivá-la, une-se o esforço de toda a família, sendo raro que se contratem empregados, fixos ou temporários. Todo o trabalho é feito pelos membros da família, que sempre residem na própria colônia. O lucro obtido permanece num bolo comum, administrado pelo chefe de família, na medida em que se casam, constroem suas moradias ao redor da casa paterna aumentando a comunidade, ou vão morar na cidade.



A VIDA DO GRANJEIRO

Como é tua vida, o teu trabalho, senhor granjeiro?

— Bem, eu tenho um pedaço de terra que não é tão pequeno, mas se tivesse mais seria ainda melhor. Quando é época de colheita o trabalho por aqui é grande. Vejam por exemplo o que acontece na safra do trigo. Enquanto uns empregados lidam com as automotrizes, outros já vêm atrás recolhendo o produto com o caminhão. Para não perder tempo, porque tempo é dinheiro, eu já mando os tratoristas irem lavrando as partes em que o trigo já foi colhido. Ali deverá ser plantado, logo logo, a soja. Neste mesmo tempo o trigo é levado para os armazéns da cooperativa.

No final do dia de trabalho, que às vezes vai até algumas horas da noite, recolhemos todas as máquinas para os galpões. Os empregados vão embora para descansar e voltar no outro dia. Uns eu pago por dia de trabalho. Tem os que moram aqui na granja mesmo, estes eu pago um salário mensal. Além disso eles sempre plantam alguma coisa para ajudar na sua alimentação.

— Mas e você não trabalha, seu granjeiro?

— Eu trabalho sim, mas não no pesado como se diz. Eu fico só administrando, cuidando para que tudo funcione direitinho e ao final da safra, porque as despesas são muitas e se a gente não cuidar...

A VIDA DO FAZENDEIRO

— Vida folgada esta tua, não é mesmo seu fazendeiro?

— Nem tanto. A gente tem que estar sempre cuidando, se preocupando com a criação, procurando novas técnicas, melhorando as pastagens, vacinando o gado e muitas outras coisas. Temos também que cuidar da venda para os frigoríficos, pois é preciso pegar um bom preço, senão não vale a pena criar.

— E os empregados?

— É, hoje em dia tem também

os empregados. Antigamente, meia dúzia de peões cuidavam de tudo. O gado se criava solto pelos campos, e terra é que não faltava. Hoje ainda tenho bastante terra, mas é necessário ocupar melhor. Por isso, numa parte estou plantando soja diminuindo o lugar para o gado onde organizamos os poteiros com pastagens. Com todo este serviço, tenho que contratar muitos empregados, igual ao meu amigo granjeiro. Em compensação, a produção é bem maior e sobra um bom lucro.



No trabalho, o esforço de toda família



Organizando os poteiros com pastagem



Uma festa típica de casamento: muita gente, muita música, fartura na mesa

BONS TEMPOS AQUELES

*As pessoas mudaram
ou a vida é que ficou diferente?*

É muito comum ouvirmos as pessoas exclamarem: "— Não se faz mais festa como antigamente!" Ou então: "Tempo bom era o meu! Nós tínhamos uma turma boa! Quase todos os fins de semana íamos a um baile. E as festas aqui na igreja! Era aquela fartura de churrasco e chopp. E os kerbs então, que hoje em dia não saem mais! Mas, e quando havia um casamento, que festança! Três dias comendo e bebendo e dançando prá valer, e os noivos firmes. Tinha também as surpresas de aniversário, a Páscoa, o Natal, os desejos de Ano Bom, tudo era festa e alegria".

E assim, muitas destas coisas agradáveis vão ficando na saudade. O que será que está acontecendo? Será que as pessoas estão ficando diferentes ou é o mundo que está diferente?

Vamos pensar um pouco. Em primeiro lugar todas estas atividades, que podemos chamar de **DIVERSÕES**, são realizadas a partir da convivência das pessoas em grupos. Ninguém faz um baile sozinho, por exemplo. Um outro ponto que precisamos destacar é o de que as pessoas vivem juntas e cumprem juntas uma atividade fundamental: o seu trabalho. O trabalho é indispensável na nossa vida, porque é através dele que nós conseguimos os alimentos, as roupas, construímos nossas casas, enfim, obtemos o que necessitamos para viver.

Nós trabalhamos de empregado ou por conta própria. Quando trabalhamos de empregado, estamos vendendo a nossa força mental e física para alguém. Em troca nós recebemos uma quantia de dinheiro que chamamos de salário. Com este dinheiro nós vamos comprar o que precisa-

mos para viver. A mesma coisa irá acontecer com um agricultor, somente com uma diferença. Ao invés de vender diretamente o trabalho, o nosso "colono" vende o milho, o feijão, a soja, o porco e outros produtos mais, que são frutos deste seu trabalho. Quer dizer, no fundo ele também está vendendo o seu serviço.

Todo o dinheiro que nós ganhamos, ocupamos para comprar o que precisamos para viver. Vejam então o seguinte: quanto mais dinheiro nós ganharmos, mais coisas vamos comprar e consumir. Ou ainda: quanto mais baratas forem as coisas que necessitamos, mais e melhor nós vamos consumir. Trocando em miúdos, como se diz por aí, podemos concluir que se eu tenho dinheiro para ir ao baile, eu vou. Caso contrário, fico em casa. Se eu tenho dinheiro para comprar carne e fazer um churrasco, tudo bem, mas, se o dinheiro é pouco, tem-se que ficar no guizado mesmo, e olha lá.

Isto tudo nos faz refletir. Será que são as pessoas mesmo que mudaram? Ou são as condições de vida destas pessoas que estão ficando difíceis? Quantos velhos e quantos moços não gostariam de estar fazendo todas aquelas festas de antigamente. Talvez, é claro, um pouco modificadas, porque nada se repete exatamente da mesma maneira. As pessoas, pela sua vontade, talvez quisessem tudo isto, mas a falta de dinheiro não deixa. Muita gente até se acomoda, aceita tudo como se fosse coisa do passado e tem quem diz:

— Não gosto mais de baile.

— **MENTIRA**, no fundo gosta, e gosta muito de baile.

(Leonardo)

O VALOR DAS COISAS SIMPLES

As manifestações do saber popular refletem a História das comunidades, das pessoas, as transformações que aconteceram e ainda acontecem. Registrar este saber permite conhecermos os costumes e valores dos grupos e assim, podemos também compreender melhor o que acontece hoje.

Muitas vezes sabemos e ouvimos causos, estórias, contos e achamos que não têm valor porque são coisas simples, que aconteceram num lugarzinho qualquer ou com poucas pessoas. Estamos enganados. A verdade é que nós aprendemos que só as grandes coisas, depois de prontas, são de valor. Não nos ensinaram a ver como elas aconteceram, ver as pequenas coisas feitas antes para que algo ficasse pronto. Por exemplo: vemos uma igreja quando ela está pronta, se é bonita, sólida, bem acabada, e nos esquecemos de ver os tijolos do alicerce que estão escondidos embaixo da terra, que sem eles esta igreja não estaria em pé. Assim acontece com tudo. Por trás sem-

pre existem coisas simples e que fazem com que outras mais importantes aconteçam.

Se nós reunimos muitas estórias e causos sobre os costumes, a maneira de viver das pessoas, nós estaremos compreendendo como e porque a vida hoje é assim como é. Nós estaremos entendendo que tudo o que aconteceu tem importância, para uma ou outra coisa.

Com tudo isto que escrevemos acima queremos fazer um pedido a cada um de vocês que lêem este jornal. Escrevam o que vocês sabem das pessoas e das comunidades, como era a vida, o trabalho, os costumes de antigamente e de hoje, e nos mandem. Nós queremos publicar cada mês alguma coisa escrita por vocês e que ajude aos outros saber e comparar a história de nossa gente.

Para este número aproveitamos o que escreveu a professora Elza de Chiapetta. Vejam como é simples e é importante porque nos ajuda a conhecer melhor nossos meios e a entender como estamos vivendo hoje.

BRIGA NO ALMOÇO

Seu Antônio chegou para o almoço um pouco atrasado e muito nervoso. Ele havia ido à cidade vender a soja na cooperativa.

Dona Maria preparou o almoço com o que havia em casa. O marido foi almoçar e, como estava nervoso, criticou o almoço. Estava faltando o que ele mais gostava de comer: o feijão.

— Maria, por que não cozinhou o feijão?

— Não temos mais, o que compramos no mercado acabou.

— Mas te deixei dinheiro para comprar.

— Você acha que o dinheiro resolve tudo? Não se encontra feijão na cidade toda. Não adianta o dinheiro da soja, pois mesmo assim, não conseguimos comprar o que desejamos comer.

Elza Zuliani — Profa. de Chiapetta